

KRISHNAMURTI



SOBRE A APRENDIZAGEM E O CONHECIMENTO

— ON LEARNING AND KNOWLEDGE —

Cultrix

SOBRE A APRENDIZAGEM E O CONHECIMENTO

J. Krishnamurti

“Existe um nome... que se destaca em contraste com tudo o que existe de secreto, de suspeito, de confuso, de livreco, de escravizador: Krishnamurti. Eis um homem da nossa época que pode ser considerado um mestre da realidade. Ele ocupa uma posição ímpar no cenário mundial.”

HENRY MILLER

Sobre a Aprendizagem e o Conhecimento reúne as mais profundas observações de Krishnamurti sobre a natureza da aprendizagem e do acúmulo de conhecimentos.

Nestas páginas, até agora inéditas, Krishnamurti examina o efeito desses tópicos sobre a percepção humana e afirma que nossa dependência em relação ao conhecimento é potencialmente desastrosa tanto para as relações pessoais como para as relações globais.

Ele valoriza não só o uso necessário do conhecimento como o conhecimento psicologicamente prejudicial, oferecendo novas técnicas de aprendizagem mediante as quais podemos ter uma percepção mais precisa daquilo que desconhecemos.

* * *

J. Krishnamurti (1895-1986) é um renomado mestre espiritual cujas palestras e escritos têm inspirado milhares de pessoas. Nesta nova série publicada pela Editora Cultrix, estão incluídos os seguintes títulos:

Sobre Deus • Sobre relacionamentos • Sobre a vida e a morte • Sobre o viver correto • Sobre conflitos • Sobre a aprendizagem e o conhecimento • Sobre o amor e a solidão • Sobre a mente e o pensamento • Sobre a natureza e o meio ambiente.

EDITORIA CULTRIX

*Sobre a Aprendizagem
e o Conhecimento*

J. Krishnamurti

*Sobre a Aprendizagem
e o Conhecimento*

Tradução

ADAIL UBIRAJARA SOBRAL

MARIA STELA GONÇALVES



EDITORA CULTRIX
São Paulo

Título do original:
On Learning and Knowledge

Copyright © 1994 by Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.
Brockwood Park
Bramdean, Hampshire SO24 0LQ
England.

Instituição Cultural Krishnamurti
Rua dos Andradas, 29 — Sala 1007
20051-000 — RJ — Centro
Brasil
Telefone: (021) 232-2646

Edição
1-2-3-4-5-6-7-8-9

Ano
96-97-98-99

Direitos de tradução para a língua portuguesa
adquiridos com exclusividade pela
EDITORA CULTRIX LTDA.

Rua Dr. Mário Vicente, 374 — 04270-000 — São Paulo, SP — Fone: 272-1399
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso em nossas oficinas gráficas.

A evolução do homem não depende do conhecimento acumulado. [...] Os cientistas e outras pessoas dizem que o homem só pode evoluir adquirindo um conhecimento cada vez maior, galgando os degraus do saber, subindo. Mas o conhecimento é sempre o passado; e se não houver liberdade com relação ao passado, a evolução do homem será sempre limitada, estará sempre restrita a um padrão particular. Estamos dizendo que há uma maneira diferente de aprender, que consiste em observar integralmente, holisticamente, todo o movimento do conhecimento. O conhecimento é necessário; não podemos viver sem ele. Contudo, no próprio ato de compreender o seu caráter limitado, temos uma percepção clara de todo seu movimento. Tacitamente, nós aceitamos o conhecimento como uma coisa natural e vivemos com ele e continuamos a agir com base nele pelo resto da vida. Mas nunca nos perguntamos o que é o conhecimento em si, qual a relação dele com a liberdade, qual a relação dele com aquilo que de fato acontece. Nós aceitamos tudo isso como um ponto pacífico. Isso faz parte da nossa educação e do nosso condicionamento.

Ojai, 15 de abril de 1979

Sumário

<i>Prefácio</i>	9
Madras, 22 de Outubro de 1958.....	11
Bombaim, 24 de Fevereiro de 1957.....	16
O Erudito ou o Sábio? Extraído de <i>Commentaries on</i> <i>Living First Series</i>	22
Excerto de <i>Krishnamurti's Notebook</i> , Paris, Setembro de 1961	27
Saanen, 19 de Julho de 1970	32
Brockwood Park, 12 de Setembro de 1970	43
Saanen, 15 de Julho de 1973	52
Brockwood Park, 6 de Setembro de 1973	59
Brockwood Park, 31 de Agosto de 1978.....	75
Ojai, 15 de Abril de 1979.....	92
Conversa com Estudantes em Rajghat, 22 de Dezembro de 1952	103
Nova Delhi, 17 de Fevereiro de 1960	106
Madras, 23 de Dezembro de 1964	117
Bombaim, 21 de Fevereiro de 1965.....	122
Saanen, 4 de Agosto de 1965.....	126
Bombaim, 16 de Fevereiro de 1966.....	133
Saanen, 12 de Julho de 1964	138
Madras, 16 de Dezembro de 1959	146
Excerto de <i>Krishnamurti's Notebook</i> , Paris, Setembro de 1961.....	154
Fontes e Agradecimentos	158

Prefácio

Jiddu Krishnamurti nasceu na Índia em 1895 e, com treze anos, foi aceito pela Sociedade Teosófica, que o considerou talhado para o papel de “mestre do mundo”, cujo advento vinha anunciando. Em pouco tempo Krishnamurti despontaria como mestre vigoroso, independente e original, cujas palestras e escritos não se ligavam a nenhuma religião específica nem eram próprias do Ocidente ou do Oriente, mas de todo o mundo. Repudiando com firmeza a imagem messiânica, em 1929 ele dissolveu dramaticamente a ampla organização monista que se constituía à sua volta e declarou ser a verdade um “território inexplorado”, do qual não era possível aproximar-se através de nenhuma religião formal, filosofia ou seita.

Pelo resto de sua vida, Krishnamurti rejeitou com vigor a condição de guru que lhe tentavam impingir. Ele continuou a reunir grandes multidões em todo o mundo, mas não se atribuía nenhuma autoridade, não queria ter discípulos e falava sempre como um indivíduo dirigindo-se a outro. No âmago de seus ensinamentos encontrava-se a constatação de que mudanças fundamentais na sociedade só podem ser conseguidas através da transformação da consciência individual. Krishnamurti acentuava constantemente a necessidade do autoconhecimento e da compreensão das influências restritivas e separatistas das religiões, bem como das condicionantes da nacionalidade. Krishnamurti apontava para a urgente necessidade de se manter o espírito aberto e para o “amplo espaço da mente em que há inimaginável energia”. Esse parece ter sido o manancial de sua criatividade e a chave para o poder catalítico que exercia sobre uma tão grande variedade de pessoas.

Fez palestras sem cessar, por todos os cantos do mundo até sua morte, ocorrida em 1986, aos noventa anos de idade. Suas conferências e diálogos, diários e cartas foram reunidos em mais de sessenta livros, e em centenas de gravações. Desse vasto corpo de ensinamentos compilou-se esta série de livros-tema. Cada livro focaliza um assunto que possui particular relevância e urgência em nossa vida diária.

Madras, 22 de Outubro de 1958

O nosso problema é a mente, a mente que é condicionada, que é moldada, que é o brinquedo de toda influência, de toda cultura; a mente que é o resultado do passado, sobrecarregada de incontáveis lembranças, experiências. O que uma mente assim pode fazer para se libertar de tudo isso e se transformar num indivíduo total? Afirmo que isso só é possível quando há um estudo sério e cuidadoso de si mesmo — não sendo o eu estudado o atman nem algum pretendo *eu superior*, porque, uma vez mais, estes se resumem em palavras. Estou me referindo ao eu da existência cotidiana, ao eu que fica irritado, ao eu que é ambicioso, que se sente magoado, que deseja ser reconhecido, que é astuto, que diz “tenho de ter segurança”, “tenho de levar em conta a minha posição”, etc. Esse é o único eu que temos. O eu superior, o super-atman, não passa de uma ideologia, de um conceito, de uma irrealidade; e não é bom correr atrás de uma irrealidade, porque isso leva à ilusão. Sei que todos os livros sagrados falam do super-atman, seja lá o que isso signifique; e, para o homem que se vê preso no eu cotidiano, isso parece uma fuga maravilhosa. Quanto mais especula, quanto mais escreve a respeito disso, tanto mais religioso esse homem julga ser. Mas eu digo que, se você devassar o eu que todos conhecemos, o eu do movimento diário, então, por meio desse autoconhecimento, por meio de uma análise cuidadosa, de uma observação cuidadosa, vocês vão descobrir que têm capacidade de se libertar das amarras de todas as influências que condicionam o pensamento.

Outro aspecto é o fato de que o pensamento, através do próprio processo de pensar, se condiciona a si mesmo. Não é o que acontece?

Todo e qualquer pensamento que vocês tenham afeta a mente. Seja o pensamento bom ou ruim, feio ou bonito, sutil ou perspicaz — seja qual for, o pensamento molda a mente. Assim, o que é o pensamento? O pensamento, sem dúvida nenhuma, é a reação daquilo que vocês sabem. O conhecimento reage, e damos a isso o nome de pensamento. Se ficarem alertas, conscientes do seu próprio processo de pensamento, vocês vão se dar conta de que o que quer que pensem já moldou a mente; e uma mente moldada pelo pensamento deixou de ser livre, e por isso não é uma mente individual.

Logo, o autoconhecimento não é um processo de continuidade do pensamento, mas de redução, de cessação do pensamento. Mas você não pode fazer cessar o pensamento por meio de nenhum truque, pela negação, pelo controle, pela disciplina. Se fizer isso, você ainda estará preso ao campo do pensamento. O pensamento só pode terminar quando você conhecer o conteúdo total da pessoa que pensa; e assim começamos a ver como é importante ter autoconhecimento. A maioria de nós se contenta com o autoconhecimento superficial, com arranhar a superfície, com o bê-a-bá da psicologia. Não adianta ler alguns livros de psicologia, arranhar um pouco a superfície e dizer que sabe. Isso é mera aplicação à mente daquilo que se aprendeu. Por conseguinte, vocês têm de começar a se perguntar o que é a aprendizagem. Vocês percebem a relação entre o autoconhecimento e a aprendizagem? Uma mente que tem autoconhecimento está aprendendo, ao passo que uma mente que aplica a si conhecimentos adquiridos e pensa que isso é autoconhecimento está apenas acumulado. Uma mente que acumula não pode aprender. Façam o favor de observar. Vocês, em algum momento, aprendem? Já descobriram se aprendem alguma coisa ou se limitam a acumular informações?

Sem autoconhecimento não há indivíduo. Vocês lêem essa afirmação — qual a sua reação a ela? Vocês não dizem “O que o senhor quer dizer com isso?” Ou seja, vocês dizem: “Explique, e vou concordar com o senhor ou discordar do senhor.” E depois falam que aprenderam alguma coisa. Mas isso é aprendizagem? Será que a aprendizagem é uma questão de acordo ou desacordo? Vocês são capazes de examinar atentamente essa afirmação sem concordar nem discordar? Vocês cer-

tamente querem saber se essa afirmação é verdadeira ou falsa, e não se concordam com ela ou dela discordam. Ninguém se importa se vocês concordam ou discordam, mas se descobrirem por si mesmos se ela é ou não verdadeira, vocês estarão de fato começando a perceber, a aprender.

Logo, uma mente que concorda ou discorda, que chega a uma conclusão, é incapaz de aprender. A mente especializada nunca é uma mente criativa. A mente que acumulou, que está mergulhada no conhecimento, é incapaz de aprender. A aprendizagem requer uma mente receptiva; requer uma mente que diga “Não sei, mas estou disposta a aprender. Mostre-me”. E se não houver ninguém para mostrar, ela vai começar a procurar por si mesma. Ela não começa de um ponto fixo nem segue na direção de outro ponto fixo. E é isso que fazemos, não? Chegamos a uma conclusão e, a partir desse ponto fixo, pensamos mais e caminhamos para outra conclusão. E damos a esse processo o nome de aprendizagem. Mas se prestarem atenção vocês vão ver que estão presos a uma posição fixa e rumam para outra. E só. Isso nada tem que ver com a aprendizagem. A aprendizagem exige uma mente disposta a aprender, mas não a aumentar a própria bagagem. Porque no momento em que se empenham em aumentar a própria bagagem, vocês deixam de aprender. Assim, o autoconhecimento não é um processo de adição. Vocês estão aprendendo é sobre o eu, sobre os procedimentos da mente. Estão aprendendo sobre as espertezas, sutilezas, as motivações, extraordinárias capacidades, a profundidade, a vastidão da mente. E, para aprender, vocês têm de chegar com uma enorme humildade. Aquele que acumulou conhecimentos não conhece a humildade. Ele pode falar acerca da humildade, pode citar palavras sobre ela, mas não tem o sentido da humildade. O homem que aprende é essencialmente humilde.

Assim, temos o problema de trazer à existência o verdadeiro indivíduo. Esse indivíduo não pode ser criado exceto por meio do autocohecimento, e vocês têm de aprender sobre o eu. Vocês não podem condenar de nenhum modo aquilo que encontrarem, nem se identificar com isso porque toda identificação, justificativa ou condenação é resultado do acúmulo, que leva vocês a deixar de aprender. Percebam, por favor, a importância disso. Pode soar muito contraditório, mas não

é. Se prestarem atenção, vocês verão o quanto é necessário aprender; e, para aprender, é preciso ter um sentido de completa humildade; e não há humildade se vocês condenarem aquilo que vêem em si mesmos. Do mesmo modo, se vêem algo bom e se identificam com isso, vocês deixam de aprender. Logo, a mente capaz de aprender é a verdadeira mente individual, e não a mente que acumulou. No momento, passamos o tempo inteiro aumentando o nosso acúmulo.

Por exemplo, vocês já examinaram o que é a experiência? Observem, não se limitem a ouvir o que eu digo, mas atentem para a sua própria mente e entrem nela enquanto eu falo. Quando afirmam “tive uma experiência”, o que vocês querem dizer com isso? *Experiência* significa — não é? — uma sensação, uma reação reconhecível. Reconheço que estou tendo uma experiência prazerosa ou dolorosa. Reconheço porque tive antes uma experiência semelhante. Assim, as experiências precedentes condicionam a experiência presente. Esta última não é uma nova experiência. Se for uma nova experiência, ela será imediatamente reconhecida, traduzida e absorvida pelo antigo. Assim toda experiência condiciona a mente, porque toda experiência é reconhecida por meio de experiências anteriores. Por isso, a experiência nunca é um fator de libertação.

Enquanto o mundo inteiro ficar desenvolvendo técnicos, especialistas, com todo o pensamento moldado e condicionado, não será possível haver um indivíduo. A possibilidade de ser um indivíduo só vem quando vocês começam a compreender a si mesmos e a aprender sobre si mesmos, não em livros, porque o eu — aquilo que vocês são — não pode ser compreendido por meio de outra pessoa. Vocês têm de observá-lo por si mesmos, e só podem observar o eu com clareza, com vigor, com foco, no relacionamento. O modo como vocês se comportam, sua maneira de falar, de olhar uma flor, uma árvore, seu modo de dirigir-se a um subalterno, o movimento das mãos, dos olhos, tudo vai mostrar, se vocês tiverem alguma capacidade de percepção, como a sua mente funciona e que a mente é o eu. Ela pode inventar o supereu — ou o inferno —, mas ainda é a mente.

A não ser que a mente compreenda a si mesma, não há liberdade. A liberdade não pode vir mediante o acúmulo. Vocês têm de aprender

que coisa extraordinária é a mente. É a coisa mais maravilhosa que temos, mas não sabemos usá-la. Usamo-la apenas em certos níveis, níveis autocentrados especializados. A mente é um instrumento magnífico, uma coisa viva de que ainda sabemos muito pouco. Só conhecemos a sua superfície, as tênues camadas da consciência, mas nada sabemos do ser total da mente, de suas fenomenais profundezas. E não podemos sabê-lo através da mera especulação. A única coisa que podemos fazer é aprender sobre ela e, para fazê-lo, temos de dar-lhe total atenção. Atenção não é o mesmo que concentração. A concentração só torna a mente estreita, ao passo que a atenção é um estado em que tudo é.

Portanto, o importante para um homem religioso não é a repetição daquilo que aprendeu nos livros nem as experiências que seu condicionamento projetou; o importante é que ele esteja voltado para a compreensão de si mesmo sem nenhuma ilusão, sem nenhuma distorção, sem nenhum rodeio — ver as coisas nele mesmo como de fato são. E ver as coisas tal como são é uma tarefa gigantesca. Não sei se vocês já fizeram isso. Nem sei se vocês já observaram alguma coisa sem dar-lhe um colorido, sem distorcê-la, sem dar-lhe um nome. Sugiro que tentem contemplar aquilo que chamam de ambição, ou inveja, e percebam como é difícil fazê-lo, porque as próprias palavras — *ambição*, *inveja* — trazem consigo uma significação condenatória. Você pode ser um homem ambicioso, um homem invejoso, mas contemplar o sentimento, a sensação de ambição, sem condená-la, simplesmente observá-la, é algo que exige, como vocês vão ver, uma capacidade extraordinária.

Tudo isso é parte do autoconhecimento e, sem autoconhecimento, façam o que fizerem, façam reformas, promovam toda espécie de revolução, tenham superlíderes, superpolíticos, vocês jamais criarão um mundo em que o indivíduo se torne um ser total e possa assim influenciar a sociedade. Se vocês estiverem interessados, nós vamos penetrar na questão com uma grande seriedade. Mas se só quiserem examiná-la de modo superficial, é muito melhor não fazer nada. É bem melhor ter poucas pessoas efetivamente sérias do que muitas que apenas concordem conosco. Há necessidade de determinação, de uma mente determinada e sincera que comece a examinar-se a si mesma. Uma mente assim vai descobrir por si mesma aquilo que é real.

Bombaim, 24 de Fevereiro de 1957

Já que a vida é tão complicada, me parece que se deve abordá-la com grande simplicidade. A vida é um vasto complexo de lutas, de angústias, de alegrias passageiras, e talvez, para alguns, da agradável continuidade de uma satisfação que conheceram. Diante desse processo extraordinariamente intrincado que chamamos de existência, temos que abordá-lo com muita simplicidade; porque a mente que realmente consegue entender o problema é a mente simples, e não a mente sofisticada, a mente atravancada de conhecimentos. Se queremos compreender algo muito complexo, temos de abordá-lo de modo muito simples; e aqui reside a nossa dificuldade — porque sempre abordamos os nossos problemas com asserções, pressupostos e conclusões, e por nunca estarmos livres para abordá-los com a humildade que eles requerem.

A mera escuta verbal ou intelectual não tem sentido quando nos vemos diante de grandes problemas. Por isso, tentemos escutar, ao menos por agora, não só no nível verbal nem com certas conclusões a que a mente tenha chegado, mas com um sentido de humildade, de modo que vocês e eu possamos examinar juntos todo esse problema do conhecimento.

A revolução fundamental é desfazer o conhecimento; desfazer o conhecimento é o começo da humildade. Só a mente humilde pode compreender o que é verdadeiro e o que é falso, sendo por isso capaz de desprezar o falso e buscar o verdadeiro. Porém, a maioria das pessoas aborda a vida com o conhecimento — o conhecimento é aquilo que aprendemos, aquilo que nos foi ensinado e aquilo que acumulamos nos incidentes e acidentes da vida. Esse conhecimento se torna a nossa base,

o nosso condicionamento. Ele molda os nossos pensamentos, enquadra-nos no padrão daquilo que já passou. Se queremos entender alguma coisa, temos de abordá-la com humildade; e é o conhecimento que nos faz arrogantes. Vocês já perceberam que quando sabem algo, vocês deixam de examinar as coisas como elas são? Quando já sabem, vocês não vivem. A única mente capaz de compreender é a mente que desfaz o que acumulou, que dissipa de modo concreto, e não apenas intelectual, tudo aquilo que aprendeu. E, para a maioria de nós, o conhecimento se torna a autoridade, o guia que nos mantém no santuário da sociedade, nas fronteiras da respeitabilidade. O conhecimento é o centro a partir do qual julgamos e avaliamos, a partir do qual condenamos, aceitamos ou rejeitamos.

Será que a mente pode se libertar do conhecimento? Será que esse centro do eu, que é essencialmente o acúmulo de conhecimento, pode se dissolver, de forma que a mente fique realmente humilde, inocente, e portanto capaz de perceber o que é a verdade?

Afinal, o que sabemos? Sabemos apenas fatos ou aquilo que nos ensinaram acerca dos fatos? Quando examino a questão e pergunto a mim mesmo “O que sei verdadeiramente?”, percebo que só sei mesmo o que me ensinaram, uma técnica, uma profissão, mais as informações que adquiri no relacionamento cotidiano de desafio e reação. Fora isso, o que sei? O que vocês sabem? O que sabemos é evidentemente o que nos foi ensinado ou o que acumulamos a partir de livros ou de influências ambientais. Esse acúmulo de coisas que adquirimos ou que nos foram transmitidas reage ao ambiente, fortalecendo ainda mais a base daquilo que chamamos de conhecimento.

E então? Será que a mente, que foi construída pelo conhecimento, pode desfazer o que acumulou e, desse modo, eliminar de vez a autoridade? É a autoridade do conhecimento que nos faz arrogantes e vaidosos, e só há humildade quando essa autoridade é eliminada — não de modo teórico, mas concretamente, de maneira que possamos abordar todo esse processo complexo da existência com uma mente que não saiba. Será que a mente tem possibilidade de se livrar daquilo que aprendeu?

Vemos que há muita tirania no mundo, e que a tirania está se disseminando; há opressão, há miséria, tanto física como interior, e há a constante ameaça de guerra; diante de um mundo como este, nosso pensamento precisa passar por algum tipo de mudança radical. A maioria das pessoas, no entanto, julga que a ação é mais importante do que o pensamento; queremos saber o que fazer quanto a todos esses problemas complexos, e nos preocupamos mais com a ação do que com o processo de pensamento que vai produzir a ação correta.

Ora, é evidente que o processo de pensamento não pode ser renovado se a pessoa começar a pensar a partir de algum pressuposto, de alguma conclusão. Logo, tenho de perguntar a mim mesmo, tal como vocês a si mesmos, se a mente pode desfazer o conhecimento que acumulou; porque o conhecimento se torna autoridade, que produz arrogância — e é com essa arrogância e essa vaidade que encaramos de forma consciente ou inconsciente a vida e, portanto, nunca abordamos nada com humildade.

Sei porque aprendi, vivenciei, acumulei ou guio o meu pensamento e a minha atividade segundo alguma ideologia à qual me amoldo. Desse modo, construo pouco a pouco em mim mesmo esse processo de autoridade, da autoridade de quem vivencia, de quem sabe. E o meu problema é este: será que eu que acumulei tanto conhecimento, que aprendi tanta coisa, que tive tantas experiências, posso desfazer tudo isso? Porque não é possível mudar radicalmente sem desfazer o conhecimento. O próprio ato de desfazer o conhecimento é o começo dessa mudança, não é?

O que designamos por *mudança*? Será que a mudança é a mera transferência do que acumulei para outros campos do conhecimento, para novos pressupostos e ideologias, projetados a partir do passado? É isso que costumamos chamar de *mudança*, não é mesmo? Quando digo que preciso mudar, penso em mudar para alguma coisa que já conheço. Quando digo que preciso ser bom, já tenho uma idéia, uma formulação, um conceito do que é ser bom. Mas isso não é o florescer da bondade. O florescer da bondade só surge quando compreendo o processo e o acúmulo do conhecimento e quando desfaço o que sei. Então há possibilidade de uma revolução, de uma mudança radical.

Mas o simples passar do conhecido para o conhecido não é mudança nenhuma.

Espero estar sendo claro, porque vocês e eu precisamos mudar radicalmente, de uma maneira espantosa, revolucionária. É um fato óbvio que não podemos continuar como estamos. As coisas alarmantes que estão acontecendo no mundo exigem que todos esses problemas sejam abordados a partir de uma perspectiva totalmente diferente, com uma mente e um coração totalmente novos. Eis por que tenho de compreender como fazer em mim essa mudança radical. E vejo que só posso mudar desfazendo tudo o que já conheço. O desembaraçar a mente do conhecimento constitui em si uma mudança radical, porque assim a mente fica humilde, e essa mesma humildade faz surgir uma ação totalmente nova. Enquanto a mente estiver adquirindo, comparando, pensando em termos do “mais”, ela será incapaz de uma ação nova. E será que eu, invejoso, ambicioso, posso mudar completamente, de modo que a mente pare de adquirir, de comparar, de competir? Em outras palavras, será que a mente pode esvaziar-se a si mesma e, nesse mesmo processo de auto-esvaziamento, descobrir a ação nova?

Ou seja, será possível efetuar uma mudança fundamental que não seja o resultado de um ato de vontade, que não seja o mero resultado da influência, da pressão? A mudança fundada na influência, na ação, no ato de vontade, não é mudança nenhuma. Isso é evidente se vocês penetrarem na questão. E se sinto necessidade de uma mudança completa, radical, em mim mesmo, tenho de examinar o processo do conhecimento, que forma o centro a partir do qual acontece toda experiência. Há em cada um de nós um centro que é o resultado da experiência, do conhecimento, da memória; e nós agimos e “mudamos” de acordo com esse centro. O próprio ato de desfazer esse centro, a própria dissolução desse “eu”, desse processo de acúmulo, gera uma mudança radical. Isso, todavia, exige o esforço do autoconhecimento.

Tenho de conhecer a mim mesmo tal como sou, e não como acho que devo ser. Tenho de me conhecer como o centro a partir do qual estou agindo, a partir do qual estou pensando, o centro formado pelo conhecimento acumulado, por pressupostos, pela experiência passada, que são coisas que impedem uma revolução interior, uma radical

transformação de mim mesmo. E como temos um tão grande número de complexidades no mundo atual, com tantas mudanças superficiais acontecendo, é necessário que haja essa mudança radical no indivíduo, porque só o indivíduo, e não o coletivo, pode criar um novo mundo.

Em vista de tudo isso, será possível que você e eu, como dois indivíduos, nos modifiquemos, não de modo superficial, mas radicalmente, de forma que haja a dissolução do centro de que emana toda a vaidade, todo o sentido de autoridade, esse centro que acumula ativamente, centro feito de conhecimento, de experiência, de memória?

Trata-se de uma pergunta a que não se pode dar uma resposta verbal. Faço-a somente para despertar o pensamento de vocês, sua capacidade inquisitiva, a fim de que vocês iniciem a caminhada sozinhos. Porque vocês não podem fazer essa caminhada com a ajuda de outra pessoa; vocês não podem ter um guru que lhes diga o que fazer, o que procurar. Se alguém lhes disse isso, vocês já não estarão nessa caminhada. Mas será que vocês não podem começar essa caminhada sozinhos, sem o acúmulo do conhecimento, que impede o progresso nesse exame? Para examinar, a mente precisa estar livre do conhecimento. Quando há alguma pressão por trás desse exame, ele não é mais reto, mas torto, e é por esse motivo que é essencial ter uma mente realmente humilde, uma mente que diga “não sei; vou procurar saber”. E que nunca acumule no processo de exame das coisas. No momento em que acumulam, vocês passam a ter um centro, e esse centro sempre irá influenciar o exame. E então? Será que a mente é capaz de examinar sem acumular, sem assimilar coisas, sem enfatizar o centro através da autoridade do conhecimento? E, se for capaz, qual o estado dessa mente? Qual o estado da mente realmente inquisitiva? Sem dúvida, é o estado do vazio.

Não sei se vocês já tiveram a sensação do que é estar completamente só, sem nenhuma pressão, sem motivação nem influência, sem a idéia do passado nem do futuro. Estar completamente só é totalmente diferente da solidão. Há solidão quando o centro de acumulação se sente isolado em suas relações com o outro. Eu não estou falando dessa sensação de solidão. Falo do estar só, em que a mente não se acha contaminada porque já compreendeu o processo de contaminação, que

é o acúmulo. E quando a mente estiver totalmente só — porque, mediante o autoconhecimento, ela compreendeu o centro de acumulação —, vocês vão perceber que, estando vazia, livre de influências, a mente é capaz de uma ação não vinculada com a ambição, com a inveja nem com nenhum dos conflitos que conhecemos. Por ser indiferente, no sentido de não estar procurando um resultado, essa mente pode viver com compaixão. Mas esse estado mental não pode ser adquirido nem desenvolvido. Ele surge por meio do autoconhecimento, por meio do conhecimento de si mesmo — não de algum eu enorme, maior, mas de pequeno eu, que é invejoso, ambicioso, teimoso, raivoso, maldoso. O necessário é conhecer o todo dessa mente que é o seu pequenino eu. Para ir muito longe, você tem de começar de muito perto, e o perto é você mesmo, é o “eu” que você precisa compreender. E quando vocês começarem a compreender, vão perceber que o conhecimento se dissolve, o que deixa a mente totalmente alerta, atenta, vazia, sem esse centro. E só uma mente assim é capaz de perceber o que é a verdade.

O Erudito ou o Sábio? Extraído de *Commentaries on Living First Series*

A chuva dissipara a poeira e o calor de muitos meses, e as folhas estavam limpas e reluzentes; folhinhas recém-nascidas começavam a despontar. Por toda a noite, as rãs encheram o ar com o seu profundo coaxar; descansavam um pouco e logo recomeçavam. O rio corria rápido e havia suavidade no ar. As chuvas estavam apenas começando. Nuvens escuras iam se acumulando e o sol estava oculto. A terra, as árvores e toda a natureza pareciam esperar outra purificação. A estrada tinha uma coloração marrom-escura, e as crianças brincavam nas poças; faziam tortas de lama ou castelos e casas com muros circundantes. Havia júbilo no ar depois de tantos meses de calor, e a grama verde começava a cobrir a terra. Tudo estava se renovando.

Essa renovação era inocência.

O homem considerava-se muitíssimo instruído, e, para ele, o conhecimento era a própria essência da vida. A vida sem conhecimento era pior do que a morte. Seu conhecimento não era sobre uma ou duas coisas, mas cobria um grande número de aspectos da vida; ele era capaz de falar sobre o átomo e o comunismo, sobre a astronomia e o fluxo anual das águas no rio, sobre dieta e explosão populacional. Tinha um estranho orgulho do seu conhecimento e, como artista talentoso, ostentava esse conhecimento a fim de impressionar; seu conhecimento deixava os outros calados e respeitosos. Que medo temos do conhecimento, e que atitude reverente temos diante de quem conhece! Seu inglês era por vezes bem difícil de entender. Ele nunca saíra do seu país, mas lera

livros de outras terras. Era viciado em conhecimento como outros o são em álcool ou em alguma outra coisa.

“O que é a sabedoria, se não for conhecimento? Por que o senhor diz que temos de suprimir todo o conhecimento? O conhecimento não é essencial? Sem ele, o que seríamos? Ainda seríamos como os primitivos, sem nada saber do mundo extraordinário em que vivemos! Sem conhecimento, a existência em todos os níveis seria impossível. Por que o senhor insiste tanto em afirmar que o conhecimento é um obstáculo ao entendimento?”

O conhecimento é condicionado. O conhecimento não dá liberdade. Podemos saber construir um avião e voar para o outro lado do mundo numas poucas horas, mas isso não é liberdade. O conhecimento não é o fator criativo, porque o conhecimento é contínuo e o que tem continuidade não pode levar ao implícito, ao imponderável, ao desconhecido. O conhecimento é um empecilho ao que é aberto, ao desconhecido. O desconhecido não pode receber as vestes do conhecido; o conhecido sempre se move para o passado e este se sobrepõe de modo contínuo ao presente, ao desconhecido. Sem liberdade, sem uma mente receptiva, não pode haver compreensão. A compreensão não vem com o conhecimento; ela vem nas entrelinhas, no intervalo entre os pensamentos. Esse intervalo é o silêncio não quebrado pelo conhecimento; é o aberto, o imponderável, o implícito.

“O conhecimento não é útil, essencial? Sem conhecimento, como pode haver descoberta?”

A descoberta acontece, não quando a mente está atulhada de conhecimento, mas quando este está ausente; só então há imobilidade e abertura e, nesse estado, a compreensão ou a descoberta acontecem. O conhecimento é sem dúvida essencial num certo nível, mas em outro é incontestavelmente prejudicial. Quando é usado como meio de auto-engrandecimento, de exibição, o conhecimento é danoso, gerando separação e inimizade. A auto-expansão é desintegração, seja em nome de Deus, do Estado ou de uma ideologia. O conhecimento, num dado nível, embora seja condicionamento, é necessário: a linguagem, a técnica, etc. Esse condicionamento é uma salvaguarda, um fator essencial da vida exterior; porém, quando se emprega o condicionamento psico-

logicamente, quando o conhecimento se torna um meio de conforto, de gratificação psicológica, dele nascem inevitavelmente o conflito e a confusão. Além disso, o que designamos por saber? O que o senhor realmente sabe?

“Sei sobre muitas coisas.”

O senhor quer dizer que tem muitas informações, dados acerca de muitas coisas. O senhor acumulou determinados fatos — e daí? Acaso a informação sobre a calamidade da guerra evita as guerras? O senhor dispõe, sem dúvida, de uma multiplicidade de dados acerca do ódio e da violência dentro de cada pessoa e na sociedade, mas porventura essas informações fizeram cessar o ódio e o antagonismo?

“O conhecimento dos efeitos da guerra pode não pôr um fim imediato às guerras, mas terminará por trazer a paz. As pessoas têm de ser educadas; é preciso mostrar-lhes os efeitos da guerra, do conflito.”

As pessoas são o senhor e seu próximo. O senhor, que tem todas essas informações, é menos ambicioso, menos violento, menos centrado em si mesmo? Por ter estudado as revoluções, a história das desigualdades, o senhor está livre de se sentir superior, de se dar ares de importância? Por conhecer amplamente os problemas e calamidades do mundo, o senhor ama? Além disso, o que sabemos, de que temos conhecimento?

“O conhecimento é a experiência acumulada ao longo das eras. Numa forma é tradição, e noutra é instinto, tanto consciente como inconsciente. As lembranças e experiências ocultas, quer legadas quer adquiridas, atuam como guias e moldam a nossa ação; essa lembrança, tanto da raça como do indivíduo, são essenciais, visto que ajudam e protegem o homem. O senhor renunciaria a esse conhecimento?”

A ação moldada e guiada pelo medo não é ação nenhuma. A ação que resulta de preconceitos raciais, de medos, de esperanças, de ilusões, é condicionada; e todo condicionamento, como dissemos, apenas revela mais conflito e tristeza. O senhor é condicionado como brâmane de acordo com uma tradição que existe há séculos; e reage a estímulos, a mudanças sociais e ao conflito como um brâmane. Reage de acordo com o seu condicionamento, nos termos de suas experiências passadas, do seu conhecimento, de modo que as novas experiências apenas con-

dicionam mais. A experiência vivida segundo uma crença, de acordo com uma ideologia, é só a continuação dessa crença, a perpetuação de uma idéia. Uma tal experiência só fortalece a crença. A idéia separa, e a experiência de acordo com uma idéia, um padrão, torna a pessoa mais separativa. A experiência enquanto conhecimento, enquanto acúmulo psicológico, apenas condiciona, sendo então somente mais uma modalidade de auto-engrandecimento. O conhecimento enquanto experiência no nível psicológico é um estorvo à compreensão.

“Sentimos as coisas de acordo com as nossa crenças?”

Isso é evidente, não? O senhor é condicionado por uma sociedade particular — que é o senhor mesmo em outro nível — a acreditar em Deus, nas divisões sociais; e outro é condicionado a acreditar que Deus não existe, a seguir uma ideologia muito diferente. Um e outro vão sentir as coisas de acordo com a própria crença, mas essa experiência é um empecilho ao desconhecido. A experiência, o conhecimento, que é memória, é útil em determinados níveis; mas a experiência enquanto forma de reforçar o “eu” psicológico, o ego, só leva à ilusão e ao sofrimento. E o que podemos saber se a mente está repleta de experiências, de lembranças, de conhecimento? Pode haver vivência quando sabemos? Será que o conhecido não impede a vivência? O senhor pode saber o nome de uma flor, mas isso o leva a ter uma experiência da flor? A experiência vem antes, e o dar um nome apenas reforça a experiência. O nome impede uma nova experiência. Não é necessário, para o estado de experiência, haver liberdade em relação à escolha de um nome, à associação, ao processo de rememoração?

O conhecimento é superficial — e o superficial pode levar ao profundo? Pode a mente, que é resultado do conhecido, do passado, alçar-se algum dia acima e além de sua própria projeção? Para descobrir, ela tem de parar de projetar. Sem as suas projeções, a mente não existe. O conhecimento, o passado, só pode projetar aquilo que é conhecido. O indivíduo que descobre não pode ser instrumento do conhecido. Para haver descoberta, o conhecido deve cessar; para haver vivência, a experiência deve cessar. O conhecimento é um estorvo à compreensão.

“O que nos resta se não tivermos conhecimento, experiência, memória? Sem isso, não somos coisa alguma.”

E o senhor é mais do que isso agora? Quando diz “sem o conhecimento nada somos”, o senhor apenas faz uma afirmação verbal sem viver esse estado, não é verdade? Quando o senhor faz essa afirmação, sente medo, o medo de se ver desnudo. Sem essas coisas acumuladas, o senhor não é coisa alguma — eis a verdade. E qual o problema de ser nada? Por que toda essa pretensão e imodéstia? Vocês revestiram esse nada com fantasias, com esperanças, com várias idéias tranquilizadoras; mas, por trás dessas capas, não existe coisa alguma, e não falo em termos de alguma abstração filosófica: não há concretamente nada. A vivência desse nada é o começo da sabedoria.

Como temos vergonha de dizer que não sabemos! Encobrimos com palavras e informações o fato de sermos ignorantes. Na realidade, o senhor não conhece nem a sua mulher nem o seu vizinho — e como poderia, quando nem sequer conhece a si mesmo? O senhor tem uma série de informações, de conclusões, de explicações a respeito de si mesmo, mas não conhece aquilo que é, o implícito. As explicações, as conclusões, que chamamos de *conhecimento*, impede que se vivencie aquilo que é. Sem inocência, como pode haver sabedoria? Sem a morte do passado, como pode haver a renovação da inocência? O morrer ocorre momento a momento. Morrer é não acumular; o indivíduo que vivencia tem de morrer para aquilo que vivenciou. Sem experiência, sem conhecimento, o indivíduo que vivencia não existe. Ter conhecimento é ser ignorante; não ter conhecimento é o começo da sabedoria.

*Excerto de Krishnamurti's Notebook,
Paris, Setembro de 1961*

6 de setembro

O sol mal começava a se mostrar por entre as nuvens, de manhã bem cedo, e o burburinho cotidiano do tráfego ainda não se iniciara; chovia e o céu exibia um cinza sombrio. A chuva caía no pequeno terraço e a brisa era fresca. De pé sob o toldo, observando uma faixa do rio e as folhas do outono, veio-me aquela sensação de estranheza, como um raio, mantendo-se presente por algum tempo para logo ir-se embora. É estranho o grau de intensidade e de realidade que assumiu. Era tão real como os telhados das casas, com centenas de chaminés. Havia nela uma força incomum; por causa da sua pureza, ela era vigorosa; tinha a força da inocência que nada pode corromper. E foi uma bênção.

O conhecimento é letal para a descoberta. O conhecimento está sempre no tempo, no passado; ele jamais leva à liberdade. Mas o conhecimento é necessário para agir, para pensar, e sem ação a existência não é possível. A ação, porém, por mais sábia, virtuosa e nobre que seja, vai abrir a porta que leva à verdade. Não há um caminho para a verdade; não é possível adquiri-la por meio da ação nem de algum aprimoramento do pensar. A virtude não passa de ordem num mundo desordenado, e é preciso que haja virtude, que é um movimento de não-conflito. Mas nada disso vai abrir a porta que leva à imensidão que é a verdade. A totalidade da consciência tem de despojar-se de todo o seu conhecimento, de todas as suas ações, de toda a sua virtude — não

esvaziar-se com um propósito, para ganhar, para realizar, para vir a ser algo. Ela tem de se manter vazia, embora funcionando no mundo cotidiano do pensamento e da ação. Desse vazio devem nascer o pensamento e a ação. Esse vazio, no entanto, não vai abrir a porta. Não deve haver porta nem tentativa de alcançar algo. Não deve haver centro nesse vazio, porque esse vazio não tem medida; é o centro que mede, pesa, calcula. Esse vazio está além do tempo e do espaço, além do pensamento e do sentimento. Ele vem tão serena e discretamente quanto o amor; ele não tem começo nem fim. Ele existe, inalterável e imensurável.

8 de setembro

Pode-se até mesmo ver as estrelas nesta cidade bem iluminada, e há outros sons além do burburinho do trânsito — o arrulho dos pombos e o chilrear dos pardais; há outros odores além dos monóxidos — o odor das folhas de outono e o cheiro das flores. Hoje, bem cedo, havia algumas estrelas no céu e nuvens aveludadas; e, com elas, veio aquela intensa penetração das profundezas do desconhecido. O cérebro estava imóvel, tão imóvel que era capaz de perceber o mais ligeiro ruído; e estando ele imóvel e tão impossibilitado de interferir, houve um movimento que veio do nada e, atravessando o cérebro, alcançou as profundezas desconhecidas onde a palavra perdeu o sentido. Ele passou impetuosamente pelo cérebro e foi além do tempo e do espaço. Não estou descrevendo uma fantasia, um sonho, uma ilusão, mas um fato real que aconteceu — mas o que aconteceu não é a palavra nem a descrição. Havia uma energia ardente, uma vitalidade explosiva e imediata, e com ela veio esse movimento penetrante. Foi como um vento tremendo, reunindo forças e fúria enquanto passava, destruindo, purificando, deixando um imenso vazio. Eu tinha completa consciência da coisa na sua integridade e uma força e uma beleza enormes se manifestaram — não a força e a beleza construídas, mas algo inteiramente puro e incorruptível. Durou, pelo relógio, dez minutos, mas foi uma coisa incalculável.

O sol se elevou por entre um esplendor de nuvens, fantasticamente vivo e pleno de cores profundas. O rumor da cidade ainda não começara,

e os pombos e pardais se movimentavam. O cérebro é curiosamente raso! Por mais sutil e profundo que seja, o pensamento nasce daquilo que é raso. O pensamento está preso ao tempo, e o tempo é insignificante; é essa insignificância que perverte o “ver”. O ver é sempre instantâneo, como a compreensão; e o cérebro, que é construído pelo tempo, impede e perverte o ver. O tempo e o pensamento são inseparáveis; acabe com um e você terá acabado com o outro. O pensamento não pode ser destruído pela vontade, porque esta é pensamento em ação. O pensamento é uma coisa, e o centro de onde vem o pensamento é outra. O pensamento é a palavra, e a palavra é o acúmulo de lembranças, de experiências. Haverá pensamento sem a palavra? Há um movimento que não é palavra nem é do pensamento. Esse movimento pode ser descrito pelo pensamento, mas não é do pensamento. Esse movimento surge quando o cérebro está imóvel mas ativo, e o pensamento não pode conhecer esse movimento.

O pensamento é memória, e a memória são reações acumuladas; logo, o pensamento é sempre condicionado, por mais que se possa imaginar livre. Ele é mecânico, está atado ao centro de seu próprio conhecimento. A distância que o pensamento cobre depende do conhecimento, e o conhecimento são sempre os resíduos do dia de ontem, do movimento que se foi. O pensamento pode projetar-se no futuro, mas está preso ao passado. Ele erige o seu próprio cárcere e vive nele, seja no futuro ou no passado, seja de modo disfarçado ou claro. O pensamento não pode imobilizar-se; ele é inquieto pela sua própria natureza, sempre investindo e recuando. O maquinário do pensamento está em constante movimento, ruidosa ou silenciosamente, de modo evidente ou velado. Ele não pode desgastar-se a si mesmo. O pensamento pode se aprimorar, pode controlar seus devaneios, pode escolher sua própria direção e amoldar-se ao ambiente.

O pensamento não pode ir além de si mesmo; ele pode funcionar em campos amplos ou estreitos, mas sempre estará dentro das restrições da memória, que é sempre limitada. A memória tem de morrer psicologicamente, interiormente, mas funcionar no exterior. Tem de haver morte no interior e, no exterior, sensibilidade a todo desafio e a toda resposta. A ansiedade interior do pensamento impede a ação.

Um dia tão belo na cidade parece um grande desperdício! Não há uma única nuvem no céu, o sol está cáldo e os pombos se aquecem no telhado, mas o burburinho da cidade prossegue impiedoso. As árvores sentem o ar outonal e suas folhas giram lenta e languidamente, sem preocupação. As ruas estão apinhadas de gente, sempre olhando as lojas, muito poucas para o céu. Elas vêem umas às outras ao passar, mas estão voltadas para si mesmas, para a sua própria aparência, para a impressão que dão; a inveja e o medo estão sempre presentes, apesar dos disfarces, apesar da aparência educada. Os trabalhadores estão muito cansados, pesados e queixosos. E as árvores frondosas contra a parede de um museu parecem bastar-se totalmente a si mesmas; o rio cercado de pedra e concreto parece profundamente indiferente. Os pombos são em grande número, e exibem uma pomposa dignidade toda sua. E assim um dia se passou na cidade, no escritório. É um mundo de monotonia e desespero, com risos que logo se dissipam. À noite, os monumentos, as ruas, estão iluminados, mas há um vazio enorme e um sofrimento insuportável.

Há uma folha amarelada na calçada, recém-caída. Ela ainda está plena de verão e, embora morta, continua muito bela. Nenhuma parte sua secou; ela conserva a forma e a graça da primavera, mas está amarelada e terá secado até a noite. De manhã bem cedo, quando o sol mal começava a se mostrar num céu claro, sobreveio, como um raio, a sensação de estranheza, com sua bênção — e sua beleza permanece. Não que o pensamento a tenha capturado e a conserve consigo; ela deixou sua marca na consciência. O pensamento é sempre fragmentário e aquilo que retém é sempre parcial, tem a forma de memória. Ele não pode observar o todo; a parte não pode ver o todo, e a marca da bênção é não-verbal e não-comunicável por meio de palavras ou de algum símbolo. O pensamento sempre vai fracassar em sua tentativa de descobrir, de vivenciar o que se acha além do tempo e do espaço. O cérebro, o maquinário do pensamento, pode se aquietar; o cérebro ativo pode se aquietar; seu maquinário pode ficar bem lento. A quietude do cérebro (embora ele permaneça intensamente sensível) é essencial; só assim o

pensamento pode desemaranhar-se e chegar ao fim. O fim do pensamento não é a morte; só assim pode haver inocência, frescor, uma nova qualidade de pensamento. É essa qualidade que faz cessar o sofrimento e o desespero.

Saanen, 19 de Julho de 1970

Como vocês sabem, a liberdade implica a total abnegação, a recusa, a negação de toda autoridade. É preciso compreender isso com muitíssimo cuidado, porque a geração mais jovem pensa que liberdade é cuspir no rosto do guarda, fazer o que bem quiser. A negação da autoridade exterior não é necessariamente um sinal de completa liberdade em relação a toda autoridade interior; quando compreendermos o que é a autoridade interior e o que são uma mente e um coração completamente livres da autoridade, seremos capazes de compreender a ação exterior da liberdade. A liberdade exterior de ação depende por inteiro da mente livre da autoridade interior. É necessário um exame muito paciente e ponderado para descobrir o que significa ser livre da autoridade interior. Assim, se vocês não se importarem, marcharemos juntos, partilharemos, trabalharemos juntos a fim de descobrir o que significa ser livre de toda autoridade interior.

A palavra *autoridade* refere-se, de acordo com o dicionário, a quem tem uma idéia original, o autor de alguma coisa. O ser humano original que descobriu algo novo, talvez o tenha formulado em palavras ou num quadro, num poema, numa vida religiosa, e isso se torna o padrão, o molde, um sistema que os outros seguem. Vocês têm Lênin, Mao ou outros — em termos políticos, econômicos ou religiosos —, e os outros os seguem, cega, esperta ou intelectualmente.

Observem isso na sua própria vida, porque é isso que estamos fazendo. Ouvindo aquele que fala, vocês ouvem na verdade a si mesmos, observam-se a si mesmos. Do contrário, aquilo que é dito não tem nenhum valor.

Há padrões de vida, de comportamento, políticos ou psicológicos, exteriores ou interiores, e a coisa mais fácil para a mente — que de modo geral é bem preguiçosa e indolente — é seguir aquilo que alguém disse. O seguidor então aceita a autoridade como meio de atingir aquilo que ele quer ou aquilo que lhe é prometido por um dado sistema filosófico ou por uma dada concepção. Ele aceita um sistema particular de pensamento, segue-o, apegando-se a ele, passa a depender dele e assim o transforma em uma autoridade. Então, ele é apenas um seguidor, um ser humano de segunda mão — e a maioria das pessoas é completamente de segunda mão. Elas talvez pensem que têm alguma idéia original para pintar ou escrever um poema, mas essencialmente, por serem condicionadas a seguir, a imitar, a amoldar-se, elas se tornam seres humanos de segunda mão, seres humanos absurdos. Eis uma qualidade destrutiva da autoridade.

Ora, será que pertencemos a essa categoria? Vocês pertencem? Descubram! Se seguimos alguém, alguma crença ou instrução de acordo com um livro ou com uma pessoa que promete uma recompensa — a iluminação, algo a ser alcançado no final mediante um determinado recurso —, os meios e a pessoa que transmite esses meios se tornam a autoridade. Como seres humanos, acaso fazemos isso? Vocês seguem alguém psicologicamente? Não estamos falando de seguimento exterior, de obediência exterior, de obedecer a uma lei ou negá-la. Não estamos discutindo isso. Interiormente, em termos psicológicos, vocês, como seres humanos, seguem? Se o fazem, vocês são essencialmente seres humanos de segunda mão, sem valor nenhum. Vocês podem praticar boas ações, podem ter uma vida muito boa, podem ter uma linda casa e assim por diante, mas nada disso tem sentido.

E há outro tipo de autoridade: a autoridade da tradição. O sentido da palavra *tradição* é transmitir do passado para o presente. Há a tradição cristã, a tradição católica, a tradição da família, a tradição da raça. A tradição envolve não somente o que foi transmitido como também a tradição da memória, que é muito mais difícil. Se examinarem a tradição, vocês vão ver que em certos níveis ela tem valor e, em outros, de nada vale. As boas maneiras, a educação, a consideração, a ponderação, a atenção da mente que observa, podem gradualmente tor-

nar-se uma tradição e, tendo o padrão sido estabelecido, a mente apenas o repete, levanta-se, abre a porta, é pontual nas refeições. Ela é delicada, mas essa delicadeza tornou-se uma tradição; ela não nasce da consideração, da atenção, da perspicácia e da lucidez.

E há a tradição da mente que cultivou a memória, que funciona como um computador, repetindo muitas vezes as mesmas ações, de modo que nunca pode receber algo novo, não pode ouvir alguma coisa totalmente diferente. Nosso cérebro é como um gravador; certas lembranças vêm sendo cultivadas há séculos e nós as repetimos muitíssimas vezes. Em meio ao rumor dessa repetição, tentamos ouvir algo novo, e acabamos por não ouvir coisa alguma. E dizemos: “O que devo fazer? Que fazer para me ver livre dessa máquina velha, dessa fita velha, e ouvir a fita nova?” A coisa nova só pode ser escutada se a fita velha tiver sido silenciada. E a fita velha fica muda sem nenhum esforço se vocês encararem com seriedade a escuta, a procura, o prestar atenção; quando isso acontece, deixa de haver a autoridade do outro, a dependência em relação ao outro.

Há a autoridade da tradição; há a autoridade do passado como lembrança, como experiência, como conhecimento; e há a autoridade de uma experiência imediata. Vocês têm uma dada experiência e ela se torna a autoridade. A experiência baseia-se no passado, no conhecimento acumulado; do contrário, se vocês não a reconhecem como experiência, como algo novo, ela não é experiência.

Assim, há essas várias categorias de autoridade. O que essa mente e esse coração, esse cérebro tão condicionado pela autoridade, pelo amoldar-se, pelo ajustar-se, o que ele pode fazer para dar ouvidos a alguma coisa inteiramente nova? O que a mente, o coração e o cérebro toldados pela autoridade do passado podem fazer para ouvir a beleza do dia de hoje? Vocês se dão conta — não verbal nem intelectualmente, mas percebem de modo concreto o fato, aquilo que realmente “é” — de que uma mente sobrecarregada pelo passado, condicionada por várias formas de autoridade, não é livre e por isso não pode ver de maneira completa? Se vocês perceberem isso de fato, o passado será descartado sem nenhum esforço.

Então, a liberdade implica a completa cessação da autoridade interior. E dessa qualidade da mente livre nasce uma liberdade exterior que é totalmente diferente da reação devida à oposição ou à resistência. Nossa mente, nosso cérebro, é condicionado pela autoridade, pela imitação e pelo amoldar-se. Isso é um fato. E, portanto, não pode existir liberdade para uma mente assim. Ela pode falar interminavelmente sobre a liberdade e revoltar-se contra certas formas de restrição exterior, mas não é uma mente livre. A mente que é concretamente livre não tem nenhuma autoridade interior.

Explicamos com muito cuidado o que significa autoridade. Será que vocês, na qualidade de seres humanos, dependem de algum tipo de autoridade? Se dependem, vocês não podem ter liberdade, e é só a mente livre que sabe o que significa amar e meditar.

Ao compreender a liberdade, é preciso compreender também o que é disciplina. Ela pode ser bem diferente de tudo o que vocês pensam, porque de modo geral entendemos liberdade como ficar livres de todo tipo de disciplina. Vamos descobrir juntos o que significa disciplina. Não estou impondo nem dizendo o que vocês devem ou não fazer. Estamos tentando descobrir — tentando não —, estamos descobrindo o que significa disciplinar. O que distingue a mente altamente disciplinada? A liberdade não pode existir sem disciplina. Isso não significa que vocês devem primeiro ser disciplinados para então ter liberdade, mas que liberdade e disciplina caminham juntas; elas não são duas coisas separadas.

O que significa *disciplina*? De acordo com o dicionário — peço desculpas por falar tanto do sentido dicionarizado das palavras —, a raiz latina dessa palavra significa aprender. A mente disciplinada não é a mente que se amolda a uma meta, não é a mente que se exercita num dado padrão de ação de acordo com uma ideologia ou uma crença em Marx, Engels, Stálin, Lênin ou Mao. É uma mente capaz de aprender, que é o oposto de uma mente capaz de amoldar-se. Não é possível à mente que se amolda aprender; só aprende a mente que observa, que vê de fato “o que é” e não o interpreta de acordo com os seus desejos, seu condicionamento, seu prazer particular. Disciplina não significa repressão, controle, amoldar-se nem ajustar-se a um padrão ou a uma

ideologia; significa uma mente que vê “o que é” e aprende com “o que é”. Uma mente assim pode ser extraordinariamente alerta, viva. Eis o que significa ter disciplina.

De acordo com o sentido comum das palavras, *disciplinar-se* implica a existência de uma entidade que se disciplina a si mesma de acordo com alguma outra coisa. É um processo dualístico. Quando digo a mim mesmo que tenho de acordar cedo porque sou preguiçoso, que não posso ficar irritado ou, então, que não devo fazer alguma coisa, nisso existe um processo dualístico: há o observador e a coisa observada; há aquele que controla com a sua vontade, impondo o que deve fazer ou negando o que não deve. Nesse estado dualístico há conflito, não é verdade? Logo, a disciplina, tal como normalmente se vê, é um processo de constante conflito. É a disciplina imposta pelos pais, pela sociedade, pelas organizações religiosas, pela igreja, por aquilo que Buda, Jesus, etc. disseram. Para nós, disciplina significa amoldar-se, e há revolta contra isso. Os pais querem que vocês façam certas coisas e vocês se rebelam contra eles. Nossa vida se baseia na obediência, no ajustar-se — e no seu oposto: recusar amoldar-se a fim de fazer o que se quer, revoltar-se contra o padrão. É isso o que acontece no mundo inteiro.

Vamos descobrir o que distingue a mente que não se amolda, que não imita, não segue, não obedece, mas é por si mesma altamente disciplinada, no sentido de estar aprendendo de modo constante. O que distingue a mente que está aprendendo e não se amoldando? O amoldar-se implica comparação, não é verdade? Comparo-me com outra pessoa, avalio-me — aquilo que sou ou que deveria ser — tendo outra pessoa como parâmetro: o herói, o santo, Mao, Lênin, Marx; ou, se vocês não gostam deles, tendo Jesus como parâmetro. Onde há o amoldar-se, é inevitável que haja comparação. Examinem isso, por favor, e descubram se conseguem viver no dia-a-dia — não da boca para fora, mas de fato — sem comparação, isto é, sem se amoldar.

Vocês sabem que vocês se comparam com os outros, não? É esse o condicionamento de vocês desde a infância — “Oh! Você tem de ser como o seu irmão”, ou sua tia-avó; tem de ser como o santo ou seguir o que Mao ou outra pessoa diz. Estamos sempre comparando; essa é a nossa educação nas escolas: conseguir certas notas e ser aprovados em

exames. Vocês não sabem o que é viver sem comparação, sem competição e, por conseguinte, sem agressividade, sem violência. No momento em que se comparam com outra pessoa, vocês praticam uma forma de agressão e, portanto, de violência. Violência não é só matar ou agredir fisicamente alguém: é também esse espírito de comparação: “Eu tenho que ser como outra pessoa”; “Tenho que me aperfeiçoar”. Melhorar a si mesmo é a antítese da liberdade e da aprendizagem. Descubram por si mesmos como levar uma vida sem comparação, e verão que coisa extraordinária vai lhes acontecer se vocês de fato tomarem consciência, de uma maneira imperiosa, do que significa viver sem comparação, sem jamais usar a palavra *melhor*, as palavras *vou ser...* Somos escravos da palavra *ser*, que significa que “serei alguém em algum momento do futuro”.

Assim sendo, a comparação e o amoldar-se caminham juntos e apenas fazem surgir a repressão, o conflito e um sofrimento interminável. Vocês conseguiriam descobrir um modo de vida — não um modo —, uma vida cotidiana em que não haja comparação? Façam isso e vocês verão que coisa extraordinária! Isso nos liberta de muitas coisas. E se vocês têm consciência disso, essa mesma consciência gera na mente uma extrema sensibilidade e, portanto, um alto grau de disciplina, já que essa mente está constantemente aprendendo — não aquilo que quer aprender, o que é agradável de aprender ou o que é gratificante aprender: simplesmente *aprendendo*.

Vocês são capazes de ver claramente a autoridade e o fato de que a seguem, a obediência e o fato de estarem se amoldando a um padrão, à tradição, à publicidade, ao que outras pessoas disseram? A tradição, as experiências acumuladas de vocês mesmos ou dos outros, da raça ou da família, tudo isso se torna autoridade. E onde há autoridade, a mente nunca está livre para aprender o que há para ser descoberto, alguma coisa inteira e intemporalmente nova. Uma mente sensível não tem padrão. Ela está em constante movimento; é como um rio fluindo, num fluxo de que estão ausentes a repressão, o amoldar-se, o desejo de realização e todas essas bobagens. Só a mente estática diz: “Tenho de me realizar”, “Tenho de me tornar alguma coisa”.

Temos de compreender, lúcida, profunda e seriamente, a natureza da mente que é livre e, em consequência, é verdadeiramente religiosa,

livre de qualquer dependência interior. Porque a dependência de alguma coisa, de uma pessoa — de um amigo ou amiga, da mulher, do marido — ou de alguma idéia, da autoridade, cria o medo. É muito importante compreender, antes de tratar de todas as complicações da vida, que a mente deve ser totalmente livre de toda autoridade interior, porque essa autoridade é a fonte do medo. Se dependo de vocês para o meu bem-estar, se dependo de vocês porque vocês me aplaudem quando falo, se dependo de vocês como um meio de fugir à minha própria solidão, feiúra, estupidez, meu próprio vazio, insignificância, mediocridade, a dependência de vocês cria medo. A dependência de toda forma de imaginação subjetiva, fantasia, experiência, conhecimento, destrói a liberdade.

Ora, tendo dito tudo isso, eu quero descobrir — vocês não? — se de fato dependo de alguma coisa. Porque uma mente que depende não é íntegra, limpa, saudável, sadia. De um lado, se a sua mente depende de Mao, de Lênin, de todo esse pessoal, que tipo de mente é ela? Vocês apenas atiraram fora o velho e adotaram o novo, mas a qualidade mental é a mesma. Do outro lado, infelizmente, há todos os líderes religiosos, do passado infinito ao presente; e se vocês dependem deles, vejam bem o que estão fazendo consigo mesmos. Vocês dependem da autoridade de outras pessoas no tocante ao que essas pessoas julgam ser a verdade. E o que elas julgam ser a verdade não é a verdade. E vocês ficam perdidos, imersos na confusão. E a partir dessa confusão fazemos muitas coisas; filiamo-nos a isto ou àquilo, tornamo-nos ativistas ou meditativos, fugimos para o Japão a fim de entrar em alguma escola zen, ou para a Índia.

Quando estão conscientes disso — por favor, estejam —, quando estão conscientes da esquerda, da direita e do centro, vocês estão aprendendo. Vocês percebem que tudo isso implica uma dependência interior, não havendo, portanto, liberdade, mas medo. Só uma mente confusa depende, não uma mente lúcida. Estando confusos, vocês dizem: “tenho de depender”, e depois dizem: “como fazer para ficar livre da dependência?” — o que cria outro conflito. Mas se observarem a verdade com toda a clareza, se se derem conta de que, quando a mente depende no interior de alguma autoridade — seja uma palavra, um símbolo, uma ideologia, uma pessoa —, essa dependência cria confusão, vocês vão deixar de depender. E a mente de vocês vai se tornar sensível ao extremo e, por conseguinte, capaz de aprender. É como

uma criança que aprende; ela é muito curiosa, ela quer descobrir. É essa mesma sensibilidade que caracteriza a mente que está em constante aprendizagem e, portanto, que disciplina a si mesma sem nenhuma forma de compulsão nem de aceitação de padrões.

Será que tudo ficou claro, não verbal mas concretamente? Posso imaginar ou pensar que sou muito lúcido, mas essa lucidez pode ter vida curta. A percepção clara só vem quando não há dependência nem, portanto, confusão. A confusão só surge quando há medo. Será que vocês, com toda a honestidade e seriedade, são capazes de descobrir se estão livres da autoridade? Isso exige um formidável auto-exame, uma enorme atenção, não é? E dessa lucidez vem um tipo totalmente diferente de ação que não é fragmentária, que não é dividida em termos políticos nem religiosos. É uma ação total.

Vocês gostariam de discutir o que falamos?

Questionador: Pelo que o senhor disse, parece que uma mesma ação pode, num dado momento, ser julgada uma reação a algum tipo de autoridade exterior, e em outro momento, ou ao mesmo tempo, mas partindo de outra pessoa, ser uma ação total.

Krishnamurti: Com certeza, senhor. Veja bem, podemos entabular uma longa discussão intelectual e nos derrotar verbalmente um ao outro, bem como explicar coisas um ao outro, mas isso não tem nenhum sentido. O que ao senhor pode parecer uma ação total pode ser para mim uma ação incompleta. Mas não é essa a questão. A questão é saber se a sua mente, em sua condição de ser humano, está viva. O ser humano é o mundo — não é um indivíduo. *Indivíduo* significa indivisível. Um indivíduo é alguém não dividido em si mesmo, não fragmentado, não decomposto: ele é íntegro. *Íntegro* significa são, saudável; e significa santo.* O senhor não é isso; quando diz “sou um indivíduo”, o senhor não é nada disso.

* Jogo de palavras com os sons de *whole* e *holy*, que têm em inglês aproximadamente a mesma pronúncia. (N. dos T.)

Portanto, senhor, leve uma vida sem autoridade, sem comparação. Faça-o, e o senhor descobrirá como isso é extraordinário. O senhor está vivo; tem uma tremenda energia quando não está competindo, quando não está comparando. O senhor não está suprimindo, está vivendo e, portanto, está são, íntegro e, por conseguinte, sagrado.

Q: O senhor acha que é possível aprender o tempo inteiro?

K: Eu quero aprender; é possível aprender o tempo inteiro? Ora, quando faz essa pergunta, o senhor já tornou as coisas difíceis para si mesmo. Certo? “Será possível aprender o tempo inteiro? É impossível.” Veja bem: ao fazer uma pergunta desse tipo, o senhor está impedindo a si mesmo de aprender. Ora, senhor, não me preocupa em saber se vou aprender o tempo inteiro. Vou descobrir. O que me preocupa é: estou aprendendo? Se estou, pouco importa se é ou não o tempo inteiro; não faço disso um problema. Quando diz: “Ó meu Deus, como vou concentrar toda a minha atenção o tempo inteiro?”, o senhor torna as coisas impossíveis. Mas se diz: “Veja, estou aprendendo”, não está preocupado em saber se vai aprender dia e noite; o senhor está aprendendo. Uma mente que está aprendendo nunca faz essa pergunta. Essa pergunta não tem mais cabimento. Se estou aprendendo, estou aprendendo o tempo inteiro.

Q: O senhor aprende com qualquer coisa.

K: O senhor aprende com qualquer coisa — isto é, se estiver atento, o senhor está aprendendo. Veja, senhor, isso é muito complexo; posso me alongar um pouco?

É possível aprender o tempo inteiro? O que é importante aqui: aprender ou o tempo inteiro? Aprender. Ora, quando estou aprendendo, não me preocupo com o tempo, com o intervalo de tempo, com o período de tempo. Cuido apenas daquilo que estou aprendendo, do fato de estar aprendendo. Ora, a mente se desliga naturalmente; ela se cansa e fica desatenta. Estando desatenta, ela comete todo gênero de estupi-

dez. Logo, não é uma questão de como tornar atenta a mente desatenta. O que importa é que a mente desatenta tome consciência de que está desatenta.

Veja, digamos que eu esteja com total atenção, observando tudo, observando o movimento da árvore, a água, o fluxo da água desde o alto de uma montanha, observando a mim mesmo, sem corrigir, sem dizer que isso deve ser ou aquilo não deve ser, apenas observando. É natural que a mente que observa se canse. Quando se cansa, ela fica desatenta. Estando desatenta, ela de súbito se dá conta de que está desatenta; logo, ela tenta forçar-se a ficar atenta. Certo? Há, pois, um conflito entre atenção e desatenção. Eu digo: não façam isso, mas tomem consciência de que estão desatentos. Isso é tudo.

Q: O senhor poderia descrever o momento em que tem consciência de que está desatento?

K: Não, não, não. Eu estou *aprendendo*. Veja: estou aprendendo sobre mim mesmo. Certo? Não estou aprendendo de acordo com algum psicólogo ou especialista. Estou aprendendo, estou observando, e vejo algo em mim. Eu não o condeno, não o julgo, não o afasto de mim, apenas observo. Observo que sou orgulhoso — tomemos isso como exemplo. Eu não digo: “Tenho de afastar isso de mim; como é feio ser orgulhoso!” Eu apenas observo. Enquanto estou observando, estou aprendendo. Observar significa aprender o que o orgulho acarreta, como ele veio à existência, como é estúpido. Eu o observo. Não posso fazê-lo por mais de, digamos, cinco ou seis minutos — se vocês conseguirem, terão realizado uma façanha; no momento seguinte, a mente fica desatenta. Ora, tendo ficado atentos e sabendo o que é a desatenção, vocês lutam para tornar a desatenção atenta. Vocês não fazem isso? Eu disse: não façam isso, mas observem a desatenção, tomem consciência de que estão desatentos. Isso é tudo. Parem nesse ponto. Não digam que têm de ficar atentos o tempo inteiro; apenas observem quando estiverem desatentos. E ponto final.

Não quero me aprofundar nisso porque é de fato muito complexo. Existe um estado em que a mente se acha desperta o tempo inteiro,

observando sem cessar e, portanto, somente observando; nesse estado, não há nada para aprender. E isso significa uma mente extraordinariamente tranqüila e silenciosa. O que uma mente silenciosa e lúcida tem a aprender? Não vou tratar disso tudo.

Brockwood Park, 12 de Setembro de 1970

Eu vejo — a mente observa — que uma mente muito lúcida não faz escolhas, não precisa de escolhas e, portanto, toda resposta da ação à vontade deixa de existir. A vontade implica resistência. Isso é óbvio. E toda forma de resistência é isolamento. A mente isolada não é uma mente livre, e a mente presa na aquisição do conhecimento como caminho para a liberdade não encontra essa liberdade: a liberdade não lhe acontece. Por isso, temos de examinar a questão do conhecimento.

Por que o conhecimento se tornou uma coisa tão extraordinariamente importante na vida? O conhecimento é experiência acumulada, tanto a experiência exterior que milhares de pessoas descobriram — cientificamente, psicologicamente e assim por diante — como o conhecimento que cada um adquiriu por si mesmo por meio da observação, da aprendizagem, da busca. Que lugar tem o conhecimento na liberdade? Isso lhes interessa?

Audiência: Sim.

Krishnamurti: Não, não, não se apressem tanto em dizer sim, porque não se trata de um intercâmbio verbal, de um jogo intelectual. O conhecimento situa-se sempre no passado. Quando vocês dizem: “eu sei”, isso quer dizer que vocês souberam. O conhecimento de todo tipo — científico, pessoal, comunitário ou de qualquer outro gênero — está sempre no passado. Será que uma mente que vive no passado, que é resultado do passado, pode ser livre? O conhecimento não se refere só a fatos, informações, etc.; o conhecimento inclui a imagem, o símbolo,

a imagem de vocês que eu construí e a imagem que vocês construíram de mim.

Questionador: Que dizer do autoconhecimento?

K: Primeiro veja como a mente acumula conhecimento, por que ela o faz, onde isso é necessário e onde se torna um obstáculo à liberdade. Para fazer qualquer coisa, é preciso ter conhecimento: para dirigir um carro, falar uma língua, fazer trabalho tecnológico. É preciso ter um conhecimento abundante — quanto mais eficiente, mais objetivo, mais impessoal, tanto melhor. O conhecimento é necessário. Mas será que uma mente cheia de informações, na forma de conhecimento, pode alcançar a liberdade? Ou será que ela tem de carregar sempre consigo esse conhecimento, que é sempre o passado? O conflito nasce do fato de a mente carregar esse passado, esse conhecimento, e encarar o presente a partir dele. Digamos que eu me encontrei com você ontem e você me lisonjeou ou insultou, de modo que formei uma imagem sua — isso é parte do conhecimento. Com esse conhecimento, essa imagem que construí a seu respeito, que é o passado, eu encontro você hoje. E há, por conseguinte, conflito entre você e eu. Isso é bem simples.

Assim, o observador é o reservatório do conhecimento. Façam-me o favor de descobrir isso por si mesmos; é mais divertido. O observador é o passado; ele é o censor, a entidade que acumulou conhecimentos; e a partir desse conhecimento ele julga, avalia. E faz exatamente a mesma coisa com relação a si mesmo. Ele adquiriu conhecimento acerca de si mesmo por meio dos psicólogos; aprender o que ele mesmo é, ou pensa que aprendeu acerca de si mesmo, e com esse conhecimento olha para si mesmo. Ele não olha para si mesmo com olhos limpos. Diz: “Eu sei; eu me vi. Sou muito feio; há partes extraordinariamente bonitas, mas as outras são terríveis.” Ele já julgou, e o julgamento dele se baseia no passado, que é o conhecimento que ele tem de si mesmo. Logo, ele jamais descobre qualquer coisa nova a seu próprio respeito, porque o observador é diferente da coisa observada, que ele chama de si mesmo.

E é isso o que fazemos o tempo inteiro em todos os relacionamentos, em relacionamentos mecânicos ou humanos, em relacionamentos

com as máquinas ou com os semelhantes. Tudo isso tem como base o desejo de descobrir um lugar em que nos sintamos completamente seguros, tranquilos; e nós buscamos e encontramos essa segurança no conhecimento. O depositário do conhecimento é o observador, o censor, a pessoa que pensa e vive; e o observador está sempre observando como se fosse diferente da coisa observada. O observador analisa a si mesmo ou é analisado pelo profissional — ele mesmo necessitado de análise — e o jogo vai em frente.

Então, nós perguntamos se é possível observar todo esse movimento da vida sem o estorvo do passado. É isso o que todos nós estamos tentando fazer, não é? Queremos descobrir novas expressões. Se você é um artista, você quer ser mais objetivo — vocês sabem, pois brincam com isso sem cessar —, você quer escrever novos livros, quer uma nova maneira de encarar a vida, de viver a vida. Quer revoltar-se contra o antigo e cair na armadilha do novo, que é a reação ao velho.

Vemos que a inteligência não é um atributo do observador; ela só existe quando a mente está livre, livre para aprender — e a aprendizagem não é acúmulo de conhecimento. Pelo contrário. A aprendizagem é movimento, e o acúmulo de conhecimento é estático. Vocês podem fazer acréscimos a ele, mas o cerne dele é estático, e é a partir dessa condição estática que nós funcionamos, vivemos, pintamos, escrevemos, praticamos toda espécie de maldade. E vocês dão a isso o nome de liberdade. E então? Será que a mente pode se libertar do já conhecido?

Vocês sabem, essa é de fato uma pergunta extraordinária — desde que não seja feita apenas intelectualmente, mas lá do fundo: descobrir se a mente pode se libertar daquilo que já sabe. Do contrário não há criação, não há nenhuma coisa nova. Não há nada de novo sob o sol; só há a reforma da reforma.

Temos de descobrir por que existe essa separação entre observador e observado e se há a possibilidade de a mente ir além dessa separação. Isso significa a possibilidade de a mente se libertar do já conhecido para funcionar numa dimensão inteiramente diferente, que é a inteligência que só usa o conhecimento quando necessário. Assim, a inteligência implica a liberdade — mas não a liberdade de fazer o que quiser,

que é uma coisa imatura e infantil. A liberdade implica a cessação de todo conflito; e isso só acontece quando o observador é o observado, porque então não há separação.

Afinal, a liberdade existe quando há amor, não é? Vocês sabem que a palavra amor está terrivelmente carregada, assim como a palavra *Deus*. Hesitamos em usar a palavra *amor* porque ela está associada com o prazer, com o sexo, com o medo, com o ciúme, com a dependência, com a ambição e com tudo o mais. Uma mente que não é livre não sabe o que significa o amor. Ela pode conhecer o prazer e, portanto, saber o que é o medo. Mas o medo, o desejo e o prazer certamente não são o amor; o amor só pode existir quando há uma verdadeira liberdade com relação ao passado. Será isso possível? Vocês sabem que o homem tem procurado, de diferentes maneiras, livrar-se do caráter transitório do conhecimento, e sempre buscou algo que estivesse além do conhecimento, além do pensamento. O pensamento é a reação do conhecimento. Assim, o homem criou uma imagem chamada Deus e todos os absurdos que surgem em torno disso. Mas, para descobrir se há algo que se acha além da imagem do pensamento, tem de haver liberdade de todos os medos.

Q: Eu poderia perguntar se o senhor está distinguindo entre as células do cérebro, enquanto intelecto, e a mente que é uma consciência além do intelecto?

K: Não, acho que não estamos fazendo essa distinção. Estamos usando “mente” como designação do processo total do pensamento, como memória, como conhecimento, aí incluídas as células cerebrais. É óbvio. Não podemos separar as células cerebrais do resto da mente, podemos?

Q: O cérebro constrói o intelecto.

K: Bem, qual a função do cérebro? O que é o cérebro? Não estamos falando profissionalmente — não leio livros sobre esse assunto —, mas o que é o cérebro?

Q: Bem, é um computador.

K: Um computador extraordinário, formado, construído durante milhares de anos. Ele é o resultado do tempo. O tempo é memória. A memória é experiência, o acúmulo de milhares de anos de experiência de sobreviver, de se sentir seguro, a salvo. Logo, nós temos esse conhecimento, especialmente sobre as coisas exteriores — o conhecimento de tudo o que está acontecendo no mundo exterior, de como ir à Lua —, mas muito pouco sobre nós mesmos.

Q: Não será que a criação depende da memória e, portanto, do passado?

K: Será que depende? Ora, espere um pouco, senhor. A criação depende da memória?

Q: Na verdade, eu queria dizer aquilo que o senhor disse antes: que não há nada de novo sob o sol.

K: É isso que nós pensamos, senhor, que não há nada de novo sob o sol. Ao menos a Bíblia diz isso; o Eclesiastes diz isso. Ora, não estaremos confundido a criação com a expressão? Uma pessoa criativa precisa de expressão? Eu preciso de expressão para me realizar — tenho de me expressar; tenho a sensação de que sou um artista e preciso pôr isso num quadro ou em palavras. A criação precisa de alguma expressão? E a expressão é sinal de uma mente livre na criação? O fato de alguém escrever um poema ou pintar um quadro é sinal de uma mente criativa?

Q: Não necessariamente.

K: Logo, o que significa criatividade? Não é a repetição mecânica do passado.

Q: Acho que a criatividade precisa de expressão.

K: Espere, vamos devagar. A criatividade precisa de expressão? Estou apenas perguntando. O senhor diz que ela precisa. Então está acabado,

não há mais o que investigar. Estamos apenas aprendendo. Estamos aprendendo juntos. Façam-me o favor de ter sempre em mente que estamos aprendendo juntos, trabalhando juntos, partilhando, e que, portanto, se o senhor diz que ela precisa, então acabou: o senhor fechou a porta no meu rosto.

Vamos examinar devagar. O que significa criatividade? Qual é a sensação da mente que se sente criativa? Vocês sabem?

Q: Quando a mente está inspirada, ela cria alguma coisa nova.

K: Quando a mente vê algo bom e bonito, ela é criativa? Uma mente criativa precisa de inspiração? Não, meu senhor: veja bem, o senhor está fazendo afirmações. Agora analise. Vamos devagar. Eu não sei o que significa criatividade. Vamos descobrir — não verbalmente, vocês sabem —, vamos descobrir de fato o que, na verdade, significa uma mente extraordinariamente criativa.

Q: Significa realidade.

K: O senhor diz que é a realidade. Será que a mente do senhor é criativa o suficiente para saber que ela é a realidade? Veja bem, senhor, será que a mente não tem de ser livre para ser criativa — livre? Do contrário, ela é repetitiva; nessa repetição pode haver novas expressões, mas a mente ainda é repetitiva, mecânica. Será que uma mente mecânica, uma vida mecânica, pode ser criativa? Será que uma mente ou um ser humano em conflito, em tensão, neurótico, pode ser criativo? Ele pode até escrever poemas maravilhosos, peças maravilhosas — pode escrever uma peça maravilhosa depois de uma “ressaca” ou depois de tomar drogas. São essas as novas expressões.

Q: É preciso estar no “agora”.

K: E então, meu senhor, o que significa estar no agora? Não pode ser uma coisa mecânica. Não pode ficar enterrado debaixo do peso do co-

nhecimento na forma de tradição. Isso significa uma mente que está profundamente livre do medo. Isso é liberdade, não é?

Q: Mas ela ainda precisa procurar segurança; essa é uma função do cérebro.

K: Veja bem: o senhor diz que tem de haver segurança.

Q: É a função do cérebro.

K: Claro que é a função do cérebro sentir-se seguro. Ele só pode funcionar de modo adequado, eficiente, claro, quando está seguro. Mas será que ele está seguro quando se divide em nacionalidades, em religiões; quando diz: “é meu; é seu”? Quando existe alguma forma de separação, há destruição — os judeus, os muçulmanos, os árabes.

Q: Parece-me que, sem oposição, não há crescimento.

K: Oh, sem oposição não há crescimento. Ó meu Deus! Isso faz parte do nosso condicionamento, não é?

Q: Não, faz parte da realidade.

K: Será mesmo? Vamos descobrir, minha senhora.

Q: Sem o alto não existe o baixo.

K: Vamos descobrir. Nós vivemos assim, entre o bem e o mal, entre o amor e o ódio, com ciúme, entre a ternura e a brutalidade, entre a violência e a delicadeza. Assim temos vivido por milhões de anos, e aceitamos isso porque somos condicionados a crer que se trata de uma coisa real. E será mesmo — viver dessa maneira?

Q: Como podemos nos livrar desse condicionamento?

K: Bem, nós estamos discutindo o que é a mente, o que distingue a mente que é criativa. Será que uma mente que oscila entre o ódio, o

ciúme, o amor, o prazer e o medo pode saber o que significa o amor? Uma mente que está sempre em busca da expressão, da realização, da fama, de ser reconhecida, de ser alguém? Todos chamam isso de realização, de vir-a-ser, de ser — vocês sabem, tudo isso, que é parte da nossa estrutura social, do nosso condicionamento. Pode a mente ser criativa quando ela é prisioneira do mundo ou do verbo *ser*? *Ser*: “fui; serei” — sempre vir a ser alguma coisa — a mente assim pode ser criativa? No vir-a-ser há medo: você pode não chegar a ser, pode fracassar. No vir-a-ser há o medo da morte, o medo do desconhecido; e por isso você se apegava ao conhecido, que é o conhecimento. Uma mente assim pode ser criativa? Ou, será que a criação é resultado da tensão, da oposição, do esforço?

Q: Criatividade é alegria e atenção, imaginação.

K: Oh! Criatividade é alegria, imaginação! Realmente, nós somos tão... Eu não sei o que somos. O senhor sabe o que significa alegria? A alegria é prazer?

Q: Não.

K: O senhor diz que não, mas é isso que o senhor está procurando, não é? O senhor tem um momento de êxtase, de grande alegria, e pensa sobre isso. O pensamento reduz aquele momento ao prazer. Veja bem meu senhor, por favor: estamos com tantas conclusões, e uma mente que tem conclusões não é uma mente livre. Descubra se é possível viver sem nenhuma conclusão, viver diariamente sem conclusões. Isso significa levar uma vida sem comparações! O senhor conclui porque compara. Levar uma vida sem comparações! Faça isso um dia e descubra que coisa extraordinária acontece.

Q: Se eu sou apenas a experiência, e esta é de medo ou de raiva, o que acontece?

K: Se eu sou apenas experiência, pergunta o senhor, e sou o medo, mas vivo apenas na experiência, sem que ela seja registrada e organizada

no futuro como experiência, o que acontece? É isso? Creio que primeiro temos de descobrir o que queremos dizer com a palavra *experiência*. Não significa “passar” por alguma coisa? Não envolve o reconhecimento? Do contrário, o senhor não saberia que teve uma experiência. Estamos nos entendendo? Se eu não reconhecesse a experiência, ela ainda seria experiência?

Q: Não pode haver somente a experiência, sem a imagem?

K: O senhor não iria mais longe, perguntando por que precisa de experiências? Todos queremos experiências. Primeiro nos entediamos com a nossa própria vida; tornamos a vida uma coisa mecânica e estamos saturados disso. Queremos experiências mais amplas, mais profundas, experiências transcendentais. Certo? Mas o que tudo isso implica? O tédio e as fugas desse tédio através da meditação, de várias modalidades de entrada no chamado *divino* — seja lá o que isso signifique —, que não passam de fórmulas. A experiência implica o reconhecimento, e só podemos reconhecer se há a lembrança daquilo que já vivemos; do contrário, não há reconhecimento. Logo, a pergunta é: por que achamos que as experiências são necessárias? Para nos despertar porque estamos adormecidos? Um novo desafio é uma experiência, mas nós reagimos a esse desafio de acordo com a nossa formação, que é o conhecido. Desse modo, há sempre conflito entre o desafio e a resposta que lhe damos.

E então? Será possível levar uma vida em que a mente seja tão lúcida, tão desperta, tão capaz de iluminar a si mesma, que não precise de experiências? Não digam que sim: descubram! Isso significa levar uma vida sem conflito. Isso significa uma mente com alto grau de sensibilidade e, portanto, inteligente, dotada de luz própria, e que, por conseguinte, não precisa de coisa alguma para desafiá-la nem para despertá-la. Certo?

Saanen, 15 de Julho de 1973

Percebo, com toda a seriedade, que aquilo que o mundo é, nós somos, e que somos o mundo. Como a mente humana pode se modificar — a mente que vem sendo cultivada há milênios, a mente que vem sendo educada, condicionada, moldada pelo ambiente em que vive, pela cultura em que tem florescido? Essa mente precisou de tempo, dez mil anos ou mais, para chegar ao que somos hoje. Ela está repleta de experiências, de conhecimento, de imagens, de símbolos. Estamos perguntando que papel tem o conhecimento na transformação da mente humana. Adquirimos uma enorme quantidade de conhecimentos, tecnologicamente, de tantas maneiras, em tantos campos, na ciência, na biologia, na antropologia, na medicina, etc., etc. Também adquirimos muitos conhecimentos no campo da psique. Se o conhecimento é o passado, qual a sua relação com a transformação da mente humana?

Tenho um grande conhecimento a meu respeito: por que penso certas coisas; quais as associações produzidas por um determinado pensamento; por que eu reajo; minhas experiências, minhas mágoas, minhas ansiedades, meus temores, minha insistente busca do prazer e o medo de viver e de morrer. Acumulei um tremendo conhecimento a meu respeito. Venho observando cuidadosamente há cinquenta anos, observei cuidadosamente todas as sutilezas, as astúcias, os enganos, as crueldades. Observei; ouvi dezenas de filósofos, de mestres, de gurus. Eles me deram o conhecimento, a experiência deles. Quando falo sobre mim mesmo, estou falando sobre vocês; não ponham a carapuça em mim, olhando para mim e esquecendo-se de vocês mesmos. Estamos falando sobre vocês.

Assim, no decurso desses anos — sejam dez, cinquenta, cem anos ou dez mil anos —, uma grande quantidade de conhecimentos foi acumulada. No entanto, eu não passo de um ser humano medíocre, inferior, de segunda mão, velhaco e estúpido. Reajo na hora à violência, à lisonja; minha vaidade e meu orgulho são imensos. Eu me amoldo; luto contra o fato de me amoldar. Falo de arte, ensino aqui e ali um pouco de arte, toco um instrumento, escrevo um livrinho, fico famoso, conhecido, sedento de publicidade — vocês sabem como é —, eu sou tudo isso. Reuni muitas informações, muito conhecimento, e o conhecimento é o passado. Todo conhecimento é o passado. Não há conhecimento futuro nem conhecimento presente. Só há conhecimento como passado. E o conhecimento é tempo.

Agora eu digo para mim mesmo: “Eu sei tudo isso.” E também vejo, por meio de uma cuidadosa observação objetiva e impessoal do mundo, que eu, como ser humano, tenho de passar por uma modificação total. Vejo que, no meu relacionamento com os outros, com o meu próximo, com os seres humanos — seja com uma pessoa íntima ou com alguém que se acha a dez mil quilômetros de distância —, há luta, há conflito, há angústia. Percebo que estou sempre me afirmando. Vejo a atividade egoísta, o movimento egocêntrico. E tudo isso é conhecimento.

Ora, que lugar tem o conhecimento na transformação humana, que a mente julga absolutamente necessário? Eis a questão. Será que a experiência futura, com o tempo, com o acúmulo de cada vez mais conhecimentos — não só sobre ir à Lua e sobre vários outros campos, mas também a meu próprio respeito —, vai produzir a mudança? Ou seja, será que o tempo e o conhecimento — e o conhecimento é tempo — vão produzir uma transformação em mim, em vocês? Ou há necessidade de um outro tipo de energia?

Estamos nos entendendo? Estamos partilhando isso juntos; e, para fazê-lo, é preciso haver entre nós um relacionamento de afeição, de consideração, de investigação; de outro modo não podemos partilhar. Temos de estar interessados na coisa que partilhamos; isso quer dizer partilhar ao mesmo tempo, no mesmo nível, com o mesmo vigor.

Então, eu tenho esse problema; vocês têm esse problema. Sabemos muita coisa que os outros disseram a nosso respeito e conhecemos a nós mesmos. Isso vai trazer a mudança? Ou seja, o pensamento vai mudar a mente humana? O pensamento é a reação do conhecimento. O pensamento criou este mundo. O pensamento dividiu as pessoas em cristãos e não-cristãos, em árabes e judeus, em católicos e não-católicos, em comunistas e hindus. Ele separou as pessoas. Vocês percebem isso? O pensamento dividiu o mundo em Suíça, França, Alemanha, Rússia, e assim por diante. Ele gerou conflito entre as pessoas, não só em termos religiosos, sociais e econômicos, como também nos relacionamentos. E estamos esperando que o pensamento nos transforme! É isso o que estamos fazendo, não é? Podemos não ter consciência disso, mas na verdade é isso que estamos tentando fazer.

Está claro — não porque *eu* o disse, mas porque é a realidade — que o conhecimento-pensamento-tempo, que são uma só e a mesma coisa, produziu este mundo, com toda a sua confusão, miséria, corrupção, sofrimento, dor — lá fora e aqui dentro? E nós dizemos que tudo isso tem de mudar. Muita gente séria tem essa opinião — mas elas usam o pensamento para produzir mudança.

Por isso, eu questiono a coisa toda. Vejo com muita clareza que o conhecimento não pode mudar a minha atividade, o meu movimento egocêntrico que age como se “você” e “eu” fôssemos duas entidades separadas que se combatem. E o que devo fazer? Façam essa pergunta a si mesmos com toda a seriedade. Qual é a resposta que vocês dão? Vocês vêem o mundo, vêem a vocês mesmos como o mundo e vêem o que é o conhecimento, sabendo que ele é necessário em certos campos de atividade; e vocês perguntam a si mesmos se esse conhecimento — que os seres humanos vêm reunindo há milhares de anos — pode promover uma revolução psicológica radical. Agora, examinem esse pensamento; olhem bem para ele. Como vocês ouvem esta afirmação: que lugar tem o conhecimento na transformação humana? Quando ouvem essas palavras, vocês as traduzem numa abstração? Será que, no momento em que as ouvem, vocês tiram uma conclusão que é uma abstração e, portanto, não ouvem a afirmativa, mas a abstração?

Fiz uma pergunta: qual o lugar do tempo, que é conhecimento e pensamento, na transformação da mente de um ser humano? Porque tem de haver transformação. E então, como vocês ouvem essa pergunta? Vocês ouvem apenas o significado das palavras? Ou será que vocês, no próprio ato de ouvir, tiram uma conclusão e, portanto, estão ouvindo com uma conclusão, sem ouvir de fato a pergunta? Vocês percebem a diferença? Quando vocês ouvem a afirmação e tiram uma conclusão, criam uma abstração, o pensamento está agindo. Não estou me fazendo de brilhante; não se trata de um jogo intelectual. Vocês podem observar isso em vocês mesmos.

Vocês são capazes de pensar sem palavras, sem imagens, sem símbolos? Estou lhes fazendo esta pergunta. Vocês são capazes de pensar sem símbolos, sem imagens, sem palavras? Se não há imagem, nem símbolo, nem palavra, haverá pensamento? Ora, vocês ouvem isso — e o que fazem com o ato de escutar? O que fizeram depois de escutar? Sigam em frente, por favor. Vocês estão tentando descobrir — não estão? — se há pensamento sem palavras. E vocês dizem: “Puxa, não posso pensar sem palavras. Tenho de ter uma imagem, um símbolo; do contrário não há pensamento.” Logo, o pensamento, a palavra, o símbolo, a imagem, são conhecimento. E conhecimento é tempo. E pode esse tempo mudar a mente humana? Todas as filosofias, todas as estruturas religiosas baseiam-se no pensamento, que é conhecimento, e nós ficamos esperando que esse conhecimento produza uma mudança. Digo que isso não é possível. Mas tenho de ver isso com muita clareza, vê-lo no sentido de ser sensível à verdade dessa asserção. A verdade é que o conhecimento, embora necessário no mundo da ação — dirigir um carro, aprender uma língua, o estudo das ciências, etc. —, não tem nenhum lugar na transformação do ser humano.

Vocês vêem a verdade disso? Vocês só podem ver essa verdade se não tirarem uma conclusão a respeito. Vocês vão dizer: “E o que devo fazer?” Isso é uma conclusão. “E como vou agir? Passei a vida inteira com conclusões, crenças, idéias, pensamentos, e o senhor aparece e diz: ‘Veja: isso nada tem que ver com o relacionamento, com a mudança do ser humano.’” E vocês perguntam: “O que vai ocupar o lugar disso?” Quem faz essa pergunta é o pensamento; logo, vocês

ainda estão fazendo as coisas no plano do pensamento e, em consequência, não percebem a verdade disso.

Vejam bem: a principal preocupação de uma pessoa séria é a transformação total da mente humana — não parcial, mas total, uma completa revolução da psique —, pois este é o primeiro movimento capaz de transformar o ambiente exterior. Sem essa mudança radical, a mera mudança exterior não tem sentido, porque cria um número sempre crescente de problemas. Vocês podem ver como as pessoas estão poluindo a terra e as águas, e a simples reforma não vai conseguir mudar isso. Assim, sendo séria, a pessoa pergunta: se o pensamento nada tem que ver com isso, qual é então a energia, a qualidade, capaz de modificar por inteiro a mente? Ora, será que eu e vocês vemos a verdade de que o pensamento não vai mudar o homem? Não porque eu diga isso, não porque eu os esteja convencendo intelectualmente, não porque vocês sintam que essa é a única maneira; mas vocês, sem levar em conta o ambiente, sem levar em conta quem está falando, sem levar em conta nenhuma influência, nenhuma impressão, nenhuma exigência, se dão conta por si mesmos da verdade disso? Em caso afirmativo, qual é o estado da mente de vocês? Qual é o estado da mente que vê a verdade ou falsidade de uma asserção? Que é essa mente que diz: “Sim, é verdade”? Vocês são capazes de responder? Será que se trata de uma convicção intelectual e, portanto, falsa? É uma opinião sustentada pela razão e, portanto, falsa? É uma seqüência lógica que vocês aceitam e que é, portanto, falsa? Ou será uma opinião dialética, que significa ver a verdade por meio de opiniões, sendo, por isso mesmo, falsa?

O que caracteriza a mente que encara essa afirmação? Como ela a recebe? É ela capaz de olhar essa afirmação como se a ouvisse pela primeira vez e perceber de modo instantâneo que se trata de um fato?

Vamos deixar isso de lado por enquanto.

Talvez vocês queiram fazer algumas perguntas que tenham que ver com aquilo de que falamos.

Questionador: Não vejo por que o conhecimento seja tempo.

Krishnamurti: Não vê mesmo? Veja bem: eu não sei andar de bicicleta e vou dedicar um tempo para aprender. Não sei falar russo; vou dedicar um tempo para aprender. Aprender a língua, com todo o seu conhecimento, vai exigir tempo, tempo para chegar daqui até lá. E eu preciso de conhecimento para ir daqui até lá. Logo, obviamente, não há dúvida sobre isso: todo conhecimento é tempo. E todo conhecimento é o passado.

Q: Você não precisa de tempo nenhum; você pode usar o conhecimento agora.

K: Tendo acumulado conhecimento como tempo, você pode usá-lo no presente. Não é isso? Ora, preste atenção: tendo acumulado conhecimento, tendo aprendido inglês, uso esse conhecimento, essa língua, no presente. Isso é evidente: é o que eu estou fazendo. No meu relacionamento com vocês, adquiri conhecimento a respeito de vocês e isso exigiu tempo; e eu uso esse conhecimento no meu relacionamento com vocês no presente. Por conseguinte, eu uso o passado para ver vocês no meu relacionamento com vocês. Uso no meu relacionamento a imagem que tenho de vocês: ela funciona. E essa imagem, que é o passado, me separa de vocês.

Q: E se o senhor estiver olhando para uma pessoa que é, ela mesma, o resultado do passado? Para vê-la, o senhor não terá também de olhar para o passado, porque essa pessoa é o passado?

K: Claro. Para olhar para mim mesmo, que sou o passado, será que uso os olhos do passado? Se eu de fato uso os olhos do passado para olhar para mim mesmo, não há como olhar para mim mesmo.

Q: Mas eles são os únicos olhos que tenho.

K: Espere um pouco. Eu não olho para mim mesmo. Só posso olhar para mim mesmo com olhos que não sejam do passado. Tudo isso é bem evidente.

Q: Como fazer para mudar minha mente de maneira instantânea?

K: O senhor fez a pergunta errada. Veja bem: para responder a isso, é preciso examinar toda a questão do tempo. E essa é uma questão imensa, que não cabe no momento. A mente pode mudar de modo instantâneo? Isto é, será que a mente — que é do tempo, construída pelo tempo, construída pelo conhecimento, construída pela experiência — será que essa mente toda — sendo a mente o coração, todo o organismo — pode mudar de forma radical fora do tempo? Não “de modo instantâneo”. Digo, com toda a humildade, que ela pode; do contrário, não estaria falando a esse respeito. Se eu julgasse isso impossível, eu seria hipócrita se falasse a respeito. Eu estaria me deixando levar por idéias, o que é uma estupidez.

O senhor sabe, todo esse problema do lugar do conhecimento é bem complexo, bem sutil, porque, como o senhor vê, de um lado *precisamos* ter conhecimento. Tenho de ter conhecimento para ir para o lugar onde moro, para dirigir, para falar uma língua, para reconhecer vocês, para jogar golfe, tênis, ir à fábrica. Para fazer qualquer coisa, tenho de ter conhecimento. E mesmo assim percebo que o conhecimento não tem lugar — ou será que tem? — na mudança humana. Isso não requer uma conclusão, mas uma percepção enorme, ampla, veloz. Posso concluir, dizendo: “ele tem lugar” ou “ele não tem lugar” — mas isso não tem sentido. Já o ato de ver todo o campo do conhecimento, de verificar onde ele é necessário e onde se torna uma coisa destrutiva, exige grande inteligência.

E então? A inteligência é produto do tempo? Ouçam isso. Não concordem nem discordem. A inteligência é pessoal; é sua ou minha? Ou ela é a percepção de todo esse movimento do conhecimento? Para perceber isso, é preciso ter um alto grau de sensibilidade, de atenção; é preciso ter cuidado, afeição, amor. Do contrário, não se pode ver a beleza, a rapidez da inteligência.

Brockwood Park, 6 de Setembro de 1973

Krishnamurti: Reunindo todas as perguntas feitas, fico imaginando qual será o tema central de tudo isso. Eu diria, sem excluir nenhuma outra opinião, que temos muitos problemas: problemas impostos pela sociedade e pela cultura em que vivemos, ou os nossos problemas pessoais. E queremos resolvê-los todos: o observador e o observado, a consciência e o inconsciente, a interferência do pensamento na visão e na ação. Temos todos esses problemas: a saúde ruim, o ioga, ficar de cabeça para baixo, o sentido da responsabilidade, o que é o amor, o que acontece quando se morre, etc. E quem vai responder a tudo isso? São os nossos problemas, coletivos, pessoais, impessoais, objetivos e assim por diante. Ora, quem vai dar resposta a tudo isso? Suponham que não haja ninguém a quem vocês possam fazer essas perguntas. Como vocês iriam responder a elas e resolver os problemas que surgem? Esse é o problema central, não é?

Questionador: Ter consciência.

K: Não, faça-me o favor, vamos examinar. Não diga “ter consciência”; isso dá a coisa por encerrada. Por favor.

Antes de tudo, estamos acostumados a fazer perguntas e a ter alguém para dar-nos resposta. O mundo está uma grande confusão de dar medo. O ditador diz: “Temos a resposta.” O político, o economista, o socialista ou o religioso diz: “Temos a resposta.” Ora, não procurem essas pessoas, porque elas nos levaram para o caminho errado; elas são, tanto quanto nós, responsáveis pela miséria, pela confusão, pelo

sofrimento, pela fome, pelas guerras e pela violência. Se não as procurarmos, de que modo vamos descobrir? Não há nenhuma autoridade — certo? —, nenhum livro, nenhum guru. Quem vai dar uma resposta a essas perguntas? Espero que essa seja a situação de vocês, que não estejam seguindo ninguém, que não haja para vocês nenhuma autoridade que diga “faça isso” ou “não faça aquilo”. Como vocês vão fazer para responder às muitas perguntas e resolver os muitos problemas que surgem na vida cotidiana?

Q: Senhor, eu faço essas perguntas a mim mesma e ainda assim não encontro respostas. Mas acho que não existem respostas, não é mesmo?

K: Minha senhora, espere um pouco. A senhora está em condições de dizer: “Não tenho ninguém que possa me dar a resposta correta, nenhum livro, nenhum sistema; estou na indigência e tenho de encontrar a resposta, porque a minha vida é muito curta e quero levar uma vida totalmente plena, rica, cheia de beleza, inteligente, *inteligente*; e ninguém pode me dizer o que fazer?” É essa a sua situação? Ou não?

Q: É.

K: Não diga sim ou não. Estar nessa situação é uma das coisas mais difíceis, não é?

Então, sem depender de ninguém, como vou descobrir a resposta ou resolver os problemas que aparecem diariamente? Não há uma série, um conjunto de problemas: os problemas aparecem a todo instante. E como vou enfrentá-los, resolvê-los, escapar da armadilha de tudo isso? Por onde começo? Claro que essa é a única maneira de descobrir o que é a verdade, o estado da mente que não tem problemas, que não está em conflito, que é sumamente sensível, inteligente, etc. Bem, por onde vou começar?

Q: Examinando.

K: Examinando o quê?

Q: Examinando o problema.

K: Examinando o problema? Quem é que cria esses problemas? Onde vou buscar uma resposta?

Q: Na fé.

Questionador 2: Em tudo o que é bom e verdadeiro.

K: Oh, não, senhora, faça-me o favor de não dizer tudo o que é bom e verdadeiro e nobre. Veja, estou fazendo uma pergunta séria e vocês dizem “busque o que é nobre, verdadeiro e belo”. Keats, todos os poetas, os filósofos e todos os escritores e intelectuais falavam interminavelmente a esse respeito, mas isso não responde à minha pergunta.

Q: Vendo tudo o que o problema não é.

K: Veja, senhor, eu, particularmente, não leio filosofia nem psicologia, não sigo nenhum guru, nenhuma autoridade. Para mim, a autoridade é veneno, seja em termos políticos ou religiosos. E não leio os livros sagrados da Índia, deste país, do Japão ou da China. Eles me cansam. Ora, por onde começo então? Também não confio em mim mesmo, certo? Como sei que o mundo me fez, também não posso ter confiança em mim mesmo. Não sei se vocês estão acompanhando tudo isso. Assim, digo a mim mesmo que tenho de me compreender: meu eu é o mundo e o mundo sou eu. E falo sério; não são meras palavras. E, ao compreender a mim mesmo, compreendo o mundo. O mundo que me cerca — a natureza, a estrutura do relacionamento humano, as divisões, as dissensões, os antagonismos, as guerras, a violência, etc. — está tudo encerrado dentro de mim, porque eu sou o mundo. Logo, tenho de começar por mim mesmo.

Q: Se o senhor é o mundo e o mundo é o senhor, como o senhor pode começar por si mesmo?

K: Eu começo com o que tenho, meu senhor. Posso continuar? Vamos em frente, por favor. O dia está quente, muito bonito. Continuemos.

Eu não sei nada sobre mim mesmo. Não começo com a conclusão de que sou ou não sou Deus, sou ou não sou o Estado, sou ou não sou o mundo. Eu não sei nada, certo? Não sei nada, e por isso começo por aqui. O que eu sei é o que as outras pessoas me disseram. Propaganda. O que eu sei, o que eu sou, é o resultado do que as pessoas me fizeram ser, e ajo em reação ao mundo. Logo, realmente, eu não sei nada. Assim, posso começar a aprender.

Posso ir em frente? Queiram, por favor, participar.

Como eu não sei nada, começo a aprender. Logo, tenho de descobrir o que significa aprender. O que significa aprender? Se eu não sei coisa alguma, o que é aprender? Eu sei que tenho de aprender uma língua — italiano, grego, francês ou outra língua qualquer. E guardo as palavras, o sentido das palavras, os verbos, os verbos irregulares e assim por diante. Portanto, eu sei uma língua. Sei andar de bicicleta, guiar um carro, cavar no jardim ou operar uma máquina. Sei tudo isso. Mas, deixando de lado o conhecimento tecnológico, não sei absolutamente nada a meu respeito. Podemos começar por aqui? Vocês podem dizer honestamente: “Eu realmente não sei nada sobre mim mesmo” — não por desespero nem por frustração, como se eu fosse cometer suicídio por não me conhecer!

Q: O que o senhor quer dizer com não saber nada sobre si mesmo?

K: O que sou. Por que faço isso. Por que penso aquilo. Quais as motivações, as impressões. Não sei nada a meu respeito afora o conhecimento tecnológico, as informações, as atividades nesse campo. Não sei nada sobre mim mesmo; sei apenas o que os outros me disseram sobre mim. Descartei os filósofos, os analistas, os psicanalistas, as mães, os pais, os livros. Então, vou aprender — aprender sobre mim mesmo; e antes de usar essa palavra, tenho de descobrir o que significa aprender.

Aprendi a andar de bicicleta; aprendi a dirigir um carro, a falar uma língua, a operar uma máquina ou seja lá o que for. Se sou burocrata,

aprendi a fazer do meu lápis uma arma. Eu sei tudo isso, mas o que significa aprender?

Q: Eu tenho de ser curioso.

K: Curiosidade. Eu sei o que a palavra significa, mas será que a curiosidade vai me ensinar o que significa aprender? Eu quero aprender sobre mim mesmo. O que significa aprender? Se aprendo sobre mim mesmo, essa aprendizagem vai levar ao conhecimento a meu próprio respeito e eu vou agir a partir desse conhecimento? Quero aprender sobre mim mesmo. Aprender — o que isso significa? Aprendi uma língua, a andar de bicicleta, etc., mas o meu eu é uma coisa viva, não é? Ele muda, exige, pede, com desejo, com raiva, com todas essas coisas. Tenho de aprender sobre tudo isso. Ora, se aprendo sobre a raiva, essa aprendizagem pode deixar um resíduo na forma de conhecimento. E a partir desse conhecimento eu ajo. Portanto, parei de aprender.

Q: Não se deve acumular.

K: Senhor, se a mente acumula conhecimento sobre si mesma, a próxima ação ou aprendizagem vai partir desse conhecimento.

Q: Eu disse que não se deve acumular.

K: Exatamente. Então, a aprendizagem é um processo de *não* acumular conhecimento. Eu acumulei conhecimento — andar de bicicleta, falar uma língua, todas essas coisas; mas quando estou aprendendo a meu próprio respeito, toda forma de acúmulo de conhecimento sobre mim mesmo vai impedir que eu continue a aprender. Porque o “eu” é uma coisa viva, não morta. Logo, a mente deve ir ao encontro dele a cada dia, a cada minuto, como se fosse pela primeira vez; do contrário, ela não poderá aprender.

Quando estou aprendendo sobre mim mesmo, caso haja alguma acumulação sob a forma de conhecimento, de experiência, o passado

impede a continuidade da aprendizagem. Portanto, será possível aprender sem acumular? É muito importante descobrir isso. Porque, se estou aprendendo e há acumulação, deixa de haver aprendizagem. Porque o “eu” é uma coisa muitíssimo viva, muito ativa. Assim, a mente tem de ter o mesmo grau de rapidez, de sensibilidade, de sutileza da coisa viva. Minha mente é capaz disso? Façam-me o favor de acompanhar isso passo a passo, e vocês vão chegar lá por si mesmos.

Q: Senhor, quando olhamos para alguma coisa, tão logo começamos a pensar nela, a vida já seguiu o seu curso.

K: Não, senhor. Veja, o senhor diz que a vida passa tão depressa, tão rápida, tão sutil, que a aprendizagem é impossível? É isso?

Q: Eu não disse isso. Eu disse que a dificuldade está em que, tão logo se começa a pensar numa coisa, é preciso ser capaz de vê-la e imediatamente passar a outra coisa, sem tentar pensar nela ou apreendê-la de qualquer forma que seja.

K: O incidente ou acontecimento ocorre com tamanha rapidez que não adianta pensar a seu respeito. Logo, tenho de aprender a observar sem o conhecimento anterior que acumulei, certo? Esse é o ato da aprendizagem.

Q: Logo, a pessoa observa com todo o cuidado suas próprias motivações.

K: Não, senhor. Não chegamos a isso. Quero conhecer a mim mesmo. Tenho de aprender a meu respeito. O que significa aprender? Enquanto não descobrir, vou apenas acumular conhecimento sobre mim mesmo. E vocês têm conhecimentos a respeito de vocês mesmos, não é? Aquilo que os psicólogos disseram, que os filósofos disseram, que os livros religiosos disseram, que o conferencista disse. Assim, vocês têm conhecimento de tudo isso; e quando descartam isso, não lhes resta nada; logo, vocês têm de aprender. E eu estou examinando o que significa aprender.

Q: O ato de aprender seria uma percepção espontânea, sem reação?

K: *Percepção espontânea* — me desculpe, não sei o que isso significa. Não somos espontâneos, somos? Somos tão condicionados, tão sobrecarregados pelo passado, com todo o conhecimento, todas as informações — como pode a mente ser espontânea?

Q: A palavra *aprendizagem* não está associada à acumulação?

K: Pois é, meu senhor: sabendo que a aprendizagem está associada com a acumulação de conhecimentos, estamos tentando separar uma coisa da outra. Não podemos usar outras palavras. Estou aprendendo sobre mim mesmo; portanto, não estou acumulando conhecimento a meu respeito. Se eu fizer isso, esse conhecimento vai me impedir de aprender mais sobre mim mesmo. É bem simples, não é?

Q: Para aprender, tem de haver observação.

K: E como faço para aprender e observar — observar a mim mesmo e aprender no ato da observação? E o que significa observação? Será que sou capaz de observar a mim mesmo, todos os meus movimentos, sem nenhuma distorção, sem nenhuma pré-conclusão que produza a distorção de que eu sou bom, de que eu sou mau, de que eu sou divino, de que eu sou maravilhoso, de que eu sou a pessoa mais bonita, mais simpática, etc., etc.? Será que eu sou capaz de observar a mim mesmo sem nenhuma sombra de distorção?

Q: Se eu não tentar mudar a mim mesmo...

K: Meu senhor, espere um pouco. Olhe bem. O senhor é capaz de olhar para si mesmo sem formar nenhuma opinião?

Q: Aprender requer prática, como um bebê, uma criança aprendendo a andar.

K: Agora, senhor, comece agora! Não fale do bebê; comece a aprender agora. Ouça isto, por favor. A mente pode observar a própria atividade sem preconceito? O preconceito é um juízo, uma avaliação que já foi feita, e é com esses olhos que eu me observo. Será que eu sou capaz de observar os meus próprios movimentos na vida cotidiana — cozinhar, lavar, todas essas coisas — e a atividade da mente, observar sem tirar nenhuma conclusão, sem nenhum preconceito? O senhor diz que não é possível. Espere. Faça isso! Por favor, faça essas coisas.

Q: Como o senhor o faz?

K: Estou mostrando ao senhor. Não pergunte como; eu estou mostrando ao senhor. Observe a sua mente sem preconceito. O senhor é capaz de fazer isso?

Q: Desculpe. Quando ando para lá e para cá, fazendo isso ou aquilo, vejo que há um movimento, o impulso de fazer julgamentos, de prejudicar. Isso é algo quase palpável. É possível observar tudo isso sem julgar?

K: É isso o que estou lhe perguntando, meu senhor. Será a mente capaz de observar a própria atividade sem preconceito, sem conclusão, julgamento, avaliação, sem o passado? Será ela capaz de fazer isso? Enquanto não o fizer, ela não será capaz de aprender.

Q: O senhor quer dizer observação sem pensamento?

K: Exato. Observação sem pensamento. Eu não queria usar essas palavras porque, se o fizesse, vocês poderiam dizer: “Como posso evitar que o pensamento interfira?”

Q: E não é esse o problema? Como observar sem preconceito o pensamento interferindo, como não julgar o pensamento?

K: Ora, não há ninguém para responder a essa pergunta. O que o senhor vai fazer?

Q: Vou desistir de procurar a resposta.

K: Vai desistir? Então desista! Mas o senhor tem de responder a essa pergunta. Não adianta simplesmente desistir; o senhor tem de dar uma resposta. A vida o desafia. O senhor não pode dizer: “Bem, vou desistir”, e deixar as coisas assim. A vida diz: “Responda.” O senhor é um adulto!

Por favor, meu senhor, espere um minuto. Veja bem, fica difícil quando a sua mente não dá completa atenção a algo que exige atenção. Eu quero aprender sobre *mim mesmo* — não através dos olhos de outra pessoa, seja ela Cristo, Buda ou o guru da moda. Eu quero aprender — *a mente tem de aprender* acerca de si mesma, e diz: “Como vou aprender?” —, o que significa que preciso observar. Como posso observar quando há tanto preconceito? Tenho milhares de preconceitos. Como posso observar?

E vem em seguida o fato de não haver ninguém para responder como a mente pode se livrar do preconceito. Ela tem de se libertar — vocês estão acompanhando? —, pois do contrário não posso observar; a mente não pode observar e, portanto, não pode aprender. Então, como a mente vai ficar livre dos preconceitos?

Q: Quando vejo em mim algo de que não gosto, isso é um fato, e não um preconceito.

K: Minha senhora, a senhora tem preconceitos, não? Todos nós temos alguma espécie de prejulgamento — é isso o que significa preconceito, prejudgar alguma coisa. Como pode a mente libertar-se do preconceito, do dogmatismo, das conclusões? Ninguém vai me responder, e por isso tenho de descobrir. Eu não posso simplesmente desistir da pergunta; tenho de lhe dar uma resposta por mim mesmo. A vida exige isso de mim.

Q: Vendo a falsidade disso.

K: Vocês vêem a falsidade do preconceito, não? Mas ainda continuam preconceituosos, não é verdade?

Respondam à pergunta por si mesmos. Como a mente vai se livrar do preconceito, das conclusões, das imagens que vocês construíram sobre vocês mesmos? Ouçam, ouçam. Construí uma imagem de vocês porque vocês são cristãos e eu hindu, ou sou comunista e vocês são outra coisa. Ora, como a minha mente vai se libertar dessa imagem que ela construiu, ou que a cultura ou a sociedade construíram, e que foi implantada na minha mente? Como ficar livre dessa imagem? Eis a questão. Não respondam outra coisa. A imagem existe. Como desfazê-la, de modo a ficar livre dela?



K: Vejam, fui criado como brâmane na Índia e digo que sou isso. Trata-se de um preconceito profundamente arraigado, criado em termos históricos, culturais, e a tradição diz que eu sou isso. Esse é o meu condicionamento. Pode a mente tomar consciência desse condicionamento? Apenas isso. Nada mais. Quando ela tem consciência do condicionamento dela, o que acontece?

Q: Ela deixa de estar condicionada.

K: O senhor está falando isso de verdade ou é uma mera afirmação verbal? Quando tem consciência do seu condicionamento, o senhor tenta superá-lo, modificá-lo, controlá-lo, ultrapassá-lo? Ou apenas tem consciência dele?

Q: Apenas tenho consciência dele.

K: Bem, e o que acontece então?

Q: Fico livre dele.

K: Espere um pouco. Ou o senhor está ou não está livre dele. O senhor não deve dizer: “eu fico”.

Q: Como quiser...

K: Não como *eu* quiser, por favor. Não se trata de um jogo que envolva o que eu ou o senhor queremos. A mente toma consciência de que é um cristão, um comunista, um hindu, etc. Esse é o condicionamento dela. Quando ela se torna consciente desse condicionamento, o que acontece?

Q: Uma mudança.

K: Não. Eu tenho de descobrir o que quero dizer com *ter consciência*, o que quero dizer com *observar o condicionamento*. O observador é diferente do condicionamento? A mente toma consciência, ou observa que ela mesma é condicionada. O observador é diferente do condicionamento? O que o senhor diz? Não há ninguém para lhe dar uma resposta. Como o senhor vai descobrir? A pessoa que pensa é diferente do pensamento, do condicionamento, ou ela própria é o pensamento, o condicionamento?

Q: O senhor percebe o seu condicionamento quando vê que ele é parte da mente?

K: Sim, senhor, compreendo. Estou indo um pouco além. Estou perguntando — estamos perguntando —, quando o senhor diz: “sou condicionado”, será que o “eu” que diz “sou condicionado” é diferente do condicionamento?

Q: Claro que não.

K: Claro que não. Logo, o observador é o observado. Ora, espere um pouco. Espere só alguns minutos. O observador é o observado. O que acontece então?

Q: Eu aprendo o que isso é.

K: Então eu aprendo — o senhor está dizendo — o que de fato é. Há uma aprendizagem “daquilo que existe?” Tenho de me ater a isso, meu senhor, me desculpe. O observador é o observado, certo? Vemos isso. Ou seja, o condicionamento e aquele que observa esse condicionamento não se distinguem um do outro. Os dois são condicionados. Isso significa que não há separação entre o observador e o observado. Quer dizer, não há separação entre aquele que vive e o que ele vive, não há separações entre aquele que pensa e o que ele pensa; eles são uma só coisa. Certo? E o que acontece? Não se apresse; vá devagar. Quando há separação entre o observador e o observado, há conflito, não é? A tentativa de superar, de modificar, de controlar, etc., etc. Ora, quando o observador é o observado, não há controle nem repressão; não há tentativa de superar nada; há apenas o que de fato é; o observador é o observado, a imagem é o observador, e só. E o que acontece então?

Q: A dualidade acaba.

K: A dualidade acabou quando dissemos que o observador é o observado. A dualidade existe, e a expressão dela é o conflito. Quando não há conflito entre o observador e o observado, o que acontece? Não há ninguém para lhe dizer isso, o senhor compreende?

Q: Temos uma ação imediata.

K: Calma, vá devagar, bem devagar. O que acontece?

Q: Eu não sou diferente daquilo que observo.

K: E o que acontece?

Q: O conflito acaba.

K: Sim, meu senhor, nós já dissemos isso. Quando o observador é o observado, o conflito acaba. Isso é a melhor coisa, não é? O conflito acaba. O conflito acabou quando o senhor percebeu que o observador

é o observado? Até esse conflito acabar, o senhor não vai se dar conta da realidade de que o observador é o observado; são apenas palavras. No momento em que o senhor vê a realidade disso, acaba o conflito entre o “eu” e o “não-eu”. O “eu” é o “você”.

E o que acontece quando não há conflito, isto é, quando o observador é o observado?

Vocês já meditaram? Vejo vários de vocês sentados sob as árvores prestando grande atenção. Vocês já meditaram? *Isso* é meditação. Os senhores compreendem? Isso é a maior meditação, deparar com essa coisa extraordinária, que é descobrir por si mesmo — a mente descobrir por si mesma — que o observador é o observado. Nesse estado não há conflito, o que não significa ficar simplesmente vegetando, não fazer nada. Pelo contrário.

Assim, tenho de descobrir o que acontece quando a mente percebe que a imagem e o observador da imagem são a mesma coisa. E ela chegou a esse ponto porque pesquisou. Ela não disse simplesmente *isso é assim*. Ela entrou em si mesma. Ela vê que, ao aprender, ao observar, não pode haver preconceito. Ela percebe que o preconceito é uma imagem e pergunta se essa imagem é diferente do observador. Tudo isso é uma investigação, uma investigação em que existe atenção: essa investigação produz a percepção de que o observador é o observado e, por isso, a mente está tremendamente viva; ela não é uma mente morta. É uma mente original, não estragada.

E o que acontece? Ela percebe que a palavra *hindu* e o autor dessa palavra são a mesma coisa. Nesse caso, será que a imagem, o condicionamento, estão presentes? Não digam sim ou não. Estão presentes? A mente é condicionada como católica. Quando a mente diz “eu sou católico”, o “eu” é diferente daquilo que foi chamado de católico — esse é o condicionamento dele. O observador diz: “eu sou diferente do meu condicionamento”, e a luta começa porque ele diz: “tenho de controlar”, “tenho de ser generoso”, “tenho de ser paciente”, “não posso matar, mas matarei quando necessário”, e assim por diante. Ele faz um joguinho consigo mesmo o tempo inteiro. Portanto, quando o observador se dá conta de que não é diferente da coisa que ele vê, que *isso* é

o condicionamento e que, em consequência, a coisa toda está condicionada, a estrutura toda está condicionada, o que acontece?

Quando há uma imagem, um preconceito, uma conclusão, há atividade, certo? Se eu sou cristão, tenho de resistir a tudo o que não seja cristão; se sou comunista, converterei todos à minha ideologia. Há atividade nisso, não há? Há atividade do observador tentando converter os outros, fazendo proselitismo, ameaçando. Quando o observador é o observado, toda essa atividade cessa, não é verdade? E o que acontece? Há uma imobilidade completa, não há? Que pena: vocês não vêem a beleza disso.

Vejam. Quando a mente é preconceituosa, ela está em movimento. Se tenho algum preconceito contra você porque você me magoou, eu resisto — e há movimento. A imagem que construí a seu respeito é o movimento de um preconceito contra você. Sou comunista e minha educação consiste em resistir a tudo o que não seja comunista e levar todos a sê-lo. Logo, ter uma imagem indica um movimento disso para aquilo ou de transformar isso naquilo — tese, antítese e a produção da síntese. É um movimento constante da imagem, da palavra, da conclusão. Assim, quando a mente percebe, quando ela vê que o observador é o observado — vê, não aceita verbalmente alguma idéia idiota, mas sente isso de fato em suas entranhas, no seu sangue, no seu coração, em si mesma —, ela percebe que não há separação. Logo, esse seu movimento acaba. O movimento do condicionamento cessa.

Há então uma imobilidade completa da mente, o que não significa que ela esteja morta ou adormecida; ela está viva ao extremo. Está viva porque não se move em áreas condicionadas. E o que ocorre quando há um não-movimento completo?

Trata-se de fato da coisa mais extraordinária que há para se descobrir, se você chegou a isso. Ou seja, todo movimento é tempo e o tempo é pensamento. O pensamento é condicionado e, quando entra em ação, ele só pode agir no campo desse condicionamento. Sou católico, protestante, comunista, socialista, direitista, esquerdista, de centro, budista, não sou nada ou tenho de ser alguma coisa — tudo isso está na área do conhecido; o movimento está no tempo, é tempo. Movimento é tempo. Ora, quando o observador é o observado, não há

nenhum movimento. há apenas o observado. E quando não há nenhum movimento com relação ao observado, ao “que existe”, o que aconteceu? Não há movimento, não há blabláblá, não há movimento do inconsciente para a consciência, não há movimento nenhum. Logo, a mente vê, tem energia para encarar aquilo “que é”. Quando há um movimento para longe daquilo que “existe” há desejo de modificá-lo, de controlá-lo, de transformá-lo. Quando não há nenhum movimento, existe uma extraordinária energia para observar aquilo “que existe”.

E o que existe? Outra série de palavras? Isso não é uma realidade para vocês; é uma aceitação verbal. Vocês não dizem: “Bem, vou olhar isso, vou empenhar nisso a minha energia. Sou dedicado; quero descobrir.” E vocês só poderão descobrir quando tiverem descartado tudo o que os outros disseram.

Enquanto não fizerem isso, vocês não poderão aprender. Vão repetir o que os outros disseram, que é o que vocês estão fazendo. E o que os outros disseram pode ser bem tolo, pode ser verdadeiro, pode ser falso. Os outros nada significam aqui. Tem sentido quando o médico diz, a partir do conhecimento dele, que vocês tomem uma determinada pílula, ou que vocês têm câncer e devem fazer alguma coisa. Isso é diferente. Mas, no nosso caso, eu não sei nada; tenho de aprender. Aprender significa observar. Não há observação quando há o movimento da imagem — vocês se dão conta da beleza disso? —; o movimento da imagem significa o condicionamento e o movimento do condicionamento. E esse movimento do condicionamento é tempo. E o pensamento é tempo. Assim, o pensamento se divide em observador e observado e há conflito. E é esse o movimento da nossa cultura, da nossa atividade religiosa: conflito entre “o que existe” e “o que deveria existir”, entre o observador e o observado. Mas quando se percebe que o observador é o observado, o movimento desse condicionamento cessa porque não há movimento. Uma mente assim chegou a isso por meio da meditação, da investigação, da observação, fazendo perguntas a si mesma e não a outra pessoa. Ela tem de ficar completamente só, o que não significa ficar isolada, imobilizada, virar um eremita. Pelo contrário, a mente se esvazia do seu próprio condicionamento; logo, não há o movimento do condicionamento nem, por conseguinte, o movimento

do tempo. Então, não há o “que existe”; há apenas alguma coisa inteiramente diferente.



Q: Tudo isso está me parecendo muito maçante, porque não posso fazer nada além de concordar com o senhor da boca para fora e segui-lo.

K: Então deixe de concordar da boca para fora.

Q: Não consigo ir além do observador e do observado.

K: Então dedique tempo a isso, se esforce. O senhor não diz isso quando tem fome. Quando tem desejo sexual, o senhor não diz... Quando a casa está em chamas, o senhor quer agir. E o senhor age quando tem dor, quando lhe doem os dentes. Quando tem alguma doença, o senhor não fica parado à toa.

Brockwood Park, 31 de Agosto de 1978

Krishnamurti: O que é aprendizagem, e será possível aprender por meio do relacionamento? Podemos tratar disso?

O que designamos por aprendizagem? Creio que essa pode ser uma pergunta importante se pudermos analisá-la devagar e com cuidado. Aprendemos com os livros, aprendemos com os pais, com os colégios, com as universidades, e também pela experiência. Aprendemos por meio de várias formas de acontecimentos, que se tornam, todas elas, conhecimento. Isso está bem claro. Reunimos informações, experiências advindas de várias formas de acontecimentos e incidentes que acontecem na nossa vida e, a partir de tudo isso, acumulamos conhecimento; e, com base nesse conhecimento, agimos. Essa é uma maneira de aprender.



Posso acumular conhecimento sobre a ciência, sobre a tecnologia, sobre a medicina, etc., e agir a partir desse acúmulo. Ou posso agir e, por meio dessa ação, aprender. Aprender muito através da ação também se torna conhecimento. Logo, uma e outra forma de aprendizagem são essencialmente a mesma: adquirir conhecimento e agir; ou agir e, a partir dessa ação, acumular conhecimento. Uma e outra tendem a ficar mecânicas. Se isso está claro, a pergunta é: haverá uma maneira não-mecânica de aprendizagem? Para descobrir, temos de ter muita clareza com relação à atividade mecânica do conhecimento acumulado e a todo o movimento dessa atividade.

Por favor, enquanto estamos conversando a esse respeito, descubram de que maneira vocês aprendem e se essa aprendizagem está ficando cada vez mais mecânica. Vocês me ouvem, ouvem o conferencista, vocês lêem coisas, ouvem fitas, aprendem, acumulam conhecimento e então dizem: “Bem, vou praticar isso.” Logo, essa prática se torna mecânica. Ora, estamos perguntando: há um movimento diferente que não seja mecânico, que também seja aprendizagem mas não seja acúmulo de conhecimento nem ação a partir disso?

Questionador: E também não é mecânico acumular conhecimento para destruir o conhecimento que se acumulou?

K: Sim, ainda é mecânico. A pessoa tenta se livrar do conhecimento que acumulou e diz que não é essa a maneira de aprender; assim, ela aprende de uma forma diferente, mas ainda acumula.

O processo de acumulação de conhecimento prossegue durante todo o tempo. Por favor, estamos perguntando se há uma outra maneira de aprender que não seja mecânica, que não funcione o tempo inteiro com base no movimento passado. Vamos descobrir isso. Façam-me o favor de investigar, de questionar, de desafiar a si mesmos e descobrir.

Dissemos muito claramente que a ação seguida do conhecimento, ou o conhecimento seguido da ação, significam essencialmente a mesma coisa. E agora estamos perguntando: há uma aprendizagem diferente? Não se apressem em chegar a conclusões; não falem de “espontaneidade” nem de “intuição”. Não nos deixemos apanhar pelas palavras. Haverá um modo não-mecânico de aprender?

Q: O silêncio por acaso faz parte disso?

K: Veja bem, o senhor está se apressando. Comece como se não soubesse. Estamos começando com um ponto de interrogação; o senhor não sabe, e por isso não diga “silêncio” ou qualquer outra coisa. O senhor realmente não sabe. Sim, senhor, é essa a maneira de descobrir! Como se fosse uma página em branco, o senhor não sabe; então, vamos descobrir.

O senhor tem certeza de que não sabe? Ou está fingindo que não sabe? Não, por favor, falo de mim mesmo, com seriedade. Será que estou fingindo que não sei, ou realmente não conheço outra maneira de aprender? Talvez a aprendizagem tenha, nesse caso, outro significado: um modo não-mecânico de aprender. Não sei. Tenho de ser tremendamente honesto comigo mesmo; então posso descobrir. Mas se digo: “Pois é, não sei, mas tenho lá no fundo algumas idéias a respeito”, então não estou investigando de forma alguma.

Podemos começar dizendo honestamente: “Eu de fato não sei”? É algo bem difícil, porque quando não sabemos, nós ficamos observando, tentando descobrir se sabemos ou não. Quando digo “não sei”, sempre há o desejo de descobrir ou de que alguém me diga; ou eu projeto para fora uma esperança oculta, que se torna uma idéia, e digo: “Sim, comecei a captar”. Desse modo, será que vocês são capazes de ficar livres de tudo isso e dizer: “Eu realmente não sei”? Se forem, vocês estarão curiosos, efetivamente curiosos, como um garotinho ou garotinha aprendendo pela primeira vez.

Observem-se a si mesmos. Não observem a mim ou a outra pessoa; observem-se a si mesmos. Ou seja, quando vocês dizem: “Eu realmente não sei”, o que aconteceu? Sua mente não está ativamente pensando em como descobrir. Digamos, por exemplo, que eu realmente não saiba. Isso significa que não tenho nenhuma esperança de descobrir, nenhuma conclusão, nenhum propósito. Isso é muito importante. Quando digo que não sei, está implícita aí a ausência de um propósito, seja ele qual for. Porque o propósito proporciona uma direção, e então não estou mais ignorante. Logo, tenho de estar muito lúcido e ser extremamente honesto comigo mesmo para dizer que realmente não sei.

Esperem, ouçam isto com muita atenção. Eu realmente não sei — então, o que aconteceu na minha mente? Descubram; não se apressem em responder. Não terá ela ficado livre da velha tradição mecânica? Quando digo que realmente não sei, não saí por inteiro desse campo?

Q: Não acho que estejamos pensando no fato de não conhecer uma nova maneira de aprender. Tudo o que conhecemos é o conflito que o

conhecimento mecânico causa, só isso. Não sabemos mais nada. E vemos que não sabemos como superar esse conflito.

K: Ainda não estamos falando de conflito, meu senhor. Chegaremos a isso daqui a pouco. Estamos falando da existência ou não de um processo de aprendizagem diferente. Se eu não sei e realmente digo “Eu não sei”, o que aconteceu?

Q: Então a minha mente diz que, se não sei isso, estou vazio.

K: Ora, pelo amor de Deus! Como as pessoas são tolas.

Q: Por que isso é uma estupidez?

K: Eu não disse estúpido; disse tolo. Como não estamos prestando atenção, ela está vazia. Está mesmo? Ou estará tão livre do funcionamento mecânico que fica inteiramente desperta? Por estar muitíssimo curiosa para descobrir? Vocês percebem a diferença? Esperem, deixem-me dar um exemplo. Vocês sabem o que Deus é? Claro que vocês têm crenças, dogmas, todo tipo de condicionamento, mas na verdade não sabem. Vocês podem inventar alguma coisa; podem pensar a respeito; podem defendê-Lo ou combatê-Lo. O fato, no entanto, é que não sabem. Logo, vocês começam com o não saber a fim de descobrir.

Q: Posso perguntar se o senhor sempre começa por não saber quando vai fazer palestras? Sempre começa com: “Eu não sei, vamos descobrir agora”?

K: Sim, é o que estou dizendo.

Q: É isso o que o senhor faz quando vem falar aqui? É isso? O senhor está completamente livre do que aprendeu antes?

K: Por favor; eu não preparo palestras. Não faço coisa alguma; apenas chego e despejo o que tenho a dizer. Eu costumava prepará-las, escre-

vê-las com grande cuidado etc., etc., e um dia alguém disse: "Jogue fora suas anotações e fale." Foi o que fiz, e assim tudo começou.

Q: Não há muita diferença entre escrever no papel e ter as coisas escritas dentro de si mesmo.

K: Mas eu não tenho nada escrito dentro de mim. Estou fazendo tudo agora. Por favor! Quando diz que realmente não sabe, o senhor interrompe o processo mecânico da aprendizagem, não é? Logo, sua mente não está vazia; ela está livre do esquema dentro do qual vinha funcionando e, portanto, está agora num estado de atenção aguda, aprendendo. Ela se acha agudamente atenta, livre disso. E o que acontece?

Q: A mente fica entediada.

K: Tentem de fato, por favor, tentem fazer o que estamos falando aqui. Quer dizer, tentem descobrir.

Q: Investigação.

K: Sim. O que significa investigar? Significa que vocês devem estar livres de preconceitos, de hábitos, de conclusões, de toda forma de opinião, de modo que a mente de vocês tenha liberdade de movimento. Do mesmo modo, se vocês compreenderem a natureza dessa modalidade mecânica de aquisição de conhecimento e a colocarem no seu devido lugar, vocês vão se ver livres dela. E, nesse momento, serão capazes de uma atenção total, não é verdade? Quando há atenção total, há aprendizagem? Por favor, isso exige um pouco de exame.

Eu talvez esteja um pouco devagar esta manhã, por isso peço que me perdoem por insistir nisso. Talvez voltemos ao assunto um pouco mais tarde.

A próxima questão é: posso observar a mim mesmo por meio do relacionamento? Posso conhecer a mim mesmo de modo fundamental, essencial — todas as reações, todas as nuances, as sutilezas do meu ser — no relacionamento? Eis a questão que foi levantada. Logo, temos

de investigar o que queremos dizer com *relacionamento* — a palavra em si. Estar em relação é estar em contato; não apenas ser fisicamente íntimo, mas também se encontrar no mesmo nível, no mesmo momento, com a mesma energia. Isso é relacionamento. Há relacionamento entre um homem e uma mulher, ou entre amigos, ou entre um rapaz e uma moça, quando eles se encontram não só fisicamente, mas de modo bem mais amplo. Quando eles se encontram no mesmo nível, no mesmo momento, com a mesma energia, podemos dizer que há entre eles um relacionamento real, verdadeiro, genuíno.

Ora, nossos relacionamentos baseiam-se na memória, nas várias imagens, representações, conclusões, que formulei acerca do outro e que o outro formulou sobre mim; as várias imagens que tenho sobre o outro como mulher, marido, rapaz, moça ou amigo, etc. Logo, há sempre a formação de imagens. Isso é simples e normal; é o que costuma acontecer. Quando alguém é casado ou vive com outra pessoa, todo incidente, toda palavra, toda ação, cria uma imagem. Estamos entendidos quanto a isso? Não concordem comigo, por favor; não estou tentando persuadi-los de coisa alguma, mas vocês podem ver isso por si mesmos. Uma palavra é registrada; se for agradável, vocês vibram de satisfação; se não for, vocês imediatamente se retraem. O prazer cria uma imagem; o retraimento, o afastamento, cria uma imagem. Por conseguinte, nossos relacionamentos baseiam-se em várias formas sutis de representações, de imagens e de conclusões.

Estou perguntando: quando isso ocorre, o que acontece? O homem cria uma imagem da mulher e esta cria uma imagem dele. No escritório, na fábrica, em qualquer lugar, todo relacionamento se baseia essencialmente na formação de imagens. Isso é um fato, não é? E o que sucede então? Quando o homem tem uma imagem e a mulher tem uma imagem, vem a divisão e começa todo o conflito. Quando há uma divisão entre imagens, é inevitável que haja conflito.

Q: Por que as imagens ficam tão importantes?

K: Primeiro, veja isso passo a passo. Não pergunte por quê. Vocês têm uma imagem do seu irmão, da sua irmã, da sua mulher, do seu marido,

do seu pai? Vejam que, quando há imagens, há divisão: o judeu e o árabe, o hindu e o muçulmano, o cristão e o comunista. Trata-se do mesmo fenômeno; quando isso acontece, há necessariamente um conflito fundamental. O marido vai ao trabalho, onde criou uma imagem de si mesmo, de sua posição, do seu valor, de seus concorrentes; e ele chega em casa e diz: “Tudo bem, querida?” E, mais uma vez, ele tem a sua imagem e a mulher a dela. E por isso existe conflito.

É uma lei básica que, quando há divisão entre as pessoas, necessariamente há conflito. E ponto final. O homem pode dizer à mulher, ou ela a ele: “Eu te amo.” Isso, porém, pode não passar de amor sensorial, amor sexual. No fundo, não há entre eles nenhum relacionamento. Eles podem usar alianças, se abraçar, dormir na mesma cama, viver na mesma casa. Mas, no essencial, ele vai atrás das próprias ambições, da própria cobiça, e ela faz o mesmo. Logo, no fundo, eles nunca se encontram no mesmo nível, no mesmo momento, com a mesma energia. Eles não podem. Vocês estão percebendo isso ou estão se limitando a aceitar as palavras do conferencista — que de nada valem? Vocês vêem de fato que é assim que acontece na vida diária?

Ora, por que criamos essas imagens? Por que vocês criam imagens da namorada, da mulher, do marido, do namorado? Por quê?

Q: Porque não vemos a totalidade do fato.

K: E como podemos ver a totalidade, toda a beleza do relacionamento, toda a natureza do amor, se estamos tão preocupados com o nosso pequeno “eu” o tempo inteiro?

Q: Será porque estamos registrando o tempo inteiro?

K: Quero esquecer o registro. Observe-a como se fosse pela primeira vez. Por que eu — ou qualquer pessoa — crio uma imagem de outra pessoa? Por que vocês criam uma imagem do conferencista?

Q: Por falta de atenção.

Questionador 2: Para ser dependentes.

K: Queiram examinar a questão antes de responder. Vejam primeiro o que vocês fazem. Se me for permitido fazer uma sugestão, antes de tudo examinem o fato em si; não digam que é isso ou aquilo. Apenas verifiquem se é realmente assim.

Questionador 3: Queremos ser reconhecidos de alguma maneira.

Questionador 4: Será porque eu quero saber o que vai acontecer amanhã?

K: Examinem a coisa. Vocês são casados ou têm uma namorada ou namorado. Esse processo de construção de imagens acontece. E estou perguntando por quê. Dêem tempo a si mesmos. Por favor. Vocês não sabem, eu não sei, vamos descobrir.

Q: A familiaridade; temos as coisas por certas. Estamos o tempo inteiro mais preocupados do que atentos.

K: Quero descobrir por que eu crio uma imagem da minha mulher. É por hábito? Por conveniência? Condicionamento imemorial? Será por causa da tradição que faço isso? Ou estará isso nos genes, de modo que formo instintivamente uma imagem das pessoas?

Q: E importa saber por quê?

K: Descubram. Será apenas hábito no qual vivemos?

Q: Não; é influência.

K: A influência também, porque estamos muito acostumados a ser influenciados, que é o ambiente. Será o hábito? Será uma tradição que foi transmitida inconscientemente de raça a raça, de geração a geração? Será algo que aceitei como parte de mim, assim como aceito o meu braço ou a minha perna?

Q: Creio que é a continuação do condicionamento que nós mesmos recebemos.

K: É parte do nosso condicionamento, passado de pai para filho, e assim por diante, geração após geração. Por isso, vamos descobrir. Vamos pôr tudo junto — hábito, tradição imemorial, desejo de proximidade e, ao mesmo tempo, afastamento. É por isso que vocês criam imagens? Observem de fato. Dediquem um segundo a isso, um mísero segundo. Ou será porque queremos ter certeza da namorada, do namorado, do marido — certeza de que somos donos deles: “Ela é minha e não sua”? Tudo isso está envolvido. O desejo de certeza — é a minha mulher, o meu namorado, a minha namorada, o meu marido: tenho certeza. Isso me dá certeza no meu relacionamento com o outro. “Conheço a minha mulher” é a afirmação mais absurda. Ela me dá a sensação de que possuo algo e de que estou certo dessa posse. Então é o hábito, um bilhão de anos de tradição passada de geração em geração, o desejo de possuir, de ser dominado — amar para possuir, amar para ser dominado, um estado neurótico — e o desejo de ter certeza: é a minha casa, a minha mesa, a minha caneta, a minha mulher? O que me dizem de todas essas coisas?

Q: Deveríamos nos libertar de tudo isso.

K: Deveríamos nos libertar ou somos livres?

Q: Deveríamos ser livres.

K: Oh! Eu deveria estar no topo do Himalaia, mas não estou! Como podemos conversar se não seguimos a mesma direção? Por favor, o que “deveria ser” não existe; o único fato é aquilo que “é”.

Q: Não poderíamos aceitar esse fato mediante a compreensão dele?

K: Calma, minha senhora, estamos fazendo isso. Estamos fazendo isso passo a passo, desvendando a coisa. Tenho certeza do meu nome, da minha forma, da minha forma física; tenho certeza de ser qualificado

mecanicamente como cientista, como professor. Tenho certeza da minha profissão, da minha carreira como militar ou como médico. É a minha carreira. Quero ter certeza no meu relacionamento; e quando essa certeza é abalada, começa o problema; e ele termina em divórcio, em separação ou no nome que vocês quiserem dar.

Assim, criamos essas imagens para nos sentirmos seguros, para ter certeza, para possuir e sentir o poder, o prazer, a força dessa posse. E esse é o desejo humano herdado desde há um milhão de anos: desejo de segurar alguém, de não permitir que ele se vá. Esses são os fatores da vida cotidiana.

Q: Logo, isso implica a fixação das coisas, não é?

K: Exato. Quero ter certeza. Quero estar seguro de que, quando eu voltar do escritório, ela vai estar em casa. E quando ela chega do escritório, também quer ter plena certeza de que eu vou aparecer! Eis o jogo que temos praticado infinitamente, de várias maneiras.

Q: Qual o motivo dessa nossa necessidade de certeza?

K: Estamos falando de uma coisa muito séria. Sabendo que se trata de fatos, e não de idéias, de criações imaginárias, de conclusões que vocês tenham tirado do que eu falei, mas de fatos cotidianos, perguntamos se não há a possibilidade de relacionamento. Vocês podem dormir juntos, podem se dar as mãos, fazer todo gênero de coisas juntos, mas na verdade não existe relacionamento. Eis o fato. E vocês não querem admitir esse fato porque, no momento em que o fizerem, vão surgir a dúvida, o medo, o nervosismo.

Posso aprender a meu próprio respeito no meu relacionamento com o outro? Eis a pergunta com que começamos. Eis a pergunta que foi feita. Nesse relacionamento, posso observar minhas reações: gosto e não gosto; ela disse uma coisa horrível; ou tudo foi muito agradável. Posso observar minhas reações. Essas reações são eu, não é verdade? Elas não são separadas de mim. São respostas tanto sensoriais como nervosas, psicológicas. Estou aprendendo muitíssimo sobre mim mesmo. Já vi infi-

nitamente o que estou fazendo, o que fiz, o que farei amanhã se continuar nesse modo mecânico de comportamento. E vem a morte e eu digo: “Querida, estou partindo.” Ela se sente extremamente sozinha, angustiada, infeliz, chora, descobre de repente que ficou sozinha. Ou ele fica sozinho, não pode suportar isso e sai em busca de diversão, sai com outra mulher, faz qualquer outra coisa, ou então se toma muito religioso.

Que jogo o que praticamos uns com os outros! Bem, vejo que isso é um fato. Aprendi muitíssimo a meu respeito no meu relacionamento com o outro. E surge este fator: a criação de imagens pode cessar? Será que esse impulso do passado, esse impulso fortíssimo que tem por trás de si uma massa imensa, como um rio com grande volume de água — será que essa tradição de construção de imagens e o desejo de todas essas coisas podem acabar sem nenhum conflito?

Ora, será que esse mecanismo de formação de imagens — não só ele, mas o desejo de certeza, a tradição, toda a estrutura disso — será que tudo isso pode acabar? Vocês estão fazendo essa pergunta? Ou será que estou impondo a pergunta a vocês? Se vocês mesmos a estão fazendo, vocês dizem: “Não sei; portanto, vou descobrir”? Ou vocês já estão lutando por descobrir? Como essa criação de imagens pode acabar? Isso significa fazer cessar o registro — não registrar uma única palavra do que ele ou ela diz, a afronta, o insulto, os resmungos —, não registrar coisa alguma. Isso é possível? Estou fazendo essa pergunta; vocês precisam respondê-la.

Q: Não, é impossível. Não acho possível.

K: Essa senhora diz que é impossível; logo, ela fechou a porta.

Q: Não, não fechei a porta, mas acho impossível.

K: No momento em que diz que é possível ou impossível, a senhora fechou a porta. É como alguém que diz: “Não posso fazer isto”; ele está acabado. Tenho certeza, vejo com clareza, que cada um de nós pode fazer isso se envolver aí o coração e a mente.

Quando a mulher, o marido, o namorado, a namorada, diz: “Você está meio devagar esta manhã”, vocês precisam mesmo registrar isso, reagir às palavras, ao sentimento que ele ou ela revelou? Vocês não são capazes de observar suas próprias reações a essas palavras e a esse sentimento? Não são capazes de observar tudo isso instantaneamente? Ou se ele ou ela diz: “Você está muito bem esta manhã”? Investiguem. É possível não registrar nada?

Por favor, estamos falando sobre aprender a respeito de si mesmo no relacionamento. Vimos por que criamos imagens e constatamos a impossibilidade de um verdadeiro relacionamento. Pode haver relacionamento físico, mas em termos psicológicos vocês estão, como é óbvio, inteiramente separados. Como podem se relacionar e amar um ao outro se são ambiciosos ou competitivos? Vocês não podem. Logo, vocês aprenderam muito ao estudar o relacionamento. E agora chegamos ao ponto de perguntar: vocês são capazes de ouvir a palavra — não abafá-la —, ver o sentido da palavra, a expressão no rosto da pessoa que a diz, bem como observar sua própria reação a tudo isso? Você são capazes de ver tudo isso?

Q: Parece-me que, a esta altura, estamos tendo contínuas dificuldades por ficar dizendo “Eu não sei”.

K: Não fique repetindo “Eu não sei”. Assim você encalha. Começamos dizendo que criamos essas imagens e que o motivo por que as criamos é razoavelmente claro. E dissemos que a pergunta seguinte é: essa construção de imagens pode cessar? A essa altura, posso dizer: “Eu não sei”. Certo? Porque, a essa altura, a mente está extraordinariamente alerta.

Q: Temos de ter a vontade de fazer as imagens desaparecerem.

K: Sim. O senhor tem vontade de descobrir se a formação de imagens pode acabar. Se digo que é possível ou impossível, fico paralisado. Mas quando digo “eu não sei”, não estou mais paralisado. Estou em movimento; estou ativo e cheio de energia para descobrir. Não estou trans-

mitindo a minha energia a vocês; são vocês que a estão criando. Por favor, isso é um perigo.

E então? É possível ouvir e não registrar?

Q: Às vezes ficamos paralisados.

K: Não, não há paralisia, minha senhora. Não podemos ficar paralisados quando o nosso relacionamento com os outros tem tanta importância. Toda a vida é relacionamento. Não se restringe a nós dois; é um problema global. Logo, temos de encará-lo globalmente; não dizer apenas: “Eu amo a minha mulher.” “Eu e você” é uma coisa insignificante. Quando se compreende o global, compreende-se o particular. Mas se começarmos com o particular, não vamos compreender o global — global no sentido da abrangência. Trata-se de algo que diz respeito a todos os seres humanos, onde quer que estejam.

E pergunto: sou capaz de ouvir a palavra, de ver a expressão, o gesto, o desdém, a arrogância, etc., no rosto da outra pessoa e ouvir isso sem reagir? Temos então de ver o que significa ouvir.

Será que sou capaz de ouvir? O que significa ouvir? Vocês ouvem? Estão ouvindo agora? Estão ouvindo o que eu digo ou ouvem uma conclusão a que chegaram acerca de si mesmos? Ou será que, ao ouvir, vocês já chegaram a uma conclusão? Ou abstraíram uma idéia daquilo que ouviram e estão correndo atrás dessa idéia? Se assim for, vocês não estão ouvindo de fato. Portanto, vocês estão ouvindo neste instante? Ouvir significa ouvir sem um único movimento do pensamento, como decorrência do tremendo interesse que vocês têm na questão em exame. Se não estiverem nesse estado, vocês não vão ouvir. Se estiverem profundamente preocupados com isso, vocês vão ouvir de maneira natural e instintiva. E então? Vocês estão ouvindo a partir da experiência de vocês, estão ouvindo a palavra em vez do conteúdo dela ou estão ouvindo e fazendo uma abstração ideal daquilo que ouvem, dizendo: “Sim, entendi”? Se estiverem ouvindo sem nenhum movimento do pensamento, da intenção, apenas ouvindo, façam-me o favor de ouvir com atenção o que tenho a dizer. Vocês são capazes de ouvir o namorado, a namorada, a mulher, dessa mesma maneira? Vocês compreendem? Se forem,

não há mais nada a fazer. É algo muito simples para quem capta a simplicidade da coisa. Mas, intelectualmente, qualquer coisa é motivo para criarmos a maior confusão.

Assim, se há o ato de ouvir, não há registro. Outro dia, depois de uma das palestras, um senhor veio falar comigo e disse: “Que palestra maravilhosa! Foi excelente! Sinto que assimilei tudo.” Eu o ouvi com toda a atenção. Ouço isso há cinquenta anos e, se ficasse registrando como é maravilhoso, eu já estaria louco! Por isso, façam-me o favor de descobrir: vocês conseguem ouvir alguém dizendo coisas ultrajantes, ou agradáveis, de modo tão completo que não haja registro? Isto é: no momento em que as palavras são ditas, vocês conseguem ficar tão atentos que não haja um centro que registra?

Vocês já estiveram atentos alguma vez? Atentos no sentido de dedicar toda a atenção, toda a energia, o coração, a mente, tudo. Quando fazemos isso, não há um “eu” a partir do qual brota a atenção; há somente atenção. Nessa atenção não existe registro. Só quando há desatenção é que existe um centro que registra.

Q: Meu senhor, não existe distração.

K: Não. Não há distração. Façam-me o favor de compreender isso. Não há distração. O senhor quer dar atenção a uma coisa e está distraído, como em geral todos estão. O que significa isso? Significa que o senhor não está prestando atenção; logo, não existe distração. Perceba então que não está atento e, por conseguinte, distraído. No momento em que percebe que está desatento, o senhor já está atento. Perceba isso, senhor. Não há esforço nisso.

Logo, é possível não registrar coisa alguma. Será que vocês são capazes de viver assim? Não um dia ou alguns minutos — será que vocês são capazes de levar toda a vida assim?

Q: Com licença. Quando estou atento da maneira de que o senhor fala, a atenção fica limitada ao objeto imediato da minha atenção?

K: Não. Atenção é atenção, não se limita a isso ou àquilo. Estou atento. Há atenção.

Ora, espere um pouco; apenas observe. A pergunta foi sobre aprendizagem e visava saber se é possível aprender por meio do relacionamento. Nós a examinamos passo a passo, de modo lógico, razoável, saudável. Agora, apenas por um minuto, ouçam o que vou dizer. Penetramos na questão com muitíssimo cuidado, em detalhes. Ora, vocês são capazes de ver isso como um processo integral, não decomposto em partes? São capazes de perceber a estrutura inteira? Tratamos dela aos pedaços, aos fragmentos, parte por parte; isso não significa nada para mim, pessoalmente. Se captarem a totalidade da coisa, a partir disso vocês poderão chegar aos detalhes. Mas não podem chegar ao todo a partir dos detalhes.

Ora, depois de reservar um tempo para isso, vocês são capazes de observar esse fenômeno do registro, da aprendizagem, do relacionamento, como um todo? Refiro-me a perceber profundamente todo o fenômeno num único instante. Vejam que não estamos acostumados a isso. Sempre vamos de uma coisa para outra, de fragmento para fragmento, de um pedaço para outro e, gradualmente, construímos o todo — julgamos ter construído o todo —, mas o todo não é isso. O todo é a percepção da estrutura inteira e do que há além dela. Quando fizerem isso, vocês poderão ser muitíssimo lógicos.

Q: E além da estrutura, disse o senhor.

K: Sim, é claro. A estrutura é muitíssimo frágil.

Q: Então a atenção inclui a estrutura e o que há além da estrutura?

K: Sim, senhor. Quando estamos atentos, a estrutura é inexistente. Quando estamos totalmente ativos, não há estrutura. Essa atenção significa entrar em contato com o outro no mesmo nível, ao mesmo tempo, com a mesma energia. O outro pode não estar; isso não quer dizer nada. Sua mente está tendo contato com aquilo de maneira total. E então começa a objeção do outro: “Você está indiferente”; “Você é isso; você é aquilo.” Você não é a causa disso.

Q: O que é estar atento?

K: Ninguém fica atento a alguma coisa, com relação a alguma coisa ou por causa de alguma coisa; apenas fica atento.

Q: Quem, o que está atento?

K: Não existe nenhum “você” que fica atento; existe apenas a atenção.

Q: E não existe outro “eu” presente?

K: Não, por favor. Veja, o senhor está mudando de assunto. Então, passado este tempo que dedicou a essa busca, o senhor está livre das imagens? Se não está, o senhor não esteve ouvindo. E ninguém pode forçá-lo a ouvir; é decisão sua. Se o senhor quer o tipo atual de relacionamento com o outro e, portanto, com toda a humanidade globalmente, a decisão é sua. Mas se quer descobrir uma maneira totalmente diferente de viver, a decisão também é sua, mas o senhor terá de ouvir tudo o que há no seu próprio ser e nos outros.

Q: Não vejo como a estrutura desaparece. Desculpe-me, mas não o estou compreendendo. De que forma a estrutura desaparece quando estou atento a ela?

K: Vou lhe dizer. A estrutura existe com tudo o que chamamos de estrutura: isto é, o desejo de certeza, o hábito, séculos de tradição, etc. Tudo isso é a estrutura, o quadro, a imagem que construímos acerca do outro. Quando estamos totalmente atentos, não há estrutura e, portanto, estamos além da criação de imagens, além de tudo isso. Só pelo prazer da coisa, tente o seguinte: da próxima vez que alguém — marido, mulher, namorado, namorada — disser alguma coisa agradável ou desagradável, observe. Mesmo que por um segundo, observe. Fique atento por um mísero instante, e o senhor verá se está ou não registrando. Veja bem; foi isso o que eu quis dizer. Descubra; tente; do contrário, o senhor nunca vai saber.

Q: Parece-me que existe aí uma contradição. Como é possível observar isso e, ao mesmo tempo, não se distinguir disso? Como podemos sentir medo e, no mesmo instante, observar o medo?

K: Não, o senhor está se desviando do assunto. Estou dizendo que o senhor ouviu por algum tempo. O senhor percebeu, compreendeu o modo mecânico de aprender e um modo diferente de fazê-lo, bem como a possibilidade de aprendermos sobre nós mesmos por meio do relacionamento. Entramos um pouco nisso. Agora estou perguntando: será que antes de tudo, o senhor é capaz de perceber toda essa estrutura? Percebê-la como percebe a cor da roupa da pessoa que está ao seu lado? Então, perceba que o senhor está separado disso, o que é absurdo. Nessa percepção, portanto, o senhor vai perceber que não existe divisão, e com isso começa a haver uma grande atenção. Nessa atenção — que não é sua nem de ninguém, mas atenção em si —, toda a estrutura é inexistente. Eu digo: *a partir disso*, quando sua mulher, seu marido, seu namorado, sua namorada, diz alguma coisa ao senhor, esteja atento nesse momento e veja o que acontece.

Ojai, 15 de Abril de 1979

Por que não somos capazes de resolver nossos problemas? Por que procuramos vários tipos de analistas, psicólogos, especialistas e lhes pedimos que nos ajudem? Será porque somos indolentes, preguiçosos, ou porque não temos tempo e achamos que temos tempo quando pagamos para que alguém nos diga o que fazer? Adquirimos esse hábito ou esse condicionamento de confiar em outras pessoas que se dedicaram a um assunto, estudaram muito, sabem muito, pensando talvez que elas terão condições de nos ajudar. Parece-me que estamos sempre esperando que os outros nos tirem dessa armadilha em que nos metemos. As religiões de todo o mundo oferecem isso. Elas são organizadas, excelentemente construídas, com seus rituais, seus dogmas, etc., e nos deixamos alegremente levar por isso. E jamais nos tornamos capazes de resolver nossos próprios problemas. Nós nos colocamos nas mãos dos outros; fico a imaginar por que motivo fazemos isso. Fisicamente, tudo bem; quando o organismo não está saudável, vamos ao médico, ao cirurgião, etc. Quando queremos construir uma casa, procuramos um arquiteto. Talvez seja esse mesmo conceito que nos leva a procurar alguém que nos ajude. Nunca temos condições de ler o nosso próprio livro, a nossa própria história, porque dependemos continuamente dos outros: terapia de grupo, vários tipos de tratamento psicossomático, de psicoterapias; vocês conhecem a multidão dessas coisas.

Onde quer que haja seres humanos, no Extremo Oriente, no Oriente Próximo ou aqui, somos incapazes de ler toda a história da humanidade, que somos nós mesmos. Será possível ler o livro que vem sendo trans-

mitido há milênios, geração após geração? Ler a história que somos sem deixar um único capítulo incompleto, não lido? Será possível ler do começo ao fim todo o movimento da humanidade, a evolução dela, tanto no plano físico como no plano interior, psicológico? Se formos capazes de ler esse livro, que é espantosamente interessante — se me permitem usar esta palavra —, fascinante, isso abrirá a porta a enormes possibilidades. Como nós somos, em termos psicológicos, o resto da humanidade, se soubermos ler esse livro, talvez tenhamos capacidade para alterar o curso da nossa vida. Porque é isso o que nos interessa — ou ao menos me interessa: promover uma radical transformação da mente humana e dar origem a uma sociedade boa, uma sociedade em que haja ordem, paz, algum tipo de segurança, alguma espécie de felicidade; e, indo além de tudo isso, investigar o imensurável.

Temos de aprender a ler esse livro. Logo, temos de descobrir como observar, não só visualmente, mas todo o movimento da nossa consciência, de nós mesmos, com todas as nossas complexidades, nossos temores, ansiedades, prazeres, deleites e superstições acumuladas — as superstições dos cientistas, dos psicólogos, dos religiosos. Temos de encontrar um meio de ler toda a coisa com muitíssima precisão e clareza e sem erros. Eis o que vamos fazer esta manhã, se pudermos: aprender. Não que eu seja o instrutor de vocês. Juntos, estamos aprendendo a consultar esse livro extraordinário que é o eu, que é o ego, a personalidade, as tendências, as características, os impulsos, as inibições, tudo aquilo que constitui a nossa consciência, e a lê-lo. Para ler esse livro, temos de ter olhos e ouvidos não toldados, não bloqueados, não presos a nenhum gênero de ilusão fantasiosa — o que acontece com a maioria das pessoas.



Vamos descobrir se existe alguma coisa além de tudo isso, alguma coisa que não seja inventada pelo pensamento: algo real, algo que não seja imaginário nem construído pela mente ou pela mão. Vamos ler

tudo isso; para tanto, temos de ter a visão clara para a leitura desse grande livro que somos nós mesmos.

A observação implica a não existência de distorções na nossa leitura. Toda forma de observação distorcida vai impedir a clareza da leitura. Estamos distorcidos? Será que a nossa percepção, o nosso exame, a nossa observação estão distorcidos? Por favor, estamos perguntando isso uns aos outros; não estou lhes dizendo que estão ou não. Estamos perguntando, examinando, explorando essa questão. Essa atividade estará distorcida se eu tiver algum propósito ao ler o livro e pretender modificar o que há nele. Se a observação já chegou à conclusão de que o final do livro deve ser isso ou aquilo, se há capítulos de que a mente não gosta ou se ela sente que tem de ir além disso — todas essas coisas geram distorção. É óbvio. Assim, antes de começarmos a ler o livro, tem de haver clareza e uma grande energia que descarte toda forma de distorção. Ou seja, se já estivermos presos a alguma ilusão, o que costuma ocorrer com a maioria das pessoas, nossa preocupação não é o livro, mas o porquê de a mente já estar mergulhada na ilusão, pois a mente mergulhada em ilusão não pode ler. Logo, o que quero saber é por que a mente se deixa apanhar pela ilusão. Será por medo? Será porque posso não gostar do que vier a descobrir, porque posso ficar decepcionado, deprimido? Será que prefiro ter minhas próprias ilusões, meus próprios conceitos, minhas próprias conclusões acerca do livro, e por isso sou incapaz de ler o livro? Se assim for, a minha preocupação será descobrir o motivo de essa mente, que examina, que exige de si a leitura do livro, se deixar apanhar pela ilusão. Será por medo? A arte da observação consiste em dar ao pensamento o lugar que lhe cabe. Então a mente vai poder estar livre do medo de maneira total, completa, absoluta. Não peço que vocês acreditem na minha palavra, mas assim é. Se vocês mergulharem nisso, verão que, psicologicamente, o medo acaba.

Quando a mente está presa a uma ilusão, ela tem consciência de que se trata de uma ilusão? Ou ela nem desconfia disso? Se a mente não sabe que vive numa ilusão, num mundo de faz-de-conta, como pode ela tomar consciência disso? Suponham que eu esteja preso em alguma ilusão. A palavra *ilusão* vem de *ludere*, brincar, jogar — brincar

com idéias, com coisas que não são reais, que são conceituais. Brinco com uma série de conclusões e crenças que não são factuais. Se uma dada crença não me serve, adoto outra. Brinco com crenças, e esse jogo é uma ilusão. Como não posso encarar o que de fato acontece, a mente inventa crenças, dogmas. Ora, quando tenho consciência disso, quando sei que vivo numa ilusão, esta se acaba. Só é impossível sair da ilusão quando não sei que vivo numa ilusão. Mas no momento em que me apercebo do fato de estar preso a uma ilusão, essa mesma consciência dissipa a ilusão. É óbvio. Quando isso acontece, minha mente é capaz de ler o livro.

Estamos preocupados em promover uma transformação radical da mente humana, que há milênios vive dessa maneira que conhecemos: ou seja, com brigas, ansiedade, violência, brutalidade, com tudo o que acontece ao nosso redor e em nós. Esses seres humanos só podem viver na desordem, não têm condições de criar uma boa sociedade, um bom ser humano, e nunca vão compreender o que é a bondade. É isso que procuramos fazer; é isso o que estamos examinando.

E o que é esse livro, que sou eu, que são vocês, que é a história da humanidade? Não é só a história da humanidade contida em livros impressos, a evolução histórica do homem; é também, ou melhor, é muito mais um livro não escrito que ninguém pode descrever nem transformar em livro impresso. Essa enorme evolução de que o homem é o resultado está em constante movimento, mudança, modificação, de si mesma; ela nunca fica estática. Logo, minha mente — a mente — tem de estar alerta e lúcida para ler esse livro. O que significa a leitura desse livro — a *leitura*, e não o livro? A capacidade de ler é a capacidade de observar, a capacidade de ouvir a história, a capacidade de aprender o que o livro está dizendo. Há três coisas envolvidas: o ver, o ouvir o que o livro diz e o aprender com o livro. Estamos fazendo isso juntos? Quer dizer, estamos observando juntos o livro, com toda a liberdade? Ou o estamos interpretando? Se minha mente está interpretando o que o livro diz segundo meus desejos, minhas esperanças, meus anseios, meus medos, minha solidão, na realidade não estou lendo o livro; estou dizendo ao livro o que eu sou, o que eu penso que sou. Logo, primeiro eu preciso aprender a arte — é preciso, desculpem o

uso da palavra *eu* —, é preciso aprender a arte da leitura, isto é, a arte da observação do livro: observá-lo, vê-lo, sem o observador.

Vou entrar nesse assunto. Tenham, por favor, um pouco de paciência e avancem lentamente.

O observador é o passado. O observador é a experiência acumulada. O observador é o resultado de todas as influências, de todas as pressões, de todo o conhecimento. Com esse conhecimento, ele está lendo o livro. Será possível ler o livro sem o passado? Não é uma coisa muito abstrata; é bem simples. Pensamos que sabemos; não chegamos ao livro como se nada soubéssemos. Um menino que vai à escola pela primeira vez não sabe. Ele é inexperiente, é jovem, quer aprender. Temos de ler esse livro da mesma maneira; temos de chegar a ele com a mente receptiva, não com todo o conhecimento acumulado que adquirimos, que é o próprio livro. Logo, se se aproximarem do livro, se o lerem, como um observador que já conhece o conteúdo dele, vocês serão incapazes de ler o que ele diz. Por isso, o observador tem de estar absolutamente ausente; tem de haver só a leitura, e não a tradução do que se lê em termos das próprias idiossincrasias, ilusões e desejos. Isso está claro. Logo, há apenas a leitura, que é apenas a observação do livro.

Agora, o livro está dizendo muita coisa. Vocês são capazes de ouvir o que ele está dizendo? São capazes de ouvir a canção do livro? Ele está lhes dizendo alguma coisa. Está contando esta enorme história. Mas vocês têm de ser capazes de ouvi-lo; não somente de lê-lo, mas de ouvir a tremenda canção da vida que está sendo cantada. É possível ouvir com os ouvidos ou sem o ruído exterior. Vou mostrar a vocês; vou entrar um pouco nesse assunto. Quando ouvem uma música que realmente amam, uma música dotada de sentido, de profundidade, de vitalidade e de beleza — não o moderno barulho “pop”; desculpem-me, talvez vocês gostem, mas isso é outra questão —, vocês a ouvem com todo o ser de vocês. Vocês se fundem com ela. Não há separação entre vocês e a música; não há lembrança de algo que vocês já ouviram antes. Vocês se fundem com todo o movimento. Quando ouvem a verdadeira beleza de um Bach, de um Beethoven, de um Mozart, vocês se movimentam com ela. É preciso ouvir dessa mesma maneira a história que o livro conta.

Espero que estejam acompanhando isso tudo. Se não estão, não percam o seu tempo. Se o dia está lindo, vão caminhar nas colinas, joguem golfe ou se dediquem às chamadas diversões. Mas vocês estão aqui; por isso, façam-me o favor de prestar atenção, pois a vida é de vocês.

E há também a arte de aprender. Isso é um pouco mais complexo. Quando vamos à escola, ao colégio, à faculdade, estamos aprendendo, adquirindo informações, adquirindo aquilo a que se dá o nome de *conhecimento* acerca de vários assuntos, a fim de fazer uma boa carreira, conseguir um bom emprego. Trata-se do acúmulo de conhecimento durante um certo tempo, da infância ao término da universidade, conhecimento que pode ser usado com habilidade ou não. Quer vocês queiram ser encanadores, professores, cientistas ou matemáticos, o processo como um todo é o mesmo: aprender por meio do acúmulo de conhecimento e agir a partir desse conhecimento. E há também ação e aprendizagem a partir dessa ação. Ou seja, acumular conhecimento e agir, ou agir e aprender por meio da ação, são essencialmente uma só e a mesma coisa. Há, porém, outro tipo de aprendizagem que é um pouco mais difícil. Conhecemos esses dois: acumular conhecimento e agir e, tendo agido, aprender com essa ação, que se torna conhecimento. Trata-se do mesmo processo. Estamos falando de algo totalmente diferente, porque isso é mecânico: é um processo de agir a partir do conhecido. Um maestro, um pianista, um encanador, um violinista, um professor, um cientista, todos eles adquiriram um conhecimento e agem; logo, estão indo do conhecido para o conhecido, mudando o tempo inteiro. Dizemos que há uma maneira diferente de aprender. Isso requer um pouco mais de reflexão conjunta.

Vemos que o acúmulo de conhecimento é necessário para dirigir um automóvel e fazer coisas desse gênero. Se quiser construir uma ponte, você tem de conhecer as tensões e desgastes, bem como a qualidade do terreno. Isto é, a mente foi informada, adquiriu conhecimento e agiu a partir disso. Trata-se do eterno movimento do homem: reunir informações e conhecimentos e agir. Assim, o conhecimento é o passado. É evidente. E a partir desse conhecimento nós agimos. Estamos afirmando que há um tipo diferente de aprendizagem que não tem suas raízes no conhecido. *No conhecido* significa ter conhecimento e agir a

partir disso. Vocês percebem a diferença? Vou explicar com calma. Há a aquisição de conhecimento e a ação a partir desse conhecimento; logo, a ação modifica o conhecimento e o conhecimento altera a ação. É isso o que fazemos o tempo inteiro; por isso, esse modo de proceder se torna rotineiro, mecânico, e nunca temos a liberdade de examinar algo que não seja conhecido, uma liberdade com relação ao conhecido a fim de observar algo que não o seja.

Para este que se dirige a vocês, a evolução do homem não depende do conhecimento acumulado. Primeiro ouçam, sem concordar nem discordar. Primeiro ouçam! Os cientistas e outras pessoas dizem que o homem só pode evoluir adquirindo um conhecimento cada vez maior, galgando os degraus do saber, subindo. Mas o conhecimento é sempre o passado; e se não houver liberdade com relação ao passado, a evolução do homem será sempre limitada, estará sempre restrita a um padrão particular. Estamos dizendo que há uma maneira diferente de aprender, que consiste em observar integralmente, holisticamente, todo o movimento do conhecimento. O conhecimento é necessário; não podemos viver sem ele. Contudo, no próprio ato de compreender o seu caráter limitado, temos uma percepção clara de todo o seu movimento. Pode ser que vocês nunca tenham pensado sobre isso. Tacitamente, nós aceitamos o conhecimento como uma coisa natural e vivemos com ele; e continuamos a agir com base nele pelo resto da vida. Mas nunca nos perguntamos o que é o conhecimento em si, qual a relação dele com a liberdade, qual a relação dele com o que de fato acontece. Nós aceitamos tudo isso como um ponto pacífico. Isso faz parte da nossa educação e do nosso condicionamento.

Quando começam a examinar todo o movimento do conhecimento, que é tempo, que é pensamento, vocês vêem as limitações dele, porque o conhecimento está sempre no passado, sendo portanto fragmentário. Vocês podem fazer acréscimos, subtrair elementos, ampliar o conhecimento, mas ele é sempre o movimento do passado modificando-se a si mesmo, e é por isso que nunca há liberdade nesse movimento. Talvez vocês nunca tenham pensado nisso. Talvez seja algo totalmente novo, por isso queiram por gentileza escutar a fim de descobrir, e não concordar ou discordar. Estamos dizendo que, no campo do conhecimento, não há liberdade para o homem. Ele pode ter condições de melhorar

os banheiros, os sistemas de aquecimento e assim por diante, mas em termos psicológicos, no seu íntimo, não há liberdade se a mente é impulsionada ou refreada pelo passado, ou está presa a ele.

Haverá então uma maneira de aprender que não seja mera aquisição de conhecimentos? Haverá uma maneira de observar, de aprender, de ouvir, que não seja o constante acúmulo de conhecimentos a partir dos quais agir? Haverá uma ação que não dependa do passado?

Vou dizer a mesma coisa de outra forma. Adquiri conhecimento — eis a aquisição do conhecimento — e, a partir desse conhecimento, eu ajo. Nessa ação, a própria ação se limita a si mesma. Ela não é holística, não é a totalidade. Há idas e vindas, todo tipo de dificuldade, no vir-a-ser dessa ação. E agora perguntamos: haverá uma ação que não tenha suas raízes no passado? Porque, se nasce do passado, minha ação sempre será restrita, sempre será fragmentada; nunca será completa, íntegra. Haverá, então, uma ação livre do passado? Apenas compreendam a pergunta. Depois poderemos tratar dela. Vocês podem dizer que é uma pergunta tola, que não tem sentido; mas ela ganha sentido quando vocês se dão conta de toda a complexidade do conhecimento e da limitação dele. A ação nascida dessa limitação é necessariamente restrita e confusa e, por conseguinte, não pode nascer dela uma boa sociedade.

Haverá uma ação sem o movimento do passado? Eu afirmo que sim: é a percepção clara de toda a estrutura do conhecimento. Essa percepção é uma compreensão profunda e total de tudo isto: de que o conhecimento e a ação são limitados, não têm nenhuma liberdade e, portanto, não podem, de maneira alguma, dar origem a uma sociedade boa. A percepção dessa verdade abre as portas para um tipo diferente de aprendizagem, uma aprendizagem holística.

Vejam, vamos compreender a coisa por outro ângulo. Qual o relacionamento entre homem e mulher? O que é relacionamento? Segundo o que geralmente se pensa, relacionamento significa estar juntos em ação. Você ganha a vida e a mulher fica em casa cozinhando, ou também sai para trabalhar. O relacionamento implica tudo isso: afeição, sexo, irritação, troca de palavras duras, mudanças de parceiros — se você não gosta de um namorado ou namorada, procura outro. Esse processo recebe o nome de *relacionamento*. Estamos perguntando: o que é o verdadeiro relacionamento? Haverá um relacionamento verdadeiro?

Não estou dizendo que existe ou não; estamos investigando. Não há afirmação dogmática nessa matéria. Em que os nossos relacionamentos se baseiam de fato? Façam-me o favor de examinar isso. Vocês têm um relacionamento com alguém. A vida é relacionamento, não se pode viver sem relacionamento — mas o que é relacionamento? Vocês dizem que é *amor*. Temos vergonha dessa palavra porque ela está carregada de sentidos idiotas e em geral se acompanha da palavra *sexo*. O amor vira um mero prazer sexual. Quando se analisa a questão do relacionamento, qual é de fato a base dele? Ele se baseia nas imagens que os parceiros constroem uns dos outros, não é verdade? É óbvio que sim. As duas imagens se relacionam entre si. Sei que vocês não gostam dessa idéia, ou desse fato concreto, mas terão de engoli-la mesmo assim. O fato é que cada um cria uma imagem do outro e são essas imagens que se relacionam uma com a outra. Cada parceiro segue seu próprio caminho, com ambição, cobiça, separados o tempo inteiro, talvez se unindo na cama. Isso não é relacionamento; é prazer superficial, sensorial. Na verdade, a imagem é o fator que provoca a divisão entre os dois.

Ora, o mecanismo dessa construção de imagens é a lembrança — lembrança do que ele ou ela disseram; lembrança das imagens sexuais, da imagem da gentileza, da raiva, do insulto e assim por diante. Vocês construíram uma grande imagem da outra pessoa. A lembrança é o movimento do pensamento. Estamos perguntando se pode haver relacionamento sem a imagem. Esse é o único relacionamento. Se vocês perceberem a verdade disso, perceberem que onde há imagem há divisão, perceberem que, se tiverem uma imagem dela e ela tiver uma imagem de vocês, vocês permanecerão afastados um do outro — se vocês perceberem toda a significação disso, algo que está ao seu alcance, o mecanismo de construção de imagens vai acabar. De modo natural, visto que toda a vida é relacionamento, seja com a natureza, seja das pessoas entre si. A vida é relacionamento, mas se tivermos uma imagem do céu, do cosmos, do universo, não teremos relacionamento com a vida. Vocês podem ter uma imagem da natureza; e essa imagem fica mais importante do que a realidade. Quando vocês percebem essa verdade, o processo de construção de imagens acaba. E passa a ser possível um verdadeiro relacionamento com a natureza, com o universo, relacionamento que é amor.

Então, estamos dizendo que há um modo de aprender que é ação imediata. Ele não nasce do conhecimento; não é ação impulsiva; não é ação emocional, romântica; mas é a ação nascida da compreensão de todo o movimento do conhecimento, que é a verdade da limitação do conhecimento.

Agora, a minha mente — a mente — está preparada para ler, está preparada para ler o livro sem nenhuma distorção. Como não há ilusão, ela pode ouvir a história por inteiro, sem dizer “gosto disso e não gosto daquilo”. Ela lê como ouve música; não há nada dizendo “não gosto disso”. No aprender com esse livro, na própria leitura, está a ação. Não leitura e ação, porque, se vocês fazem isso, a leitura se torna memória e fica limitada. Espero que tenham compreendido. É algo maravilhoso se vocês se dedicarem a fazê-lo.

Então a mente está preparada para ler. E ela descobre que o livro é a mente. O livro é a consciência. O livro não está num pedestal à espera da minha leitura; o livro é todo o conteúdo da minha consciência, da consciência de vocês, com a ambição, a inveja e tudo mais. O livro não está lá; ele está aqui. E como vocês vão ler o livro se ele está aqui? Pensamos que a leitura estava lá, mas o livro é este, esta qualidade mental que é capaz de tanta distorção, capaz de produzir grandes geringonças tecnológicas, capaz de promover a desordem, capaz de ter grandes medos, ansiedades, brutalidades, violência, afeição, alegria e tantas outras coisas. Logo, o livro é este. Então o que estou lendo? Vejam o que acontece! Antes eu pensava que o livro estava lá, esperando a minha leitura, e agora eu descobri que o livro é isto mesmo. Logo, só pode haver leitura quando há uma observação absolutamente silenciosa no relacionamento. Vocês compreendem? Estão acompanhando? É só no relacionamento que o livro pode ser lido. O relacionamento é a minha realidade — como a minha mulher, o meu amigo, o meu cão, a natureza, as colinas, a beleza do vale, etc. Logo, não há conflito. Não estou dizendo ao livro o que ele *deveria* ser, e por isso o conflito não existe. Se o livro sou eu, a divisão acabou, cessou a fuga, acabaram as inibições. O livro sou eu, e portanto não há controle; não

há um desejo diferente do próprio livro. Assim, todo o movimento do conflito, da luta, do aperfeiçoamento, da tentativa de me compreender por meio do grupo, tudo isso acaba porque a coisa está aqui. Então, descobrimos todo o movimento no relacionamento cotidiano. Nesse relacionamento que vocês estão observando não há conflito.

Conversa com Estudantes em Rajghat, 22 de Dezembro de 1952

Vocês se lembram que estivemos falando sobre o medo. Ora, não será o medo o responsável pelo acúmulo de conhecimento? Esse é um tema bem difícil e, por isso, vamos ver se conseguimos nos aproximar dele com muito cuidado e estudá-lo. Os seres humanos acumulam e cultuam o conhecimento. Eles acham que o conhecimento é muito importante na vida — o conhecimento do que aconteceu, do que vai acontecer, não só o conhecimento científico como também o chamado conhecimento espiritual. Todo o processo de acúmulo de informações aos poucos vai virando algo que cultuamos como conhecimento. Será que isso também não vem do medo? Sentimos que, se não soubermos, estaremos perdidos, não saberemos como nos conduzir, como nos comportar. Assim, por meio das nossas experiências e das crenças e experiências dos outros, por meio do conhecimento contido nos livros, daquilo que os sábios disseram, construímos aos poucos um conhecimento que se torna tradição; e atrás dessa tradição, desse conhecimento, nós nos escondemos. Achamos que esse conhecimento é essencial e que, sem ele, vamos nos sentir perdidos, sem saber o que fazer.

Ora, o que designamos por conhecimento? O que sabemos? O que vocês de fato sabem quando consideram o conhecimento que acumularam? O que é isso? O conhecimento é importante num determinado nível, como na ciência da engenharia; mas, para além disso, o que sabemos? Vocês já pensaram no processo de acúmulo de conhecimento? Por que vocês são aprovados em exames? Por que estudam? Isso

é necessário em certos níveis, porque, sem saber matemática, geografia, história, como se pode ser engenheiro ou cientista? Todo contato social se baseia nesse conhecimento, e não poderíamos ganhar a vida sem isso. Esse tipo de conhecimento é essencial. Todavia, afora isso, o que nós sabemos?

Em certos níveis da existência, o conhecimento é essencial para a nossa sobrevivência. Entretanto, deixando isso de lado, qual a natureza do conhecimento? O que queremos dizer quando afirmamos que o conhecimento é necessário para encontrar Deus, para conhecer a nós mesmos, para superar as várias dificuldades da vida? Nesse caso, o conhecimento significa experiência. Qual o objeto das nossas experiências? O que sabemos? Esse conhecimento não é usado pelo ego, pelo “eu” para fortalecer a si mesmo? Digamos, por exemplo, que alcancei uma dada posição social. Essa experiência, o sucesso, o prestígio, o poder que ela acarreta, me dão uma sensação de segurança, de bem-estar; assim, o conhecimento do meu sucesso, o conhecimento da minha posição e do fato de ter poder, o conhecimento de que sou alguém, fortalece o “eu”, não é verdade?

Ou seja, nós usamos o conhecimento como meio de fortalecimento do ego, do “eu”. Vocês já perceberam como os pânditas, os pais, as mães e os professores estão cheios de conhecimento; como o conhecimento nos dá a sensação de ter um “eu” expandido? Já viram a atitude do tipo “Eu sei e você não sabe; eu tenho mais experiência do que você”? Aos poucos, o conhecimento, que não passa de informação, é usado para a vaidade e se transforma no esteio, no alimento, na nutrição do ego, do “eu”. Porque o ego não pode viver sem alguma forma de dependência parasitária. O cientista usa o conhecimento para alimentar sua vaidade, para sentir que é alguém; o mesmo ocorre com o pândita, o professor, os pais, os gurus. Todos eles querem ser alguém neste mundo, e usam o conhecimento para realizar esse desejo; e quando vocês examinam o que há por trás das palavras que eles dizem, o que vocês encontram? O que eles sabem? Sabem apenas o que os livros contêm ou aquilo que eles viveram, sendo que essa vivência depende do condicionamento de cada um deles. Logo, a maioria das pessoas está cheia de palavras, de informações a que damos o nome de conhe-

cimento, e sem isso nós nos sentimos perdidos. Por conseguinte, o medo está espreitando bem por trás da cortina das palavras, da cortina das informações, e nós o transformamos em conhecimento como um meio de realizar nossa vocação na vida.

Onde há medo, não há amor, e o conhecimento sem amor destrói a pessoa. Eis o que está acontecendo atualmente no mundo. Por exemplo, as pessoas têm conhecimento de como alimentar os seres humanos em todo o mundo, mas não estão fazendo isso. Elas sabem como alimentá-los, vesti-los, abrigá-los, mas não estão fazendo isso, porque cada grupo de pessoas se afasta dos outros por causa de seus propósitos nacionalistas e egoístas. Se de fato quisessem pôr fim às guerras, elas o poderiam, mas não o fazem pelo mesmo motivo. Logo, o conhecimento sem amor não tem sentido; não passa de um meio de destruição. Enquanto não entendermos isso, a mera aprovação em exames, o fato de ter uma posição, prestígio ou poder são coisas que levam à degeneração, à corrupção, ao lento desaparecimento da dignidade humana. O importante não é apenas ter conhecimento em determinados níveis — o que é essencial —, mas cultivar esse sentimento, ver como o conhecimento é usado em favor do egoísmo, dos propósitos mesquinhos. Observar de que maneira a experiência é usada como meio de expansão do “eu”, de poder, de prestígio pessoal. Observem e verão como os adultos que têm alguma posição se apegam ao seu sucesso, se aferram às suas posições. Eles querem construir um abrigo para si mesmos de modo a dispor de poder, prestígio, posição e autoridade; e sobrevivem porque cada um de nós quer a mesma coisa, quer ser alguém. Vocês não querem ser o que são; querem ser alguém.

Há uma diferença entre ser e querer ser. O desejo de ser se prolonga no conhecimento usado para engrandecimento do eu, para o poder, a posição, o prestígio. Logo, é importante que todos nós, vocês e eu, à medida que vamos amadurecendo, vejamos e examinemos todos esses problemas, tomemos cuidado para não respeitar uma pessoa apenas porque ela tem um título, um nome, uma posição. Sabemos muito pouco. Podemos ter um imenso conhecimento do que há nos livros, mas muito poucos têm experiência direta de alguma coisa. E é a experiência direta da realidade, de Deus, que tem importância vital. E para que isso exista, tem de haver amor.

Nova Delhi, 17 de Fevereiro de 1960

A maioria das pessoas sabe que uma mudança fundamental é necessária. Temos diante de nós um grande número de problemas e é preciso que haja uma maneira diferente — talvez totalmente diferente — de abordá-los. Parece-me que, enquanto não compreendermos a natureza interior dessa mudança, a mera reforma ou a revolução na superfície não vão ter resultados significativos. O que é necessário, sem sombra de dúvida, não é uma alteração superficial, um ajuste temporário ou a adaptação a um outro padrão, mas uma mudança fundamental da mente, mudança total e não apenas parcial.

Para compreender o problema da mudança, é preciso, antes de tudo, compreender o processo do pensamento e a natureza do conhecimento. Se não nos lançarmos profundamente nisso, nenhuma mudança terá sentido, porque a mudança superficial só serve para perpetuar precisamente aquilo que estamos tentando alterar. Todas as revoluções pretendiam mudar o relacionamento entre os homens, criar uma sociedade melhor, uma maneira melhor de viver; porém, com o passar do tempo, os próprios abusos que se supunham ter sido extirpados pela revolução retornavam de outra maneira por intermédio de outro grupo de pessoas, e o mesmo processo se repetia. Começamos a mudar, pretendendo criar uma sociedade sem classes, apenas para descobrir que, com o passar do tempo, devido às pressões das circunstâncias, um novo grupo se torna a nova classe alta. A revolução nunca é radical, fundamental.

Assim, tenho a impressão de que uma reforma ou ajuste superficial não tem sentido quando nos deparamos com tantos problemas; e a promoção de uma mudança duradoura e significativa envolve a compreen-

são do que a mudança implica. Nós de fato mudamos superficialmente sob a pressão das circunstâncias, a partir da propaganda, da necessidade ou do desejo de nos amoldarmos a este ou àquele padrão. Creio que temos de ter consciência disso. Uma nova invenção, uma reforma política, uma guerra, uma revolução social, um novo sistema de disciplina — essas coisas *de fato* mudam a mente humana, mas só na superfície. E o homem que efetivamente quer descobrir o que uma mudança fundamental envolve precisa examinar todo o processo do pensamento, isto é, a natureza da mente e do conhecimento.

Eu gostaria de falar com vocês sobre a mente, a natureza do conhecimento e o que significa saber, pois, se não compreendermos tudo isso, não creio que haja possibilidade de uma nova abordagem dos nossos muitos problemas, uma nova maneira de encarar a vida.

A vida da maioria das pessoas é feia, sórdida, triste, medíocre. Nossa existência é uma série de conflitos, contradições, um processo de luta, de sofrimento, de alegria passageira, de satisfação momentânea. Estamos cercados por tantos ajustes, amoldamentos, padrões, que não há um único momento de liberdade, não existe a sensação de ser por inteiro. Há sempre frustrações, porque há sempre a busca de realização. Não temos tranquilidade mental; vivemos torturados por várias exigências. Em consequência, para compreender todos esses problemas e ir além deles, é sem dúvida preciso começar a compreender a natureza do conhecimento e do processo da mente.

O conhecimento implica uma acumulação, não é verdade? O conhecimento pode ser adquirido e, devido à sua própria natureza, é sempre parcial, nunca é completo. Logo, toda ação decorrente do conhecimento é sempre parcial, incompleta. Creio que temos de ver isso com muita clareza.

Se a mente de vocês e a do conferencista estiverem avançando juntas na compreensão, com sensibilidade, será possível que haja uma verdadeira comunhão entre elas. Mas se vocês estão ouvindo apenas para saber, no final da palestra, o que eu quero dizer com conhecimento, não estamos em comunhão. Vocês estão simplesmente esperando uma definição e as definições, sem dúvida, não são o caminho que leva à compreensão.

E assim surge a pergunta: o que é compreensão? Qual o estado da mente que compreende? Quando dizem “compreendo”, o que vocês querem dizer? Compreensão não é mera inteligência; ela não é o resultado da argumentação; ela nada tem que ver com a aceitação, com a negação ou com a convicção. Pelo contrário, estas últimas na realidade impedem a compreensão. Para compreender, é preciso que haja uma atenção da qual estejam ausentes a comparação e a condenação, uma atenção sem a expectativa de um desenvolvimento ulterior da coisa de que se fala para podermos concordar ou discordar. Há uma suspensão de toda opinião, de toda condenação ou comparação; você apenas escuta a fim de descobrir. Sua abordagem é a de um investigador, o que significa não começar com uma conclusão: você se acha num estado de atenção que é uma verdadeira escuta.

Eu gostaria de tratar desse problema do conhecimento, mesmo sendo ele difícil, porque, se o compreendermos, creio que poderemos ir além da mente; e, ao ir além de si mesma ou ao transcender-se, a mente pode ficar sem limitação, ou seja, sem esforço, que é algo que impõe uma limitação à consciência. Até irmos além do processo mecânico da mente, a verdadeira criatividade será obviamente impossível, e nós precisamos, sem dúvida nenhuma, de uma mente criativa o bastante para ter condições de enfrentar os múltiplos problemas da vida. Compreender o que é o conhecimento e ir além do parcial, do limitado, a fim de viver aquilo que é criativo, é algo que não exige apenas um momento de percepção, mas uma consciência contínua, um estado permanente de investigação em que não haja conclusões. E isso, no fim das contas, é inteligência.

Logo, se vocês estão ouvindo, não só com os ouvidos mas com uma mente que de fato quer compreender, uma mente que não tem autoridade, que não começa com uma conclusão ou citação, que não quer provar que tem razão, mas tem consciência desses inúmeros problemas e se dá conta da necessidade de solucioná-los de modo direto — se for esse o estado da mente de vocês —, creio que poderemos entrar em comunhão uns com os outros. Senão, vocês ficarão apenas com um monte de palavras.

Como eu dizia, todo conhecimento é parcial e toda ação que dele nasce também é parcial e, portanto, contraditória. Se vocês tiverem

alguma consciência de vocês mesmos, das atividades, motivações, pensamentos e desejos de vocês, perceberão que vivem num estado de contradição: “Eu quero” e ao mesmo tempo “Não quero”; “Tenho de fazer isso”, “Não posso fazer aquilo”, e assim indefinidamente. A mente fica num estado de contradição o tempo inteiro e, quanto mais aguda é a contradição, tanto mais confusão é criada pela ação da mente. Isto é, quando há um desafio que tem de ser enfrentado, que não pode ser evitado ou do qual não se pode escapar, a mente de vocês, encontrando-se num estado de contradição, é forçada a agir pela tensão de ter de enfrentar o desafio, e essa ação gera ainda mais contradição, ainda mais angústia.

Não sei se ficou claro que vivemos num estado de contradição. Falamos de paz e nos preparamos para a guerra. Falamos de não-violência e somos fundamentalmente violentos. Falamos de ser bons e não o somos. Falamos de amor e somos cheios de ambição, de competitividade, de uma eficiência impiedosa. Há, por conseguinte, contradição. A ação advinda dessa contradição só cria frustração e mais contradição. Como o conhecimento é incompleto, toda ação nele baseada está fadada a ser contraditória. Logo, o nosso problema consiste em descobrir uma fonte de ação que não seja parcial, descobri-la agora de modo a criar uma ação imediata que seja total, em vez de dizer: “Vou descobrir por meio de algum sistema em algum momento do futuro.”

Vejam bem: todo pensamento é parcial; ele não pode ser total. O pensamento é a reação da memória e a memória é sempre parcial, porque resulta da experiência; logo, o pensamento é a reação de uma mente condicionada pela experiência. Todo pensamento, toda experiência, todo conhecimento é inevitavelmente parcial; logo, o pensamento não pode resolver os muitos problemas que temos. Vocês podem tentar raciocinar de maneira lógica e sadia sobre esses muitos problemas; mas se vocês observarem a mente de vocês, verão que o pensamento é condicionado pelas circunstâncias da vida de vocês, pela cultura em que nasceram, pela comida que comem, pelo clima em que vivem, pelos jornais que lêem, pelas pressões e influências da vida cotidiana. Vocês são condicionados como comunistas, socialistas, hindus, católicos ou seja lá o que for. São condicionados a acreditar ou a não acreditar e,

como a mente é condicionada pela crença ou descrença, pelo conhecimento, pela experiência, todo pensamento é parcial. Não existe pensamento livre.

Portanto, temos de compreender, com muita clareza, que o nosso pensamento é a reação da memória e que a memória é mecânica. O conhecimento é sempre incompleto, e todo pensamento nascido do conhecimento é limitado, parcial, condicionado. Logo, não há liberdade de pensamento. Mas podemos começar a descobrir uma liberdade que não é um processo de pensamento, liberdade na qual a mente apenas tem consciência de todos os seus conflitos e de todas as influências que a afetam.

Afinal de contas, qual o objetivo da educação que hoje temos? Moldar a mente de acordo com a necessidade, não é mesmo? Neste momento, a sociedade precisa de muitos engenheiros, cientistas, físicos, de modo que, mediante várias formas de recompensa e compulsão, a mente é influenciada a se amoldar a essa demanda. E a isso damos o nome de *educação*. Embora o conhecimento seja necessário e não possamos viver sem educação, será possível ter conhecimento e não ser escravo dele? Tendo consciência da natureza parcial do conhecimento, será possível não permitir que a mente seja aprisionada por ele, de maneira que ela seja capaz de uma ação total, que é a ação não baseada num pensamento, numa idéia?

Vou dizer a mesma coisa em outras palavras. Não há uma diferença entre o conhecimento e o ato de conhecer? O conhecimento é sempre do tempo, mas o conhecer não o é. O conhecimento vem de uma fonte, de um acúmulo, de uma conclusão, ao passo que o conhecer é um movimento. Um mente em constante movimento de conhecer, de aprender, não tem uma fonte a partir da qual ela conhece.

Tentemos de outro modo. O que queremos dizer com aprendizagem? Há aprendizagem quando apenas se acumulam conhecimentos, reúnem-se informações? Esse é um tipo de aprendizagem, não é? Como aluno de engenharia, você estuda matemática e outras matérias; você aprende, informa-se acerca dessas matérias. Você está acumulando conhecimento a fim de empregá-lo de maneira prática. Essa aprendizagem é acumulativa, aditiva. Ora, quando a mente está apenas assimilando,

acrescentando, adquirindo, estará ela aprendendo? Ou será a aprendizagem uma coisa completamente diferente? Afirmo que o processo aditivo que hoje chamamos de aprendizagem não é aprendizagem alguma. É apenas um cultivo da memória, que se torna mecânica; e uma mente que funciona de modo mecânico, como uma máquina, não tem capacidade de aprender. Uma máquina só é capaz de aprender no sentido aditivo. Aprender não tem nada que ver com isso, como vou lhes mostrar.

Uma mente que aprende nunca diz “Eu sei”, porque o conhecimento é sempre parcial, ao passo que a aprendizagem é completa o tempo inteiro. Aprender não significa começar com um certo montante de conhecimento e ir fazendo acréscimos a esse conhecimento. Isso não é aprendizagem, mas um processo puramente mecânico. A meu ver, a aprendizagem é algo completamente diferente. Estou aprendendo sobre mim mesmo a cada momento, e o “mim mesmo” é dotado de extraordinária vitalidade. Ele é vivo, movente, não tem começo nem fim. Quando digo “Conheço-me a mim mesmo”, a aprendizagem acabou, tornando-se conhecimento acumulado. A aprendizagem jamais é cumulativa; é um movimento do conhecer que não tem começo nem fim.

Será que a mente pode se libertar do acúmulo mecânico chamado conhecimento? E será possível descobrir isso por meio do processo de pensamento? Vocês e eu percebemos que somos condicionados. Se vocês dizem, como fazem alguns, que o condicionamento é inevitável, não há problema: vocês são escravos e ponto final. Mas, se começarem a se perguntar se há possibilidade de vencer essa limitação, esse condicionamento, então temos um problema. Nesse caso, vocês terão de examinar todo o processo do pensamento. Se vocês disserem: “Tenho de tomar consciência do meu condicionamento, tenho de pensar sobre ele, analisá-lo, para compreendê-lo e acabar com ele”, vocês estarão agindo com violência. O pensamento e a análise ainda serão resultado do condicionamento de vocês. É óbvio que vocês não podem usar o pensamento para romper o condicionamento de que ele é parte.

Primeiro, vejam o problema; não perguntem a solução. É certo que somos condicionados e que todo pensamento voltado para compreender esse condicionamento será sempre parcial. Logo, nunca há compreen-

são total, e é só na compreensão total do processo de pensamento que há liberdade. A dificuldade reside no fato de estarmos sempre funcionando no campo da mente, que é o instrumento do pensamento, razoável ou não; e, como vimos, o pensamento é sempre parcial.

Na minha opinião, a mente é uma coisa total. É o intelecto, as emoções, a capacidade de observar, de distinguir; é o centro do pensamento que diz: “Eu vou” e “Eu não vou”; é desejo, é realização. Ela é uma coisa total, não algo intelectual distinto do emocional. Empregamos o pensamento como meio de resolver os nossos problemas, mas ele não é capaz disso, pois é uma reação da memória, e a memória resulta do conhecimento acumulado como experiência. Percebendo isso, o que a mente deve fazer?

Sou cheio de ambição, de desejo de poder, de posição, de prestígio, e ao mesmo tempo sinto que tenho de conhecer o que é o amor; por conseguinte, estou num estado de contradição. O homem que busca poder, prestígio, não tem nenhum amor, embora possa falar disso, e não há conciliação possível entre essas duas coisas, por mais que ele queira. O amor e o poder não podem se dar as mãos. E o que a mente deve fazer? O pensamento, como vimos, só pode criar mais contradição, mais angústia. Logo, pode a mente tomar consciência desse problema sem usar em nenhum instante o pensamento?

Vou explicar de outra maneira. Já lhes aconteceu — tenho certeza que sim — de perceber de súbito alguma coisa e, naquele momento de percepção, não ter problema nenhum? No mesmo momento em que perceberam o problema, o problema cessou por completo. Vocês têm um problema e pensam nele, discutem a respeito dele, se preocupam com ele; vocês fazem tudo o que podem, nos limites do pensamento, para tentar compreendê-lo. Por fim, dizem: “Não posso fazer mais nada.” Não há ninguém que ajude vocês a compreender esse problema, nenhum guru, nenhum livro. Vocês se vêem às voltas com ele e não há como escapar-lhe. Tendo examinado o problema com toda a capacidade que vocês têm, vocês o deixam de lado. A mente não está mais preocupada, deixou de se martirizar com o problema, de dizer: “Tenho de encontrar uma resposta”, de modo que ela se aquieta, não é? E nessa quietude vocês acham a resposta. Não aconteceu isso algumas vezes

com vocês? É uma coisa estupenda. Acontece com grandes matemáticos e cientistas, e as pessoas às vezes o sentem na vida diária. E o que isso significa? A mente exercitou sua plena capacidade de pensar e chegou ao fim de todo pensamento sem ter encontrado resposta; por isso, ela se aquietou — não por cansaço ou exaustão, nem por dizer: “Vou ficar quieta para descobrir a resposta.” Tendo feito todo o possível para encontrar a resposta, a mente se aquieta, espontaneamente. Há uma consciência sem escolhas, sem exigências, consciência em que não há ansiedade, e nesse estado mental há percepção. E só essa percepção pode resolver todos os nossos problemas.

Mais uma vez, deixem-me formular o problema de outro modo. Quando nos preocupamos com a mente, temos de investigar a consciência, pois a mente é consciência. A mente não é só intelecto, sentimento, desejo, frustração, realização, desespero, mas também a totalidade da consciência, que inclui o inconsciente. A maioria das pessoas funciona superficialmente, no nível da consciência. Quando vamos ao escritório todos os dias das oito às seis, ou em qualquer outro horário, entra ano sai ano, com uma terrível sensação de tédio, estamos funcionando automaticamente, como uma máquina, na parte mais rasa da consciência. Aprendemos um ofício ou profissão e a mente consciente funciona nesse nível, mas por baixo existe o inconsciente. A consciência como um todo se assemelha a um rio profundo, largo e rápido. Na superfície acontecem muitas coisas e há muitos reflexos, mas isso não é o rio inteiro. O rio é uma coisa total, que inclui tanto o que está em cima como o que está embaixo. O mesmo acontece com a consciência, mas poucos sabem o que se passa embaixo. A maioria se satisfaz se puder viver mais ou menos bem, com alguma segurança e um pouco de felicidade na superfície. Enquanto tivermos um pouco de comida e abrigo, um pouco de *puja*, pequenos deuses e pequenas alegrias, nossa existência na superfície será boa o bastante para nós. Como nos satisfazemos com facilidade, nunca investigamos o que há nas profundezas, que talvez sejam mais fortes, mais potentes, mais prementes em suas exigências do que aquilo que se passa na parte de cima. Logo, há uma contradição entre o que transparece em cima e o que está acontecendo embaixo. A maioria das pessoas só percebe essa contradição nos mo-

mentos de crise, porque a mente superficial amoldou-se por completo ao ambiente. A mente superficial adquiriu a nova cultura ocidental, com seu parlamentarismo e tudo o mais, mas lá no fundo há um resíduo ancestral, os instintos da raça, as motivações silenciosas que estão sempre fazendo exigências, pressionando. Essas coisas estão num nível tão profundo que de modo geral não nos damos conta delas, e não as examinamos porque não temos tempo. Indícios delas muitas vezes se projetam na mente consciente na forma de sonhos.

Então a mente é essa totalidade, mas a maioria se contenta em funcionar apenas na superfície. Só em momentos de grande crise percebemos essa profunda contradição que há dentro de nós, e então tentamos escapar dela — e vamos ao templo, procuramos um guru, ligamos o rádio ou fazemos seja lá o que for. Todas as fugas, sejam por meio de Deus ou do rádio, são essencialmente idênticas.

Há, portanto, uma contradição na consciência, e todo esforço de resolvê-la ou de fugir dela redundará em mais limitação da consciência. Estou falando o tempo inteiro da mesma coisa de maneiras diferentes. Estamos tratando da mente e do modo como ela, sendo educada no conhecimento, no parcial, pode tomar consciência do todo. Só quando a mente percebe o todo pode haver a compreensão na qual o problema desaparece.

Todo pensamento é limitado, pois o pensamento é a reação da memória — da memória como experiência, como acúmulo de conhecimento —, e é mecânico. Sendo mecânico, o pensamento não pode solucionar os nossos problemas. Isso não significa que devamos parar de pensar. Contudo, faz-se necessário um fator inteiramente novo. Tentamos vários métodos e sistemas, várias maneiras de proceder — a política, a religiosa —, e todas malograram. O homem ainda está angustiado, ainda tateia, ainda busca, sofrendo a tortura do desespero, e seus sofrimentos parecem não ter fim. Em consequência, tem de haver um fator inteiramente novo que não seja reconhecível para a mente.

A mente é, sem dúvida, o instrumento do reconhecimento, e tudo quanto ela reconhece já é conhecido; logo, não é novo. Ainda está no campo do pensamento, da memória, sendo, por isso, mecânico. Assim,

a mente tem de estar num estado no qual possa perceber sem que intervenha o processo de reconhecimento.

Ora, que estado é esse? Ele não tem nenhuma relação com o pensamento nem com o reconhecimento. O reconhecimento e o pensamento são mecânicos. Trata-se, por assim dizer, de um estado de percepção pura e simples, ou seja, de um estado de ser.

A maioria de nós é medíocre, tem a mente muito estreita, e o pensamento de uma mente rasa, estreita, só pode resultar em mais angústia. Uma mente rasa nunca vai ficar profunda; ela sempre será rasa, mesquinha, invejosa. O que ela pode fazer é reconhecer sua insignificância e não fazer nenhum esforço para alterar isso. A mente vê que é condicionada e não sente nenhum impulso de alterar esse condicionamento, porque compreende que toda compulsão de mudar resulta do conhecimento, sendo, portanto, parcial. Logo, ela está num estado de percepção. Está percebendo o que é. Mas o que acontece em geral? Sendo invejosa, a mente usa o pensamento para se livrar da inveja, criando assim o oposto desta, a não-inveja; mas ainda está no campo do pensamento. Mas, se a mente percebe o estado de inveja sem condená-lo nem aceitá-lo e sem introduzir o desejo de mudar, ela está num estado de percepção e essa mesma percepção gera um novo movimento, um novo elemento, uma qualidade de ser totalmente diferente.

Vejam bem: as palavras, as explicações e os símbolos são uma coisa, e o ser é algo completamente diferente. Aqui, não estamos preocupados com as palavras, mas com o ser — ser o que de fato somos, e não sonhar conosco mesmos como entidades espirituais, o atman e todos esses absurdos, que ainda estão no campo do pensamento e por isso são parciais. O que importa é ser o que se é — invejoso — e perceber isso de modo integral. E só se pode fazer isso quando não há nenhum movimento do pensamento. A mente é o movimento do pensamento e é também o estado em que há percepção completa sem o movimento do pensamento. Só esse estado de percepção pode realizar uma mudança radical em nossas maneiras de pensar, e então o pensamento não será mais mecânico.

O que nos interessa é ter consciência de todo esse processo da mente, com suas limitações, e não fazer nenhum esforço para eliminar essas limitações, mas ver de modo completo, total, o que é. Só podemos ver totalmente quando o pensamento está em suspenso. Nesse estado de percepção não há escolha, e só esse estado pode resolver nossos problemas.

Madras, 23 de Dezembro de 1964

A aprendizagem é bem mais importante do que a aquisição de conhecimento. Aprender é uma arte. O cérebro eletrônico, o computador, pode adquirir conhecimento e dar todo tipo de informações, mas essas máquinas, por mais espertas que sejam, por mais bem-informadas, não podem aprender. Só a mente humana é capaz de aprender. Nós fazemos uma distinção radical entre a arte de aprender e o processo do conhecimento. Este é uma coleta de informações por meio da experiência, por meio de várias formas de impressão, por meio do impacto da sociedade e de todas as modalidades de influência. Essa coleta deixa um resíduo na forma de conhecimento e, com esse conhecimento, com essa base, nós funcionamos. Sem isso, sem esse conhecimento, sem todo o conhecimento tecnológico que adquirimos ao longo dos séculos, não poderíamos funcionar, não saberíamos onde moramos nem o que fazer. Mas o ato da aprendizagem é um movimento constante. No momento em que você *aprendeu*, isso se torna conhecimento, e a partir desse conhecimento nós funcionamos. Logo, o pensamento está sempre funcionando no presente a partir do passado.

Aprender é uma ação ou movimento que está sempre no presente e que jamais se amolda ao passado. Aprender não é escutar com o conhecimento que você tem. Se você escutar com o conhecimento, com aquilo que você aprendeu, na realidade você não estará escutando, mas interpretando, comparando, julgando, avaliando, amoldando-se a um certo padrão estabelecido. O ato de ouvir é algo completamente diferente; é quando você ouve com uma atenção completa, sem amoldar-se

a nenhum padrão, sem comparar, sem avaliar nem interpretar — você está ouvindo.

Vocês estão ouvindo esses corvos (nas árvores sob as quais o grupo estava reunido); eles estão fazendo bastante barulho; é a hora de eles dormirem. Mas se os ouvirem com irritação porque querem ouvir o que o conferencista está falando, se resistirem ao barulho que eles fazem, vocês não estarão dedicando uma atenção total; a mente de vocês estará dividida. O ato de ouvir é o ato de aprender.

Temos muito a aprender sobre a vida, porque a vida é movimento no relacionamento. E esse relacionamento é ação. Temos de aprender com esse movimento que chamamos de *vida*, em vez de acumular conhecimento a respeito dela e viver de acordo com esse conhecimento — isso é o amoldar-se. Amoldar-se é ajustar-se, enquadrar-se num molde, adaptar-se às várias impressões, exigências e pressões de uma sociedade específica. A vida existe para ser vivida e não para ser compreendida. Temos de aprender sobre a vida e cessamos de fazê-lo no momento em que brigamos com ela, em que a abordamos com o passado, com o nosso condicionamento na forma de conhecimento.

Há, portanto, uma diferença entre a aquisição de conhecimento e o ato de aprender. É preciso ter conhecimento; do contrário, não vamos saber onde moramos, vamos nos esquecer do nosso próprio nome, etc. Logo, num dado nível, o conhecimento é imprescindível. Mas quando ele é empregado para compreender a vida — que é um movimento, uma coisa viva, móvel, dinâmica, que se altera a cada instante —, quando a pessoa é incapaz de caminhar *com* a vida, ela vive no passado e tenta compreender essa coisa extraordinária chamada vida. E para compreender a vida, é preciso aprender a cada minuto sobre ela e nunca abordá-la já tendo aprendido.

A vida que a maioria das pessoas leva na sociedade se restringe ao amoldar-se, isto é, a ajustar o pensamento, o sentimento e o modo de viver a um padrão, a uma sanção ou molde particular de uma dada sociedade, sociedade que caminha bem lentamente, evoluindo de acordo com certos padrões. E somos treinados desde a infância para nos amoldar ao padrão, para nos ajustar ao ambiente em que vivemos. E nesse processo nunca há aprendizagem. Podemos nos revoltar contra

esse ajuste, mas essa revolta jamais é liberdade. E só a mente que aprende, que nunca acumula, é capaz de movimentar-se em harmonia com o fluxo constante da vida.

E a sociedade é a relação entre seres humanos, é a interação entre eles. Ela estabeleceu determinados padrões a que somos levados, desde a infância, a nos amoldar, a nos ajustar, e nesse ajustar-se nunca poderemos ser livres. A sociedade estabelece uma certa autoridade, determinados padrões de comportamento, normas de conduta, normas legais. Ela não ajuda o homem a ser livre; pelo contrário, a sociedade faz o homem amoldar-se às suas virtudes específicas, a respeitá-las e a cultivá-las. A sociedade não quer ver o homem livre; ela não o educa para a liberdade. Todas as religiões são parte da sociedade, tendo sido inventadas pelo homem para a sua própria segurança psicológica. As religiões, tal como estão organizadas em nossos dias, têm seus dogmas, seus rituais; elas estão sobrecarregadas de autoridade e de divisões. Portanto, também as religiões não querem a liberdade do homem. Isso é bem claro.

Então será que o problema não é a necessidade de haver ordem na sociedade? Tem de haver ordem; isso é uma condição da existência — e a ordem é a eficiência, é a cooperação de todos os cidadãos, o fato de cada um deles fazer tudo o que puder para cumprir o seu dever, seja qual for a sua posição. Isso é ordem — não o que a sociedade criou, aquilo que chamamos de ordem, que gira em torno da posição social. A função confere posição, dá prestígio, poder, precedência. E, na batalha dessa sociedade competitiva, há leis para manter a ordem.

Assim, o problema é: tem de haver respeito às normas — dirigir pelo lado correto da estrada — e tem de haver liberdade. Sem isso a sociedade não tem sentido. A sociedade não dá liberdade ao homem; ela pode ajudá-lo a se revoltar, mas qualquer menininho do curso primário pode se revoltar! Ajudar o homem a ser livre e compreender todo esse problema do amoldar-se a um padrão, ajudá-lo a acatar as normas mas não ser escravo da sociedade, ajudá-lo a aceitar as normas, os padrões, a ajustar-se à sociedade mas manter um profundo sentimento de liberdade, é tarefa que requer muitíssima inteligência. O homem não é livre, mesmo depois de ter vivido dois milhões de anos.

Enquanto o homem não for livre, não haverá fim para o sofrimento, para a ansiedade, para a tristeza, para a vergonhosa pobreza da nossa mente e do nosso coração.

E a sociedade de modo algum se preocupa com essa liberdade, que é o único meio de o homem encontrar por si mesmo uma nova maneira de viver — não de acordo com um padrão, com uma crença, com algum conhecimento, mas de instante a instante, fluindo com a vida. Se o homem não for livre no sentido profundo da palavra — não no sentido de ser livre para fazer o que bem entender, o que é simplista e idiota demais —, livre da sociedade que lhe impôs condições, que lhe moldou a mente, ele poderá viver outros dois milhões de anos ou mais e não se verá livre do sofrimento, da dor da solidão, do amargor da vida, de todas as ansiedades que lhe cabem por herança.

Portanto, o problema é: pode o homem ajustar-se à sociedade e ao mesmo tempo ser livre dela? O homem tem de se ajustar, tem de se amoldar — tem de dirigir pelo lado certo da estrada para não prejudicar a segurança alheia, tem de comprar selos para pôr uma carta no correio, tem de pagar impostos e coisas desse gênero. Para a maioria de nós, no entanto, o amoldar-se é muito mais profundo: nós nos amoldamos psicologicamente, e é essa a origem dos males da sociedade. E enquanto não for livre da sociedade, livre do padrão que a sociedade estabeleceu para ele seguir, o homem será apenas moral — isto é, ordeiro no sentido social —, mas imoral no sentido da virtude. O homem que segue a moral específica de uma sociedade é imoral, porque isso apenas o afunda cada vez mais num padrão e o torna sempre mais escravo desse padrão. Ele vai ficando cada vez mais respeitável e, portanto, cada vez mais medíocre.

O homem que está aprendendo compreende, enquanto vive, toda a função da sociedade, que é estabelecer o relacionamento correto entre os homens, ajudá-los a cooperar — não cooperar com uma idéia, com um padrão ou com a autoridade, mas cooperar por afeição, por amor, por inteligência. Ele também compreende a sensibilidade ampliada da inteligência. E a inteligência é apenas a sensibilidade ampliada que não tem nenhuma relação com a experiência nem com o conhecimento, tendo em vista que estes últimos embotam a mente.

É possível que vocês passem todos os dias em frente a uma determinada árvore. Se vocês não conseguirem apreciar a forma extraordinária de um galho ou de uma folha dessa árvore, a nudez da árvore no inverno ou a sua beleza quando banhada pelo sol, se não forem capazes de entrar em total comunhão com a sujeira da rua, com o pôr-do-sol ou com o reflexo da palmeira na água, é porque a mente de vocês é embotada, por mais morais e respeitáveis que vocês sejam, por mais ajustados que sejam à sociedade em que vivem. E uma mente como essa não pode ser livre. Só a mente que aprende enquanto vive, a cada dia, a cada minuto, no movimento da vida, do relacionamento que é ação, só uma mente como essa pode ser livre. A mente tem de ser livre, livre do conflito, livre da contradição que existe no homem. Essa contradição gera um eterno conflito tanto do homem consigo mesmo, no seu íntimo, como entre ele e o seu próximo — e esse conflito é considerado moral porque ajuda o ser humano a se amoldar ao padrão que a sociedade estabeleceu.

Bombaim, 21 de Fevereiro de 1965

Eu gostaria de falar sobre algo que talvez alguns considerem muito complexo, mas que na realidade é bem simples. Nós gostamos de tornar as coisas complexas, gostamos de complicá-las. Achamos que ser complicado é uma característica dos intelectuais, e tratamos tudo de maneira intelectual ou tradicional para dar ao problema ou questão um ar de complexidade. Contudo, para compreender profundamente qualquer coisa, temos de abordá-la com simplicidade — isto é, não só em termos verbais ou emocionais, mas com uma mente bem jovem. A maioria de nós tem mentes velhas, pois teve muitas experiências. Estamos desgastados; passamos por muitos choques, por muitos problemas; e perdemos a elasticidade, a rapidez na ação. A mente jovem é certamente a que age no ver e no observar, ou seja, a mente jovem é aquela para a qual ver equivale a agir.

Eu me pergunto: como vocês ouvem um som? O som tem parte importante na vida. O som de um pássaro, o trovão, as ondas em incessante movimento, o rumor de uma cidade grande, o ruído do vento por entre as folhas, os risos, o choro, uma palavra — tudo isso são formas de som, e essas formas de som desempenham um papel extraordinário na vida, seja como música ou como sons do cotidiano. Como ouvir os sons que nos cercam, o som dos corvos, aquela música ao longe? Ouvimos com o nosso ruído ou ouvimos sem ruído?

A maioria das pessoas ouve seus próprios ruídos de tagarelice, de opinião, de julgamento, de avaliação, de dar nome às coisas, mas nunca escuta o fato. Ouvimos o nosso próprio blablá e não ouvimos de verdade. Para podermos fazer isso, a mente tem de estar quieta e silen-

ciosa no mais extraordinário grau. Se vocês, enquanto ouvem o conferencista, continuam com sua própria conversa consigo mesmos manifestando interiormente as próprias idéias, opiniões, conclusões ou avaliações, vocês simplesmente não o ouvem. Porém, para ouvir não só o conferencista como também os pássaros, os ruídos cotidianos, tem de haver uma certa quietude, um certo silêncio.

A maioria de nós não se cala nunca. Estamos não só conversando continuamente conosco mesmos, mas também falando, falando de maneira interminável. Para ouvir, precisamos deixar um espaço, e não há espaço quando se fica tagarelando de si para si. Ouvir exige certa quietude e ouvir com quietude requer certa disciplina. Para a maioria de nós, disciplina significa reprimir o nosso barulho particular, nossos julgamentos, nossas avaliações. Para fazer cessar a tagarelice, ao menos por um momento, tentamos reprimi-la e fazemos um esforço para ouvir o palestrante e os pássaros. Para a maioria de nós, a disciplina é uma forma de repressão, uma forma de ajuste a um padrão. Para ouvirmos o som, toda forma de controle, de repressão, deve naturalmente desaparecer. Se ouvissem de fato, vocês descobririam que é extraordinariamente difícil fazer cessar o barulho e o blablablá de vocês e ouvir em quietude.

Estou usando a palavra *disciplina* no sentido correto, que é aprender. No sentido original da palavra, disciplina não implica ajuste, repressão, imitação; implica, em vez disso, um processo de aprendizagem. E a aprendizagem não depende do mero acúmulo de conhecimento — de que qualquer máquina é capaz. Nenhuma máquina pode aprender, nem mesmo um computador ou um cérebro eletrônico. Os computadores e cérebros eletrônicos só podem acumular conhecimentos, informações e passá-las a nós. Portanto, o ato de aprender é o ato da disciplina — e é muito importante compreender isso.

Vamos entrar agora num assunto que exige o ato da aprendizagem a cada minuto — não o amoldar-se nem a repressão, mas a aprendizagem. E esta não pode existir se vocês ficarem simplesmente comparando o que ouvem com aquilo que já sabem ou leram, por mais ampla ou inteligentemente que seja. Quando você compara, você pára de aprender. A aprendizagem só pode ocorrer quando a mente está bem

silenciosa e ouve a partir desse silêncio; do contrário, não há aprendizagem. Quando vocês querem aprender outra língua, uma nova técnica ou qualquer outra coisa que não saibam, a mente tem de estar relativamente quieta; se ela não está, não há aprendizagem. Quando já conhecem a língua ou a técnica, vocês apenas acrescentam informações. O acréscimo de informações é mera aquisição de mais conhecimentos, mas não é aprendizagem.

Aprender é disciplinar. Todo relacionamento é uma forma de disciplina, e também é movimento. Nenhum relacionamento é estático, e todo relacionamento exige uma nova aprendizagem. Você pode estar casado há quarenta anos e ter estabelecido com sua mulher ou com seu marido um relacionamento tranqüilo, estável e respeitoso; mas no momento em que o estabeleceu como um padrão, você parou de aprender. O relacionamento é um dinamismo, não uma coisa estática. E todo relacionamento requer que se aprenda constantemente a seu respeito, porque o relacionamento está em constante movimento, em permanente mudança, é vivo; se o seu relacionamento não é assim, você não está relacionado. Você pode pensar que está relacionado com o outro, mas na realidade está relacionado com a imagem do outro que você mesmo formou, com a experiência que tiveram juntos ou com a dor, o sofrimento e o prazer partilhados. A imagem, o símbolo, a idéia — eis os elementos com que vocês abordam o relacionamento com o outro; e, assim agindo, vocês transformam o relacionamento numa coisa morta, estática, exangue, debilitada, sem paixão. Só a mente que aprende é uma mente apaixonada.

Estamos usando a palavra *paixão*, não no sentido de exaltação prazerosa, mas como o estado mental que está sempre aprendendo e que é, portanto, sempre ávido, vívido, movente, vital, vigoroso, jovem. Muito poucas pessoas são apaixonadas. Temos prazer sensual, luxúria, gozo, mas não o sentido da paixão. Sem paixão, no sentido amplo da palavra, como vocês podem aprender, como podem descobrir coisas novas, como podem investigar, como podem acompanhar o movimento da investigação?

Uma mente muito apaixonada está sempre em perigo. Talvez a maioria das pessoas tenha percebido inconscientemente essa mente

apaixonada que está aprendendo e, por conseguinte, agindo; e fracassou inconscientemente, é provável que essa seja uma das razões por que nunca somos apaixonados. Somos respeitáveis, nós nos amoldamos, aceitamos, obedecemos. Há a *respeitabilidade*, o *dever*, e todas as outras palavras que usamos para sufocar o ato da aprendizagem.

O ato da aprendizagem é disciplina. Essa disciplina não se amolda de maneira alguma e, portanto, não tem em si nenhuma repressão, porque, quando estamos aprendendo sobre os nossos próprios sentimentos, sobre a nossa raiva, sobre os nossos apetites sexuais e sobre tantas outras coisas, não há oportunidade de reprimir nem de permitir. E essa é uma das coisas mais difíceis de fazer, porque toda a nossa tradição, todo o nosso passado, toda a nossa memória, todos os nossos hábitos lançaram a mente num determinado canal. Seguimos com facilidade por esse canal e não queremos que nada nos venha tirar do curso. Em consequência, para a maioria das pessoas, disciplina é apenas ajuste, repressão, imitação, o que leva em última análise a uma vida respeitável — se é que se pode dar a isso o nome de vida. O homem aprisionado pelas amarras da respeitabilidade, da repressão, da imitação, do ajuste, não vive de modo algum. Tudo o que ele aprendeu, tudo o que adquiriu, é o amoldar-se a um padrão, e a disciplina que seguiu o levou à destruição.

Mas estamos falando do ato da aprendizagem que só pode vir à existência quando há uma intensa vivacidade, um estado de paixão. Estamos falando da disciplina que é um ato de aprendizagem. Esse ato se processa a cada minuto; ele não equivale a algo que *você aprendeu* e que aplica à próxima ocorrência da vida — quando isso acontece, você deixou de aprender. E esse tipo de disciplina a que estamos nos referindo é necessário porque todo relacionamento é um movimento de disciplina, que é aprendizagem. E essa disciplina, que é o ato de aprender a cada minuto, é essencial para examinar qualquer coisa que exija um grande grau de percepção, de compreensão.

Saanen, 4 de Agosto de 1965

Krishnamurti: Alguém falou que as pessoas querem viver numa outra dimensão, que elas talvez tenham tido um determinado sentimento durante estas palestras, ou caminhando sozinhas na floresta, ou então no relacionamento com alguém, e disseram de si para si: “Se eu ao menos pudesse ficar assim, sem voltar!” Há uma contradição entre a experiência, essa sensação de outra dimensão, e a realidade. Se pudermos eliminar essa contradição, não haverá um momento durante o qual exista a sensação de outra dimensão e uma tentativa de alcançá-la a cada instante. Se abordarmos essas questões e tentarmos descobrir se é possível eliminar de vez essa contradição nos níveis consciente e inconsciente, talvez passemos a viver, em vez de comparar. Podemos analisar isso?

Como é que nós tomamos consciência dessa contradição se tivermos um pouco de perspicácia e sensibilidade? O que lhes diz que vocês estão num estado de contradição? Vocês tomam consciência disso porque alguém lhes diz ou porque isso causa sofrimento? Vocês vão em busca de um determinado prazer, e na própria busca desse prazer se dão conta de que existe uma contradição? Vocês querem seguir numa dada direção, mas as atividades, a vida diária de vocês, os afastam para longe dessa direção? Temos de descobrir de que maneira tomamos consciência.

Vamos tratar disso passo a passo. Não vamos chegar a nenhuma conclusão. Vamos aprender à medida que observarmos, à medida que examinarmos, e por isso não haverá conclusão no final. Porque se al-

guém me *diz* que estou num estado de contradição, o efeito é completamente diferente.

Se tenho um ideal de não-violência, de paz, e sou violento, há uma contradição, ou dois desejos que me impelem em direções contrárias; e, por conseguinte, há conflito. A vida me indica ou alguém me mostra que estou num estado de contradição. Posso tomar consciência dessa contradição por meio de um esforço, de uma dor, de ter feito um ajuste entre o fato e o ideal. Um incidente ou uma experiência me diz que estou num estado de contradição. Isso é uma coisa. Pode também haver uma consciência dessa contradição sem a presença de um estímulo. Ora, o que acontece com a maioria das pessoas? Um incidente desperta a mente para a sua condição contraditória, ou a mente, sem nenhum incidente, toma consciência de que está nessa condição? Vamos examinar agora a primeira opção, deixando a segunda para mais tarde.

Tomamos conhecimento da contradição por meio de um incidente agradável ou desagradável. Temos uma imagem, um ideal, um padrão fixo de comportamento, e algum incidente contraria tudo isso. Então sofremos. Digo: “Estou em contradição” e tento sofregamente sair desse estado, seja fazendo que o fato, que é a minha violência, se ajuste ao ideal, ou destruindo o ideal e deixando apenas o fato.

Como decorrência da fórmula estabelecida de comportamento, ou dos meus próprios hábitos, há uma imagem do que devo fazer, do que tenho de ser, e então acontece um incidente que foge a essa imagem e a contradiz. Como a contradição provoca sofrimento, eu quero me livrar dela. Ou eu ajusto o fato, o incidente, à imagem, ou eu elimino de vez a imagem, não deixando nenhum centro.

Quem é a entidade que diz: “Tenho de ajustar o fato ao ideal” ou “Tenho de destruir o ideal”? Tenho três coisas envolvidas aí: o fato, o ideal e a entidade que diz: “Tenho de me livrar da contradição, seja eliminando o ideal ou simplesmente aceitando o fato.” Ora, tenho de descobrir quem é essa entidade. Enquanto ela existir, haverá contradição.

Questionador: A contradição não está vinculada com coisa alguma. Ela existe em si mesma.

K: Estamos chegando a isso agora. Em primeiro lugar, tenhamos claro este ponto: há a imagem, “o que devo ser”, o ideal, e há o fato de que sou violento. Vou deixar de lado esse ideal que criei e vou tratar apenas do fato. Quem é a entidade que diz: “Tenho de deixar o ideal de lado e tratar apenas do fato”? Se eu não compreender essa entidade, esse centro que dita coisas, ele estará sempre em estado de contradição ou criará contradição. Ora, quem é esse centro? O que é esse centro?

Q: Não será parte do nosso próprio ser?

K: Sim, minha senhora, mas o que é o nosso ser? O que ele é?

Q: Algo que se interpõe, que tem de ser superado.

K: Veja, minha senhora, estamos nos perguntando o que é esse centro que diz: “Não posso viver em estado de contradição e vou me livrar do ideal para não viver assim.” Mas esse centro ainda está presente e estamos perguntando qual é a sua estrutura, a sua natureza.

Vamos descobrir, aprender acerca disso como se fosse a primeira vez. Essa é a única maneira de aprender. Vocês podem já ter pensado sobre isso, podem ter chegado a conclusões a respeito, mas, se o fizeram, pararam de aprender. Vamos aprender sobre o centro que gera contradição, quer vocês abandonem o ideal ou negligenciem o fato. O estado da mente que vai aprender sobre isso tem de ser o de efetivamente não saber o que esse centro é. Podemos ter aprendido a respeito dele ontem, mas se viermos com esse conhecimento de ontem, não poderemos descobrir o que ele é hoje. Ele pode ter se deslocado; pode ter mudado; pode ter se transformado; pode até nem existir. Logo, para aprender sobre esse centro hoje, temos de estar livres do ontem, livres das conclusões de ontem. Assim, nossa mente tem de estar silenciosa, completamente silenciosa, imóvel, com essa interrogação. Então, seremos capazes de aprender sobre esse centro — então, *estamos* aprendendo sobre esse centro.

O que é o centro que está sempre criando contradição, o censor, que diz: “Isto é certo”, “Isso é errado”, “Tenho de fazer isto”, “Não

posso fazer isso”, “Não sou amado”, “Tenho de amar”, “Sou infeliz”, “Tenho de viver noutra dimensão”, “Escutei mas não entendi”? O que é esse movimento?

Q: É o movimento do conhecer.

K: Estamos fazendo uma pergunta bem difícil. Os antigos disseram que é a alma, o atman, Deus, a bondade, o pecado original. Você quer dizer que vai descartar tudo isso agora mesmo e dizer o que é? Antes você tem de saber o que os outros disseram sobre o assunto e descobrir se há nisso alguma verdade. Se apenas repetirem o que dizem os teólogos, as pessoas que acreditam em Deus, na verdade, na alma, no *atman*, vocês não irão a parte alguma. Vocês não estão interessados na repetição do que alguma autoridade falou. Se for mera tradição, vocês a lançarão fora. Vocês examinam e chegam a um certo ponto; vocês o abordam completamente sem saber, em silêncio. Vocês querem aprender a respeito dele; e vocês percebem que uma quietude total é necessária para poderem observar. Vocês conseguem ficar em silêncio sem ser forçados e impelidos a isso? Ficar espontaneamente em silêncio para descobrir o que é esse movimento?

Q: Acho que o conhecimento fica sendo o centro.

Questionador 2: Por que discutir? É inútil.

Questionador 3: Está de acordo com o princípio da harmonia.

K: Senhores, vocês não estão respondendo à pergunta. Estão apenas afirmando o que sentem, o que pensam.

Q: A mente é o centro da contradição, a mente que acumulou conhecimento, que criou imagens, que inventou um salvador, a mente que pensa que existem o permanente e o impermanente. A própria mente está num estado de contradição.

K: Agora, espere um pouco! O senhor disse isso. O que o senhor aprendeu a respeito? O senhor analisou, conseguiu chegar a isso e disse que é a mente. O senhor traduziu isso em palavras e fez uma afirmação. O que o senhor aprendeu? O senhor aprendeu alguma coisa? O senhor diz que a mente está em contradição, a mente que adquiriu conhecimento, que acredita, a mente que é católica, protestante, comunista, atéia, crente, a mente que cria a imagem. Isso é para o senhor um fato real ou uma idéia?

Q: Será o desejo inconsciente de liberdade?

K: Não, minha senhora. Alguém afirmou que o centro é a mente, incluindo-se aí o conhecimento. O que o faz dizer que é a mente?

Q: Eu investiguei.

K: Estou perguntando algo ao senhor. Uma mente está fazendo uma pergunta a outra mente. Como o senhor sabe que é a mente? O que o faz dizer que é a mente?

Q: Eu ouvi dizer.

K: Ouviu dizer? Também ouvi dizer que há um mundo maravilhoso à minha espera quando eu morrer, mas tenho de *viver neste* mundo. Quando o senhor diz “a mente”, ou é porque o senhor percebeu o fato — da mesma maneira como percebe a fome, o que valida a percepção — ou porque está apenas especulando e dizendo que é a mente. Neste último caso, o senhor não está aprendendo. Logo, antes de qualquer um de nós afirmar que é a mente, a imagem, o condicionamento, o padrão que foi estabelecido como católico, protestante, comunista, temos de aprender a respeito, *aprender e* não simplesmente fazer uma afirmação. Antes de compreender essa questão particular, temos de descobrir o que é a mente que vai aprender.

Vejam bem. Meu filho, minha irmã, minha mãe, minha avó ou seja lá quem for, não está bem, está infeliz, não está agindo de modo ade-

quando e eu estou perturbado com isso. Diante disso, quero fazer alguma coisa — ajudar, segurar a mão dele. Mas, estando perturbado, não consigo tratar o fato como um fato, de modo não-emocional, não-sentimental, não-estúpido. Logo, importa muito, quando lhes é feita essa pergunta, a maneira como vocês ouvem. Ou ouvem com uma conclusão, com uma idéia formada acerca do centro, ou dizem: “Eu de fato não sei; vamos examinar.” Se de fato não sabem, vocês vão abordar a questão com uma mente desanuviada, e não com uma mente toldada que já especulou, que já está condicionada.

Portanto, muito mais interessante do que a questão, que no caso é a contradição, é o estado da mente que a examina. Se olho uma árvore, o que é mais importante do que a árvore é o modo como eu a olho. Qual o estado da mente quando se confronta com esse problema da contradição?

Q: Aí está a dificuldade, porque parece bem claro que a mente tem de estar em silêncio.

K: *Fiquem* em silêncio! *Fiquem* em silêncio! Fiquem, não falem! Vocês só falam, mas não ficam em silêncio. *Fiquem* em silêncio!

Q: Quando diz: “Fiquem em silêncio”, o senhor está tentando imprimir em nós a importância de ficar em silêncio.

K: Eu não estou imprimindo isso em vocês. Vejam bem, eu não sei chinês. Que fazer? Minha mente está vazia; eu não sei. Então começo a aprender. Mas vocês não estão fazendo isso.

Q: Acho que, se a pessoa observa a própria mente, no mesmo momento ela se torna silenciosa.

K: Minha senhora, esteja em silêncio, não se torne silenciosa. Veja bem, o problema é a contradição, saber por que o ser humano vive em contradição. Dissemos que já há uma imagem permanente estabelecida, uma fórmula, e um fato concreto que contradiz essa imagem. Se a mente

quiser aprender a viver sem contradição — *viver de fato*, sem contradição —, ela tem de abordar o assunto sem certezas, em silêncio, em quietude. E quando ela faz isso, como estou fazendo agora, há o problema e há a mente completamente quieta, que nada sabe sobre o problema. Eu pergunto o que é essa estranha quietude, essa estranha imobilidade que observa o problema. Ela é induzida? Terá a mente criado esse silêncio a fim de se livrar do problema e viver num estado de harmonia sem contradição? Ou esse silêncio é natural? Se é natural, não induzido, não tornado natural, haverá então um centro? Haverá um centro em estado de contradição? O centro é inerentemente contradição. E se há apenas o silêncio que olha essa contradição, esse problema, será que esse silêncio é um estado natural ou é induzido porque a mente quer viver num estado de harmonia? Se não é natural, a contradição começa outra vez.

E então? Será a mente capaz de abordar qualquer problema — a vida, a árvore, a mulher, o marido — em completo silêncio? Eis uma das coisas mais difíceis, mas vemos que qualquer outra abordagem inevitavelmente gera contradição. Sempre abordamos o problema de modo positivo: *é o conhecimento, é a imagem, é a mente, é isso, é aquilo* — etc., etc. Mas desta vez fomos um pouco mais longe. Dissemos: silêncio. Será o silêncio a negação do ruído, a negação do rumor, a rejeição disso ou daquilo para se ficar em silêncio? Tenho de descobrir qual é esse sentido de negação que não é afirmativo, não é diretivo, mas que tem de existir na vida.

Uma mente boa é tanto positiva como negativa; é tanto o homem como a mulher, não é só o homem nem só a mulher. Os gregos têm uma palavra para isso, os hindus também. Eles simbolizaram isso em suas imagens e por isso o perderam. No momento em que o expressamos com palavras, com uma imagem, acabou. Mas se começarem a aprender e continuarem a aprender, aprender, aprender, vocês poderão expressá-lo com palavras sem que jamais desapareça.

Logo, vamos compreender um silêncio que não é o oposto do ruído, que não é o oposto dessa luta perene — e, para fazê-lo, temos de compreender toda a estrutura da negação.

Bombaim, 16 de Fevereiro de 1966

O Homem, o ser humano, fez de tudo para promover uma mudança radical em si mesmo; mas, fundamentalmente, não conseguiu se modificar nem um pouco. Ainda somos o que éramos há dois milhões de anos! O animal que existe em nós é muito forte. O animal, com toda a sua cobiça, inveja, ambição, raiva e impiedade, ainda existe no profundo do nosso coração e da nossa mente. Por meio da cultura, da religião, da civilização, demos um polimento no exterior; somos mais bem-educados — talvez alguns de nós sejam mais bem-educados. Sabemos um pouco mais; tecnologicamente, fomos muito longe. Podemos discutir a filosofia e a literatura ocidentais e orientais; podemos viajar pelo mundo inteiro. Porém, no nosso íntimo, no mais profundo do nosso ser, há raízes firmemente fincadas.

Diante de tudo isso, como poderemos — eu e vocês na qualidade de seres humanos — mudar? Certamente não será através das lágrimas, não será através da inteligência, não será por meio da busca de uma utopia ideológica nem por meio de uma tirania exterior — nem de uma tirania auto-imposta. Logo, descarto tudo isso, e espero que vocês tenham feito o mesmo. Descartar a nacionalidade, os deuses, a tradição, as crenças, descartar todas as coisas nas quais fomos levados a crer enquanto crescíamos, é algo muito difícil. Podemos concordar intelectualmente, mas nas profundezas do inconsciente persiste a importância do passado a que nos apegamos.

Logo, a questão é: como pode um ser humano promover em si mesmo uma mudança tão profunda que, embora permanecendo neste mundo e sendo capaz de usar a tecnologia, tenha também a capacidade

de raciocinar com sanidade, racionalidade e saúde? A vontade — que é o desejo fortalecido — não produz mudança. A vontade se baseia no desejo, é resultado dele, e o desejo é parte do prazer. Preciso me modificar enquanto ser humano. Que vou fazer? Posso ver que o exercício da vontade de controlar, de reprimir, de determinar um rumo — uma direção afirmativa positiva que a vontade proporciona — não provoca essa mudança. Porque no exercício dessa vontade há conflito, e onde há conflito obviamente não pode haver mudança. O conflito não pode levar à mudança. Se eu e vocês estamos em conflito com relação a alguma coisa, não há compreensão, não há harmonia nem convergência. Seja qual for o nível, se existe conflito não pode haver mudança. A mudança não pode ser gerada pelo conflito, e a própria natureza da vontade é não só produto do conflito como geradora de conflito.

Vocês sabem, há muito pouca beleza na nossa vida. Aos poucos fomos ficando insensíveis à natureza. Estamos a tal ponto preocupados com os nossos problemas, com os nossos interesses e questões, que a nossa mente, o nosso coração e o nosso cérebro ficaram insensíveis. Aceitamos o conflito como um modo de vida. E onde existe conflito não há sentimento. Conflito e amor não podem andar juntos. No entanto, nosso modo de vida — no escritório, no templo, na igreja, na rua — configura-se como uma série de conflitos banais ou importantes. E, para mudar tudo isso, temos de compreender não só como olhar a árvore, como ouvir o silêncio da noite, mas também como viver numa sociedade tão corrupta, sociedade que é, em sua própria essência, desordem. Para compreender tudo isso, temos de compreender a natureza do nosso pensamento. O nosso cérebro é o maquinário do pensamento, e o pensamento resulta de grande número de experiências.

Antes de tratarmos disso, façam-me o favor de ouvir — não concordando comigo, pois não há como concordar nessa matéria. Não estou fazendo nenhuma propaganda nem estou tentando transformar vocês. Se forem capazes de observar, vocês mesmos vão promover essa mudança. Façam-me o favor de ouvir. Assim como ouvem aqueles pássaros, assim como vêem numa noite a beleza do céu e a calma tranquilidade de um rio caudaloso, assim também ouçam, não intelectualmente, em termos das palavras, mas de acordo com aquilo que as pa-

lavras querem dizer. Bem poucos são capazes de ouvir, porque já temos os nossos preconceitos, as nossas conclusões. Pensamos que sabemos. Nunca estamos aprendendo.

Para aprender é preciso ouvir, e quando se ouve há atenção. E só existe atenção quando há silêncio. Logo, para aprender tem de haver silêncio, atenção e observação. E esse processo todo é aprendizagem — e não acúmulo —, aprendizagem em movimento; aprendizagem *no* fazer, e não primeiro aprender e *depois* fazer. Estamos aprendendo enquanto caminhamos, enquanto fazemos, e não aprendendo e depois fazendo. São duas coisas completamente diferentes.

Ora, o que estamos fazendo é aprender enquanto fazemos, pois não há ninguém ensinando vocês. Não há professor nem aluno. Não há guru. Porque temos de andar com os nossos próprios pés e não com os pés de outrem. Quem anda com os pés alheios acaba num beco sem saída. É muito importante compreender que estamos aprendendo e que, para aprender, tem de haver silêncio. Como vocês podem aprender se a mente de vocês está tagarelando? Como podem observar? Como podem prestar atenção? Observem um menino na escola! Se ele tiver um verdadeiro interesse pelo assunto da aula, ele fica quieto e atento. A partir dessa atenção ele está aprendendo. Mesmo que ele queira olhar para o lado de fora, esse mesmo ato de olhar faz parte da aprendizagem.

Logo, o que estamos fazendo é aprender, e para aprender não há um professor que ensina. Tudo o que é necessário é atenção, esse silêncio simples e quieto — com isso, aprendemos. Então, nessa aprendizagem não há livro, não há professor, não há quem diga as coisas a vocês; a coisa toda está acontecendo.

Assim sendo, nossa preocupação é com um modo de vida no qual não haja conflito. Vamos aprender e não perguntar: “Que fazer para viver sem conflito?” Trata-se da pergunta mais imatura e pueril e, no momento em que a fazem, vocês criam a pessoa que vai ensinar-lhes o que fazer e, em conseqüência, tornam-se prisioneiros. Vocês têm de perceber que a aprendizagem ocorre no fazer; não interessa se há ou não algum erro.

A aprendizagem ocorre no fazer, e não no ser ensinado, exceto no domínio tecnológico. Tecnicamente, preciso de ajuda — por exem-

plo, para aprender acerca do cérebro eletrônico, etc. Mas aqui não há ninguém para ensinar, e a aprendizagem tem de começar. O que outra pessoa ensina não é a verdade. O seguidor, assim como o guru, destrói a verdade. Logo, vocês têm de aprender e a aprendizagem está no fazer. Eis a beleza da aprendizagem. O aprender torna-se uma alegria, um deleite, e não uma coisa tediosa, algo que se tem de fazer.

Portanto, para examinar a questão de como viver sem conflitos em todos os níveis do nosso ser — no intelecto, nas emoções, nos sentimentos e no plano físico —, temos de aprender. Embora o conferencista possa examinar as coisas para vocês, vocês têm de aprender, e isso significa que vocês estão examinando com ele. Logo, a aprendizagem é um processo sempre conjunto, e isso significa que ela é sempre um processo de relacionamento. Compreendam, por favor, a beleza disso. Vocês não podem aprender sozinhos. Aprender é fazer e o fazer está no relacionamento, e não no afastamento, no exame, na análise, seguidos da aprendizagem. Aprender é um ato de relacionamento, e relacionamento é vida. E a vida é esse magnífico movimento da vida diária que é o relacionamento. E descobrir uma maneira de viver em que não haja conflito é a maior descoberta, o mais importante caminho.

A primeira coisa a perceber é que o conflito, por mais que seja parte da nossa vida, não tem condições de gerar, sob nenhuma circunstância, uma vida de profunda consciência, silêncio e beleza. Um homem em conflito simplesmente não pode amar. Um homem ambicioso não tem em si nenhum amor. E como o poderia? Ele está em conflito; está frustrado; quer se realizar; sua energia está voltada para essa direção. Logo, não há nele beleza, afeição nem ternura. Ele pode ter sentimentalidade, emocionalidade, mas isso não é amor. A mente que percebeu profundamente que o conflito, em qualquer de suas formas, em todas as circunstâncias — por mais que estejamos acostumados com ele, por mais que tenhamos vivido nele —, destrói e perverte, essa mente aprendeu o que o conflito acarreta e começou a aprender um modo de vida em que não existe conflito. Mas ela vai ser tremendamente viva, não vai adormecer, não vai ficar letárgica, inativa, embotada, estúpida. É o homem em conflito que leva uma vida embotada, estúpida, insensível, e não o homem livre do conflito.

Mas, para compreender e deparar com esse extraordinário estado mental em que não existe o conflito, é preciso compreender a estrutura e a natureza do conflito e ver de fato, de modo objetivo, todos os seus aspectos. Se não se derem conta disso, vocês nunca poderão ultrapassá-lo. É como o homem que fala da beleza da vida, ouve música, vai ao teatro, vê as árvores ao escurecer tendo ao fundo o sol poente, mas não percebe a sujeira das ruas. Por ter se acostumado à podridão da rua, à sujeira, à sordidez, à pobreza, ele não é de fato um amante da beleza. Para amar a beleza, é preciso antes de tudo perceber também a sujeira, a podridão, a pobreza e a desumanidade.

Saanan, 12 de Julho de 1964

Será que vocês, como indivíduos, são capazes de penetrar em vocês mesmos com espírito inquisitivo, sem medo nem piedade, e descobrir se é possível a cada um de nós ser completamente livre? Não há dúvida de que só na liberdade pode haver mudança. E é absolutamente necessário mudar, não de modo superficial, não reformando um pouco aqui e um pouco ali, mas promovendo uma mudança radical na própria estrutura da mente. Eis por que eu acho tão importante conversar sobre a mudança, discutir a seu respeito e ver até onde cada um de nós consegue ir no exame desse problema.

Vocês sabem o que quero dizer com mudança? Mudar, para mim, é pensar de modo totalmente diferente, é dar existência a um estado mental em que não haja ansiedade em momento algum, nenhum conflito, nenhuma luta para conquistar, para ser ou vir a ser alguma coisa. É estar inteiramente livre do medo. Para descobrir o que é ser livre do medo, creio que é preciso compreender a questão do professor e do aluno e, desse modo, descobrir o que é aprendizagem. Não há aqui um professor, nem pessoas sendo ensinadas. Estamos todos aprendendo. Logo, vocês têm de se livrar por completo da idéia de que alguém vai lhes dar uma instrução ou dizer-lhes o que fazer — o que significa que o relacionamento de vocês com o conferencista é uma coisa completamente diferente disso. Estamos aprendendo; vocês não estão sendo ensinados. Se de fato entenderem que não estão aqui para serem ensinados por alguém, que aqui não há nenhum professor para ensinar vocês, nenhum salvador para salvar vocês, nenhum guru para dizer o que vocês

devem fazer — se realmente entenderem esse fato —, vocês terão de fazer tudo sozinhos, o que exige uma tremenda energia.

Nós geralmente aprendemos por meio do estudo, dos livros, da experiência ou da instrução que nos é dada. Essas são as maneiras usuais de aprender. Deixamos a cargo da memória a determinação do que fazer e não fazer, do que pensar e não pensar, de como sentir, de como reagir. Por meio da experiência, do estudo, da análise, da verificação, do exame introspectivo, acumulamos conhecimento na forma de memória e esta responde aos novos desafios e exigências, que por sua vez produzem mais aprendizagem. Com esse processo, nós temos grande familiaridade, já que ele é a única maneira pela qual aprendemos. Eu não sei pilotar um avião e por isso aprendo. Sou instruído, ganho experiência, retenho a lembrança disso, e depois vôo. Esse é o único processo de aprendizagem que a maioria de nós conhece. Aprendemos por meio do estudo, da experiência, da instrução. O que é aprendido é entregue à memória na forma de conhecimento, e esse conhecimento entra em ação sempre que há um desafio ou temos de fazer alguma coisa.

Ora, eu acho que há um modo totalmente diferente de aprender; mas, para compreender e aprender desse modo, vocês têm de se livrar por completo da autoridade; do contrário, vão limitar-se a ser ensinados e repetirão o que ouviram. Eis por que é tão importante compreender a natureza da autoridade. A autoridade impede a aprendizagem — a aprendizagem que não é o acúmulo de conhecimento por meio da memória. A memória sempre reage de acordo com certos padrões, e por isso não tem liberdade. O homem sobrecarregado de conhecimento, de instrução, assoberbado sob o peso das coisas que aprendeu, jamais é livre. Pode ter uma extraordinária erudição, mas seu acúmulo de conhecimento o impede de ser livre e, por conseguinte, ele é incapaz de aprender.

Nós acumulamos várias formas de conhecimento — científico, fisiológico, tecnológico, etc. —, e esse conhecimento é necessário ao bem-estar físico do homem. Mas também acumulamos conhecimento para termos segurança, para atuar sem distúrbios, para agir sempre dentro dos limites das informações de que dispomos e, por conseguinte,

nos sentirmos seguros. Nunca queremos ter incerteza; temos medo da incerteza e, por conseguinte, acumulamos conhecimento. Estou me referindo ao acúmulo psicológico, e é ele que bloqueia por inteiro a liberdade.

Assim, no momento em que se começa a examinar o que é a liberdade, é preciso questionar não só a autoridade como também o conhecimento. Se estão apenas sendo ensinados, se estão apenas acumulando aquilo que ouvem, que lêem, que sentem, vocês vão se dar conta de que jamais poderão ser livres, porque estão sempre funcionando dentro do padrão do conhecido. É isso o que acontece na prática à maioria de nós. Então, o que devemos fazer?

Vemos como a mente e o cérebro funcionam. O cérebro é uma coisa animalesca, progressiva, evolutiva, que vive e funciona dentro dos muros da sua própria experiência, do seu próprio conhecimento, de suas próprias esperanças e temores. Ele mantém uma permanente atividade de salvaguarda e de proteção de si mesmo e, em certa medida, é obrigado a fazer isso, pois do contrário logo seria destruído. Ele é forçado a ter um dado grau de segurança e por isso habitualmente reúne todo tipo de informação, obedece a todo gênero de instruções, cria um padrão a partir do qual ele vive e, assim, nunca é livre. Quando observamos o nosso cérebro, todo o funcionamento de nós mesmos, tomamos consciência desse modo de existência padronizado no qual não existe nenhuma espontaneidade.

Então o que é aprendizagem? Haverá um tipo diferente de aprendizagem, uma aprendizagem não-cumulativa, que não se torne simplesmente um fundo de memória ou um conhecimento que cria padrões e bloqueia a liberdade? Haverá um tipo de aprendizagem que não se torne um ônus, que não prejudique a mente, mas que, pelo contrário, lhe dê liberdade? Se fizerem alguma vez essa pergunta a si mesmos, não de maneira superficial, mas profundamente, vocês verão que é preciso descobrir por que a mente se apegue à autoridade. Seja a autoridade do instrutor, do salvador, do livro, ou a autoridade do nosso próprio conhecimento e experiência, por que a mente se apegue a essa autoridade?

Como vocês sabem, a autoridade assume muitas formas. Há a autoridade dos livros, a autoridade da igreja, a autoridade do ideal, a

autoridade da sua própria experiência e a autoridade do conhecimento que vocês acumularam. Por que vocês se apegam a essas autoridades? Tecnicamente, há necessidade de autoridades. Isso é simples e óbvio. Mas estamos falando do estado psicológico da mente; e, deixando de lado a autoridade tecnológica, por que a mente se apegua à autoridade em termos psicológicos?

Obviamente, ela se apegua à autoridade porque tem medo da incerteza, da insegurança; ela tem medo do desconhecido, do que pode acontecer amanhã. E será que vocês e eu podemos viver sem nenhuma autoridade — autoridade no sentido de domínio, afirmação, dogmatismo, agressividade, desejo de ter sucesso, de ficar famoso, de se tornar alguém? Podemos viver neste mundo — indo ao escritório e tudo o mais — num estado de completa humildade? Eis uma coisa bem difícil de descobrir, não é? Mas creio que é só nesse estado de completa humildade — que é o estado da mente que está sempre disposta a não saber — que podemos aprender. Do contrário, ficamos sempre acumulando conhecimento e, por conseguinte, deixamos de aprender.

E então, será possível viver no dia-a-dia nesse estado? Uma mente que de fato está aprendendo não tem autoridade nem busca a autoridade. Por estar constantemente aprendendo, não só a partir das coisas exteriores, mas também das interiores, ela não pertence a nenhum grupo, a nenhuma sociedade, a nenhuma raça, a nenhuma cultura. Se você está aprendendo a partir de todas as coisas sem acúmulo, como pode haver uma autoridade, um mestre? Nesse estado, como seria possível seguir alguém? E essa é a única maneira de viver — não aprendendo com os livros, não digo isso, mas aprendendo com as próprias exigências, com os movimentos do próprio pensamento, com o próprio ser. Nesse caso, a mente será sempre nova; ela vai olhar todas as coisas como se fosse pela primeira vez, e não com o olhar maculado do conhecimento, da experiência, daquilo que aprendeu. Quando compreendemos isso de fato, bem no fundo, toda autoridade deixa de existir. Nesse momento, o palestrante não tem mais nenhuma importância.

O estado extraordinário que a verdade revela, a imensidão da realidade, não pode ser outorgado a vocês por outra pessoa. Não há autoridade nem guia. Vocês têm de descobrir por si mesmos e, com isso,

levar um pouco de sentido a esse caos que denominamos vida. Trata-se de uma jornada a ser empreendida em total solidão, sem companhia, sem mulher, sem marido nem livros. Você só pode encetar essa jornada quando vê a verdade de ter de caminhar completamente só, não por amargura, por desconfiança ou por desespero, mas por ver que estar só é absolutamente necessário. É esse fato, e a sua percepção, que liberta cada qual para caminhar sozinho. O livro, o salvador, o mestre — eles são você mesmo. Logo, você tem de investigar a si mesmo; tem de aprender a respeito de si mesmo — o que não significa acumular conhecimento a seu próprio respeito e, com esse conhecimento, examinar os movimentos do seu próprio pensamento.

Para aprender sobre si mesmo, para conhecer a si mesmo, você tem de se observar como se nada soubesse de si mesmo, com liberdade. Você não pode aprender sobre si mesmo se estiver apenas aplicando conhecimento, isto é, observando a si mesmo com base no que aprendeu com algum instrutor, algum livro ou alguma experiência.

O “eu” é uma entidade extraordinária; é uma coisa complexa, vital, tremendamente viva, em constante mudança, que passa por inúmeras experiências. É um vórtice de enorme energia, e não há quem possa ensinar a seu respeito — ninguém pode fazê-lo! Essa é a primeira coisa que temos de perceber. Uma vez que perceba isso, veja de fato a verdade disso, você já se libertou de uma pesada carga: deixou de procurar os outros para que lhe digam o que fazer. Já há nisso o começo desse extraordinário perfume da liberdade.

Logo, eu tenho de conhecer a mim mesmo, porque sem isso não pode haver fim para o conflito, para o medo e para o desespero, não pode haver compreensão da morte. Quando compreendo a mim mesmo, compreendo todos os seres humanos, o conjunto total dos relacionamentos humanos. Compreender a si mesmo é aprender sobre o corpo físico e sobre as várias reações nervosas; é ter consciência de cada movimento do pensamento; é compreender aquilo que leva o nome de ciúme, de brutalidade, e descobrir o que é afeição, o que é amor. É compreender a totalidade daquilo que é o “eu”, o “você”.

Aprender não é um processo de assentar os alicerces do conhecimento. Aprender é um processo de momento a momento, um movi-

mento no qual você observa a si mesmo infinitamente, nunca condenando, nunca julgando, nunca avaliando, apenas observando. No momento em que condena, interpreta ou avalia, você passa a ter um padrão de conhecimento, de experiência, e esse padrão o impede de aprender.

Uma mudança nas próprias raízes da mente só é possível quando você se entende a si mesmo. E tem de haver uma tal mutação, uma tal mudança. Não uso a palavra *mudança* no sentido de ser influenciado pela sociedade, pelo clima, pela experiência ou por alguma outra forma de pressão. As pressões e influências apenas o levarão numa dada direção. Refiro-me à mudança que acontece sem esforço porque você compreende a si mesmo. Há com certeza uma grande diferença entre as duas coisas; entre a mudança promovida pela compulsão do *pensamento* e a mudança que vem de maneira espontânea, natural, livre.

Vejam bem, sinto que a nossa vida é bem superficial. Sabemos e vivemos muita coisa, somos capazes de conversar com muita inteligência, mas na realidade não temos profundidade. Vivemos na superfície e, por assim viver, tentamos dar à vida superficial ares de grande seriedade. Mas estou falando de uma seriedade que não se restringe ao nível superficial, uma seriedade que penetra nas próprias profundezas do ser. A maioria de nós não é de fato livre, e sinto que, se não formos livres — livres das preocupações, dos hábitos, das deficiências psicossomáticas, do medo —, a nossa vida permanecerá rasa e vazia, e nessa condição nós vamos envelhecer e morrer.

Por isso, tentemos descobrir se é possível atravessar essa existência superficial que temos alimentado com tanto cuidado e mergulhar em algo muito mais profundo. E esse processo de mergulho não passa pela autoridade, não é uma questão de saber a partir de outra pessoa o que se deve fazer, visto não haver ninguém capaz de nos dizer. Estamos aqui para aprender juntos o que há de verdadeiro em tudo isso e, uma vez que vocês compreendam de fato o que é verdadeiro, acabará a busca da autoridade. E vocês não vão precisar de nenhum livro, não irão a nenhum templo nem igreja, terão deixado de ser seguidores. Há uma grande beleza, uma grande profundidade, um grande amor na liberdade — de que não sabemos coisa alguma, pois não somos livres.

Portanto, nossa preocupação primordial é, a meu ver, examinar essa liberdade, não só por meio da análise verbal ou lingüística, mas mediante o fato de nos libertarmos da palavra.



Está muito quente, mas acho que já fizemos todo o possível para tornar o interior desta tenda razoavelmente fresco.

Vocês sabem que precisamos nos disciplinar, não por meio de imposições nem de um controle rígido, mas da compreensão de toda a questão da disciplina, aprendendo a respeito disso. Examinemos uma coisa imediata: o calor. Podemos ter consciência desse calor e não ser incomodados por ele, porque o nosso interesse, a nossa investigação, que são o próprio movimento da aprendizagem, têm muito mais importância do que o calor e o desconforto corporal. Assim sendo, a aprendizagem requer disciplina e o próprio ato de aprender é disciplina; logo, não é preciso que haja uma disciplina imposta, um controle artificial. Isto é, eu quero ouvir não só o que está sendo dito mas também todas as reações que as palavras provocam em mim. Quero perceber cada movimento do pensamento, cada sentimento, cada gesto. Isso é em si mesmo disciplina, e essa disciplina é extraordinariamente flexível.

Logo, eu acho que a primeira coisa a descobrir é se vocês — como seres humanos que vivem numa cultura ou comunidade particular — de fato querem a liberdade tal como querem alimento, sexo, conforto, e até que ponto e a que profundidade estão dispostos a chegar para serem livres. Essa é a única coisa que podemos partilhar, isso e nada mais. Porque todas as outras coisas viram sentimentalismo, devoção, emocionalismo, o que é muito imaturo. Mas se eu e vocês, juntos, estivermos de fato buscando, investigando, aprendendo o que significa ser livre, poderemos partilhar isso em abundância.

Como eu disse no começo, aqui não há mestre nem alunos. Cada um de nós está aprendendo, mas não sobre outrem. Vocês não estão aprendendo sobre o conferencista nem sobre o próximo. Estão aprendendo sobre vocês mesmos. E se é assim, vocês são o professor, vocês são o próximo. Se estão aprendendo sobre vocês mesmos, vocês podem

amar o seu próximo; do contrário, não há como fazê-lo, e tudo isso não passará de meras palavras. Vocês não podem amar o próximo se forem competitivos. Toda a nossa estrutura social — econômica, política, moral, religiosa — está fundamentada na competição, e ao mesmo tempo dizemos que temos de amar o próximo. Isso é impossível, porque onde há competição não pode haver amor.

Por conseguinte, para compreender o que é o amor, o que é a verdade, tem de haver liberdade — e isso ninguém pode dar a vocês. Vocês mesmos têm de encontrá-la por meio de muito esforço.

Madras, 16 de Dezembro de 1959

Eu acho que seria maravilhoso se pudéssemos, sem palavras, transmitir o que de fato sentimos sobre todo o problema da existência. Além da necessidade superficial de conseguir um emprego e tudo o mais, há impulsos e exigências interiores profundos, estados contraditórios de ser, tanto conscientes como inconscientes; e eu fico imaginando se não seria possível ir além de todos eles, além das fronteiras que a mente impôs a si mesma, além dos estreitos limites do nosso coração, e viver nesse plano, agir, pensar e sentir a partir dessa condição, e ao mesmo tempo realizar as atividades cotidianas. Acho que isso é possível, não só a comunicação do fato, mas sobretudo a sua concretização. Podemos certamente romper os limites que a mente impôs a si mesma, porque, afinal, temos apenas um problema. Assim como a árvore, com suas muitas raízes, galhos e folhas, constitui uma única totalidade, assim também nós temos apenas um único problema básico. E se, por algum milagre, alguma graça, por meio de alguma forma específica de olhar para as nuvens numa noite, a mente pudesse ficar extraordinariamente sensível a todos os movimentos do pensamento, do sentimento — se ela pudesse fazer isso, não de modo teórico, mas na prática —, acho que teríamos resolvido o nosso problema.

Como eu disse, há essencialmente um único problema — o problema do eu e dos seus impulsos — de que advêm todos os outros. Os nossos verdadeiros problemas não são como pousar na Lua ou mandar um foguete a Vênus; eles são bem íntimos, mas por infelicidade parecemos não saber como tratar deles. Acho até que nem sequer nos demos conta do nosso verdadeiro problema. Conhecer o amor, sentir a beleza

da natureza, cultivar algo além das criações do homem — tudo isso, penso eu, nos é negado se não compreendemos os nossos problemas imediatos.

Por isso, eu gostaria de pensar com vocês sobre essa questão da possibilidade de a mente romper suas próprias fronteiras, ir além de suas limitações — porque é inegável que a nossa vida é bem oca. Vocês podem ter todas as riquezas que a terra é capaz de proporcionar; podem ser muito cultos; podem ter lido muitos livros e ser capazes de citar com grande erudição todas as autoridades estabelecidas, do passado ou do presente; podem, ao contrário, ser muito simples e apenas viverem e lutarem no dia-a-dia, com todos os pequenos prazeres e aflições da vida familiar. Sejam vocês o que forem, é da maior importância descobrir de que maneira podem ser rompidas as barreiras que a mente criou para si mesma. Esse é, na minha opinião, o nosso principal problema. Por meio da chamada educação, da tradição, das várias formas de condicionamento social, moral e religioso, a mente é limitada, presa de um vórtice movente de influências ambientais. Será a mente capaz de quebrar todas essas amarras do condicionamento a fim de viver com alegria, percebendo a beleza das coisas, tendo um extraordinário sentimento de vida imensurável?

Acho que isso é possível, mas não creio que seja um processo gradual. Essa ruptura não ocorre por evolução, não ocorre com o tempo. Ela acontece instantaneamente ou não acontece. A percepção da verdade não vem ao final de muitos anos. Não há amanhã no campo da compreensão. Ou a mente compreende de imediato ou fica sem compreender. A mente tem muita dificuldade para ver isso, porque a maioria de nós está por demais condicionada a pensar em termos do amanhã. Dizemos: “Com mais algum tempo, com mais experiência, um dia eu vou compreender.” Mas vocês já perceberam que a compreensão vem sempre num átimo, nunca por cálculo, nunca com o tempo, jamais por meio do exercício e do desenvolvimento lento? A mente que confia nessa idéia de compreensão gradual é essencialmente preguiçosa. Não perguntem: “Como fazer com que uma mente preguiçosa fique alerta, vital, ativa?” Não há “como”. Por mais que tente ficar inteligente, a mente estúpida continuará estúpida. Uma mente mesquinha não deixa

de ser mesquinha por cultivar o deus que inventou. O tempo não vai revelar a verdade nem a beleza de coisa alguma. O que de fato traz compreensão é o estado de atenção — apenas ser atento, mesmo por um segundo, com todo o ser, sem cálculo, sem premeditação. Se vocês e eu pudermos concentrar totalmente a atenção num momento, creio que haverá uma compreensão instantânea, uma compreensão total.

Mas é muito difícil dar atenção total a alguma coisa, não é?

Não sei se vocês já tentaram olhar uma flor com todo o ser de vocês, ou ter consciência total dos movimentos da própria mente. Se já fizeram isso, vocês sabem com que clareza a atenção total põe em foco todo problema. Mas dar essa atenção ao que quer que seja não é fácil, porque a nossa mente é muito respeitável; ela está sobrecarregada de palavras e símbolos, de idéias acerca do que ela deve ou não deve ser.

Estou falando da atenção, e imagino se vocês estejam prestando atenção — não apenas ao que está sendo dito, porque isso é de importância secundária; mas será que estão prestando atenção, isto é, percebendo plenamente os impedimentos, os bloqueios que a mente de vocês criou para si mesma? Se forem capazes de perceber essas amarras — apenas ter consciência delas, sem dizer: “O que vou fazer quanto a isso?” —, vocês descobrirão que elas vão começar a se partir; e virá um estado de atenção em que não há escolhas, não há desvios, porque não haverá mais um centro do qual se desviar. Esse estado de atenção é a bondade; ela é a única virtude. Não existe outra virtude.

Logo, percebemos que a nossa mente é muito limitada. Reduzimos os céus e a terra, o grande movimento da vida, a um cantinho chamado o “eu”, com sua eterna batalha de ser ou não ser. De que modo essa mente, que é tão pequena, tão egocêntrica, pode romper as barreiras, as limitações que impôs a si mesma? Como eu disse, é apenas por meio da atenção, em que não há escolha, que se pode ver a verdade; e é a verdade que acaba com o cativo, que acaba com as limitações; é a verdade, e não o esforço de vocês, as meditações, as práticas, as disciplinas, os controles.

Estar nesse estado de atenção requer um conhecimento do “eu” e de suas maneiras de agir. Eu tenho de conhecer a mim mesmo; minha

mente tem de conhecer o movimento de cada emoção, de cada pensamento. Mas o conhecimento é uma coisa peculiar. Ele é cumulativo, está sempre no passado. No presente há apenas o conhecer. O conhecimento sempre distorce o conhecer. Estamos voltados para o conhecer e não para o conhecimento, porque o conhecimento de si mesmo distorce o ato de conhecer a si mesmo. Acho que há uma diferença entre conhecer a mim mesmo o tempo inteiro e ter conhecimento de mim mesmo. Quando o autoconhecimento é uma acumulação das informações que reuni a meu respeito, ele impede que eu compreenda a mim mesmo.

Vejam: o “eu” é incansável; ele está sempre vagando, nunca fica imóvel. É como um rio turbulento, que faz um tremendo ruído enquanto se precipita vale abaixo. É uma entidade viva, movente; e como se pode ter conhecimento de algo que se acha em permanente mudança, que nunca é o mesmo? O eu está sempre em movimento; nunca se imobiliza, não fica quieto nem por um instante. Quando a mente o observa, ele já se foi. Não sei se vocês já tentaram olhar para si mesmos, fixar a mente numa só coisa. Se vocês fizerem isso, a coisa na qual tiverem fixado a mente estará constantemente diante de vocês e assim vocês terão acabado com o autoconhecimento. Estou me fazendo entender?

O conhecimento é sempre pernicioso para o conhecer. O conhecer a si mesmo nunca é cumulativo; ele não culmina num ponto a partir de cuja perspectiva você pode julgar o que é o “eu”. Vocês vêem: nós acumulamos conhecimento e a partir daí julgamos, e aí reside a nossa dificuldade. Tendo acumulado conhecimento por meio da experiência, da aprendizagem, da leitura, nós pensamos e funcionamos a partir desse arcabouço. Tomamos uma posição no âmbito do conhecimento e a partir dela dizemos: “Sei tudo sobre o eu. Ele é ganancioso, estúpido, procura durante todo o tempo ser superior.” No momento em que você toma uma posição no âmbito do conhecimento, esse seu conhecimento é muito superficial. Mas se não há acúmulo de conhecimento no qual a mente se baseie, há somente o movimento do conhecer, e então a mente passa a ter uma percepção extremamente perspicaz.

Logo, o importante é o conhecer a si mesmo e não o conhecimento de si mesmo. Conhecer o movimento do pensamento, conhecer o mo-

vimento do sentimento, sem nenhuma acumulação — e, portanto, sem um único momento de julgamento, de condenação —, é muito importante, porque no momento em que há acumulação, há o indivíduo que pensa. O acúmulo de conhecimento dá uma posição à mente, um centro a partir do qual pensar; isso dá origem a um observador que julga, condena, identifica. Mas quando há o conhecer-se, não há nem o observador nem o observado; há apenas um estado de atenção, de observação, de aprendizagem.

A mente que acumulou conhecimento não pode aprender. Para aprender, a mente precisa estar livre do peso do conhecimento, do ônus daquilo que acumulou. Ela tem de ser jovem, inocente, livre do passado. O acúmulo de conhecimento faz nascer o “eu”; mas o conhecer não pode levar a isso, porque o conhecer é aprendizagem, e uma mente que está aprendendo de modo constante nunca descansa. Se vocês realmente perceberem a verdade disso, não amanhã, mas agora, vocês vão descobrir que há apenas um estado de atenção, de aprendizagem, sem um único instante de acumulação; e então os problemas que costumam nos atormentar vão virar pó. Isso, no entanto, não é um truque para resolver os nossos problemas, nem uma lição a aprender.

Vejam que a nossa sociedade — seja ela indiana, russa, americana ou qualquer outra coisa — é gananciosa, não apenas na busca de coisas materiais como também na competição, no ganhar, no “chegar lá”, na realização. Essa sociedade moldou de tal modo a nossa maneira de pensar que não podemos nos libertar do conceito de uma meta, de um alvo. Estamos sempre pensando em chegar a algum lugar, alcançar a paz interior, etc. A nossa abordagem é sempre de ganância. Em termos físicos, isso é válido até certo ponto; é evidente que temos de arranjar comida, roupas e abrigo. A mente, todavia, usa isso para adquirir mais coisas. Falo da aquisição no sentido psicológico. Assim como faz uso das necessidades físicas para adquirir prestígio e poder, assim também, por meio do conhecimento, a mente se estabelece numa posição de certeza psicológica. O conhecimento nos dá uma sensação de segurança, não é verdade? A partir do nosso arcabouço de experiências, de conhecimento acumulado a nosso próprio respeito, nós pensamos e vivemos, e esse processo cria um estado de dualidade: o que sou e o que

penso que devo ser. Há, como resultado, uma contradição, uma constante luta entre essas duas coisas. Mas se observarmos esse processo de modo abrangente, se o compreendermos, se sentirmos efetivamente o seu significado, haveremos de descobrir que a mente é espontaneamente boa, alerta, amorosa; ela está sempre aprendendo e nunca acumulando. Então, o autoconhecimento passa a ter um sentido bem diferente, pois deixa de ser um acúmulo de conhecimento sobre si mesmo. O conhecimento sobre si mesmo é parco, mesquinho, limitador, mas o autoconhecer-se é infinito; ele nunca acaba. Logo, o nosso problema é abandonar o hábito, o costume, a tradição no momento presente e nascer de novo.

Uma das nossas dificuldades em todo esse processo é o problema da comunhão ou da comunicação. Eu quero dizer algo a vocês e, no próprio ato de dizer, esse algo é pervertido pela expressão, pelas palavras usadas. O que eu quero comunicar a vocês, ou comungar com vocês, é muito simples: o total abandono de si mesmo no momento presente. Isso é tudo — não o que acontece depois do abandono de si mesmo nem o sistema que vai produzi-lo. Não há sistema, porque, no momento em que praticamos um sistema, estamos fortalecendo o eu. Será que a mente pode se livrar de repente das âncoras que prendeu nos vários padrões de existência?

Um dia, no fim da tarde, quando o sol começava a se pôr, os campos verdes de arroz reluziam, um homem passava solitário e os pássaros revoavam, vocês devem ter sentido de repente uma extraordinária paz no mundo. Não havia um “eu” observando, sentindo, pensando, pois vocês eram aquela beleza, aquela paz, aquele infinito estado de ser. Isso já deve ter acontecido com vocês se algum dia olharam o rosto do mundo, a amplidão do céu. Como isso acontece? Quando de repente não há preocupações, quando vocês já não pensam que amam alguém nem ficam imaginando se alguém ama vocês, quando vocês ficam nesse estado de amor, nesse estado de beleza, o que acontece? A árvore verde, o céu azul, as águas dançantes do mar, toda a beleza da terra — tudo isso fez desaparecer o eu feio, voluntarioso e pequeno, e, por um instante, vocês são tudo aquilo. Assim é o estado de abandono de si mesmo sem cálculo.

Para ter essa sensação de abandono, vocês precisam de paixão. Não se pode ser sensível sem ser apaixonado. Não tenham medo da palavra *paixão*. A maioria dos livros religiosos, a maioria dos gurus, *swamis* e líderes dizem: “Não tenham paixão.” Mas, sem paixão, como ser sensível ao feio, ao belo, às folhas sussurrantes, ao pôr-do-sol, ao sorriso, ao choro? Como ter sensibilidade sem uma paixão em que haja abandono? Não perguntem como ter paixão. As pessoas têm bastante paixão quando se trata de conseguir um emprego, odiar um pobre companheiro ou ter ciúme de alguém, mas estou falando de uma coisa completamente diferente — uma paixão que *ama*. O amor é um estado em que não existe “eu”. O amor é um estado em que não há condenação, nenhuma caracterização do sexo como certo ou errado, nenhuma afirmação de que isto é bom e aquilo é ruim. O amor não é nada dessas coisas contraditórias. Não existe contradição no amor. E como se pode amar sem ser apaixonado? Sem paixão, como se pode ser sensível? Ser sensível é sentir o seu próximo sentado ao seu lado; é ver a feiúra da cidade com sua podridão, seu mau cheiro, sua pobreza, e ver a beleza do rio, do mar, do céu. Se você não for apaixonado, como poderá ser sensível a tudo isso? Como poderá sentir um sorriso, uma lágrima? O amor, eu lhes asseguro, é paixão. E, sem amor, façam o que quiserem — sigam este ou aquele guru, leiam todos os livros sagrados, se tornem o maior dos reformadores, estudem Marx e façam uma revolução —, nada disso terá valor, porque, quando o coração está vazio, sem paixão, sem essa simplicidade extraordinária, não pode haver o abandono de si mesmo.

É certo que a mente só abandona a si mesma e aos seus modos de ser e proceder quando não há desejo de segurança. A mente que busca segurança não pode saber o que é o amor. O abandono de si mesmo não é o estado do devoto diante do seu ídolo ou da sua imagem mental. Estamos falando de uma coisa que está para isso assim como a luz está para a escuridão. O abandono de si mesmo só pode acontecer quando vocês não o cultivam e quando há o processo de conhecer a si mesmo. Façam-me o favor de ouvir e sentir isso.

Quando a mente tiver compreendido o significado do conhecimento, só então há o conhecer a si mesmo, e o conhecer a si mesmo implica o abandono de si mesmo. Você deixou de ter qualquer experiência

como centro a partir do qual observar, julgar, ponderar; por conseguinte, a mente já mergulhou no movimento de abandono de si mesmo. Nesse abandono há sensibilidade. Porém, a mente isolada em seus hábitos de alimentação, de pensamento, de nunca olhar para coisa alguma, essa mente não pode ser sensível, não pode ser amorosa. No próprio abandono de suas limitações a mente se torna sensível e, portanto, inocente. E só a mente inocente sabe o que é o amor — não a mente calculista nem a mente que dividiu o amor em carnal e espiritual. Nesse estado, há paixão — e, sem paixão, a realidade jamais vai se aproximar de você. Só a mente enfraquecida implora pela realidade, só a mente embotada e ambiciosa busca a verdade, Deus. Mas a mente que conhece a paixão no amor recebe a visita do inominável.

*Excerto de Krishnamurti's Notebook,
Paris, Setembro de 1961*

21 de setembro

A luz do fim da tarde brilhava no rio e o tráfego na ponte era furioso e rápido. A calçada estava cheia de pessoas voltando para casa depois de um dia de trabalho no escritório. O rio cintilava; pequenas ondas perseguiam-se alegremente umas às outras. Seria possível ouvi-las, mas a fúria do tráfego era demais. Rio abaixo, a luz na água estava mudando, tornando-se mais profunda, e logo estaria escuro. A lua estava do outro lado da imensa torre, parecendo deslocada, artificial; não tinha nenhuma realidade, ao contrário da alta torre de aço; havia muita gente ali; o restaurante no alto estava iluminado e podia-se ver toda uma multidão entrando nele e, como a noite estava nebulosa, os raios das luzes circulantes eram muito mais fortes do que a lua. Todas as coisas, exceto a torre, pareciam distantes. Como sabemos pouca coisa a nosso próprio respeito! Parece que sabemos muito sobre outras coisas, sobre a distância entre a Terra e a Lua, sobre a atmosfera de Vênus, sobre como montar e fazer funcionar os mais complexos e sofisticados cérebros eletrônicos, sobre como decompor os átomos e as menores partículas da matéria. Mas sabemos muito pouco sobre nós mesmos. Ir à Lua é muito mais emocionante do que entrar no nosso próprio interior; talvez sejamos preguiçosos ou medrosos, ou talvez não seja lucrativo, no sentido de dinheiro e de sucesso, mergulhar dentro de nós mesmos. Esta é uma viagem muito mais longa do que ir à Lua; não há máquinas que

nos levem até lá e ninguém pode nos ajudar; não há livros, não há teorias, não há guias. Cada qual tem de fazer a viagem por si mesmo. É preciso investir bem mais energia do que na invenção e junção das peças de uma imensa máquina. Não é possível conseguir essa energia por meio de alguma droga, nem por meio de alguma interação ou relacionamento, nem por meio do controle, da negação. Não há deuses, rituais, crenças ou orações capazes de nô-la dar. Pelo contrário, no próprio ato de descartar tudo isso, de perceber o seu significado, essa energia penetra a consciência e vai além dela.

Não se pode comprar essa energia mediante o acúmulo de conhecimento a respeito de si próprio. Toda forma de acumulação, assim como o apego ao acúmulo, diminui e perverte essa energia. O conhecimento sobre si mesmo aprisiona, sobrecarrega, abate; a pessoa fica sem liberdade de movimentos e age e se move nos limites desse conhecimento. Aprender sobre si mesmo não é o mesmo que acumular conhecimentos sobre si mesmo. Aprender é o presente ativo, enquanto o conhecimento é o passado; quando se aprende a fim de acumular, a aprendizagem deixa de existir. O conhecimento é estático, porque é possível acrescentar-lhe e tirar-lhe alguma coisa, mas a aprendizagem é ativa — nada lhe pode ser tirado nem acrescentado, visto que em nenhum momento há acúmulo. O conhecer, o aprender sobre si mesmo não tem começo nem fim, o que não ocorre com o conhecimento. O conhecimento é finito, ao passo que o aprender, o conhecer, é infinito.

Somos o resultado acumulado de muitos séculos de existência humana, de suas esperanças e desejos, de suas culpas e ansiedades, de suas crenças e de seus deuses, de suas realizações e frustrações: somos tudo isso e mais alguns acréscimos recentes. Aprender sobre isso tudo tanto de modo profundo como na superfície, não se restringe a afirmações verbais ou intelectuais sobre o óbvio, as conclusões. Aprender é viver esses fatos, emocional e diretamente — é entrar em contato com eles, não de modo teórico ou verbal, mas de maneira concreta, como um homem que tem fome diante do alimento.

Não é possível aprender se houver o sujeito que aprende; este é o acúmulo, o passado, o conhecimento. Há, nesse caso, uma separação entre aquele que aprende e a coisa acerca da qual ele aprende, havendo,

por conseguinte, um conflito entre os dois. Esse conflito destrói, reduz a energia a ser empregada na aprendizagem, na jornada rumo ao próprio âmago da organização total da consciência. A escolha é conflito e, como tal, impede a visão; o mesmo acontece com a condenação, com o julgamento. Quando esse fato é visto e compreendido, não no plano verbal ou teórico, mas visto como fato, a aprendizagem é um processo momento a momento. E a aprendizagem não tem fim; a aprendizagem é que é importante, e não os fracassos, os sucessos, os erros. Há apenas o ver, e não quem vê e o que é visto. A consciência é limitada; sua própria natureza é restrição; ela funciona no âmbito da estrutura de sua própria existência, que é a experiência, o conhecimento, a memória. Aprender sobre esse condicionamento põe abaixo essa estrutura; então, o pensamento e o sentimento ficam com a sua função limitada e não podem interferir nas questões mais profundas e mais amplas da vida. Onde o eu cessa de existir, com todas as suas intrigas patentes e veladas, seus impulsos e exigências compulsivas, suas alegrias e tristezas, começa um movimento de vida que está além do tempo e de suas amarras.

25 de setembro

A meditação é o florescimento da compreensão. A compreensão não está nos limites do tempo; o tempo nunca traz compreensão. A compreensão não é um processo gradual a ser formado pouco a pouco, com cuidado e paciência. A compreensão é agora ou nunca; é um instante que pode causar destruição, e não uma força domada; é esse abalo dos alicerces que tememos, e por isso o evitamos consciente ou inadvertidamente. A compreensão pode alterar o curso da nossa vida, nossa maneira de pensar ou de agir; ela pode ser agradável ou não, porém constitui um risco para todo relacionamento. Contudo, sem a compreensão, persiste o sofrimento. O sofrimento só cessa por meio do autocohecimento, da consciência de todo pensamento e de todo sentimento, de todo movimento da consciência e do que se acha fora do alcance desta. A meditação é a compreensão da consciência, do oculto e do

patente, bem como do movimento que está além de todo pensamento e de todo sentimento.

O especialista é incapaz de perceber o todo; seu paraíso é aquilo em que ele se especializou, mas não passa de um assunto insignificante do cérebro, o paraíso da religião ou do técnico. A capacidade, o dom, são obviamente prejudiciais, pois reforçam o egocentrismo; eles são fragmentários e, em consequência, geram conflito. A capacidade só tem sentido na percepção total da vida, que pertence ao domínio da mente e não do cérebro. A capacidade e sua função situam-se nos limites do cérebro, razão pela qual se tornam impiedosas, indiferentes ao processo total da vida. A capacidade dá à luz o orgulho, a inveja; e sua realização torna-se toda-importante, gerando assim confusão, inimizade e tristeza; ela só tem sentido na percepção total da vida. A vida não se dá apenas no nível fragmentário do pão, do sexo, da prosperidade, da ambição; a vida não é fragmentária, e quando a obrigam a sê-lo ela se torna uma questão de desespero profundo e de interminável angústia. O cérebro funciona na especialização do fragmento, nas atividades que produzem isolamento e no âmbito limitado do tempo. Ele é incapaz de ver o todo; o cérebro, por mais educado que seja, é uma parte, e não o todo. Só a mente vê o todo, e o cérebro pertence ao domínio da mente; faça o que fizer, o cérebro não pode conter a mente.

Para ver de modo total, o cérebro tem de estar num estado de negação. A negação não é o oposto do positivo; todos os opostos estão relacionados estruturalmente entre si. A negação não tem oposto. O cérebro tem de estar num estado de negação para ver de maneira total; ele não pode interferir, com suas avaliações e justificativas, com suas condenações e defesas. Ele tem de ficar imóvel por si, e não ser imobilizado por alguma compulsão; porque, neste último caso, ele será um cérebro morto, que apenas imita e se amolda a algum padrão. Quando em estado de negação, ele está inevitavelmente imóvel. E só então há a visão total. Essa visão total, que caracteriza a mente, é a ausência da entidade que vê, que observa, que vivencia; há apenas o ver. A mente fica então completamente desperta. Nesse estado de plena vigília, não há observador e observado; há apenas luz, lucidez. Cessam a contradição e o conflito entre o pensador e o pensamento.

Fontes e Agradecimentos

Extraído do relato da primeira palestra pública realizada em Madras, 22 de outubro de 1958, volume XI de *The Collected Works of J. Krishnamurti*, copyright © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Extraído do relato da quinta palestra pública realizada em Bombaim, 24 de fevereiro de 1957, volume X de *The Collected Works of J. Krishnamurti*, copyright © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

O Erudito ou o Sábio? Extraído de *Commentaries on Living First Series*, copyright © 1956 Krishnamurti Writings, Inc.

Extraído de *Krishnamurti's Notebook*, copyright © 1976 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

Extraído da gravação da segunda palestra pública realizada em Saanen, 19 de julho de 1970, copyright © 1970/1994 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

Extraído da gravação da terceira palestra pública realizada no Brockwood Park, 12 de setembro de 1970, copyright © 1970/1994 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

Extraído da gravação da primeira palestra pública realizada em Saanen, 15 de julho de 1973, copyright © 1973/1994 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

Extraído da gravação do segundo diálogo público realizado no Brockwood Park, 6 de setembro de 1973, copyright © 1973/1994 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

Extraído da gravação do segundo diálogo público realizado no Brockwood Park, 31 de agosto de 1978, copyright © 1978/1994 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

Extraído da gravação da quarta palestra pública realizada em Ojai, 15 de abril de 1979, copyright © 1979/1994 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

Extraído do relato da décima primeira conversa com estudantes em Rajghat, 22 de dezembro de 1952, volume VII de *The Collected Works of J. Krishnamurti*, copyright © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Extraído do relato da segunda palestra pública realizada em Nova Delhi, 17 de fevereiro de 1960, volume XI de *The Collected Works of J. Krishnamurti*, copyright © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Extraído do relato da terceira palestra pública realizada em Madras, 23 de dezembro de 1964, volume XV de *The Collected Works of J. Krishnamurti*, copyright © 1992 Krishnamurti Foundation of America.

Extraído do relato da quarta palestra pública realizada em Bombaim, 21 de fevereiro de 1965, volume XV de *The Collected Works of J. Krishnamurti*, copyright © 1992 Krishnamurti Foundation of America.

Extraído do relato do primeiro diálogo público realizado em Saanen, 4 de agosto de 1965, volume XV de *The Collected Works of J. Krishnamurti*, copyright © 1992 Krishnamurti Foundation of America.

Extraído do relato da segunda palestra pública realizada em Bombaim, 16 de fevereiro de 1966, volume XVI de *The Collected Works of J. Krishnamurti*, copyright © 1992 Krishnamurti Foundation of America.

Extraído do relato da primeira palestra pública realizada em Saanen, 12 de julho de 1964, volume XIV de *The Collected Works of J. Krishnamurti*, copyright © 1992 Krishnamurti Foundation of America.

Extraído do relato da oitava palestra pública realizada em Madras, 16 de dezembro de 1959, volume XI de *The Collected Works of J. Krishnamurti*, copyright © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Extraído de *Krishnamurti's Notebook*, copyright © 1976 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

SOBRE A MENTE E O PENSAMENTO

J. Krishnamurti

“Krishnamurti é um conceituado mestre espiritual, respeitado e aceito pelos membros de todas as igrejas e seitas.”

GEORGE BERNARD SHAW

“Só quando a mente está completamente tranqüila é possível tocar as águas profundas”— diz Krishnamurti.

Tomando por base a diferença entre o pensamento condicionado e o verdadeiro pensamento criativo, este livro do mestre indiano analisa o que ele chama de “aquele amplo espaço da mente que é a sede de uma energia imaginável”.

De acordo com esses ensinamentos, tão essenciais para a compreensão da natureza humana, só quando fugimos do pensamento condicionado é que conquistamos de fato a liberdade e alcançamos a realização pessoal; e só por meio da mudança da consciência individual será possível resolver os conflitos que criam empecilhos no relacionamento entre as pessoas e perturbam o funcionamento harmonioso da sociedade em geral.

* * *

J. Krishnamurti (1895-1986) foi um renomado mestre espiritual. Suas palestras e escritos continuam inspirando milhares de pessoas.

Nesta nova série publicada pela Editora Cultrix, estão incluídos os seguintes títulos:

Sobre Deus • Sobre relacionamentos • Sobre a vida e a morte • Sobre o viver correto • Sobre conflitos • Sobre a aprendizagem e o conhecimento • Sobre o amor e a solidão • Sobre a mente e o pensamento • Sobre a natureza e o meio ambiente.

EDITORA CULTRIX